



OS DESASTRES E A IGREJA LOCAL

OS DESASTRES E A IGREJA LOCAL

Directrizes para os líderes da igreja
em áreas propensas a desastres

tearfund

www.tearfund.org

100 Church Road, Teddington, TW11 8QE, Reino Unido

Tel: +44 (0)20 8977 9144

Instituição Beneficente nº 265464 (Inglaterra e País de Gales)

Instituição Beneficente nº SC037624 (Escócia)

31001(0813)



RECICLADO
Papel feito de
material reciclado

tearfund

tearfund

**Os desastres e a igreja local:
Directrizes para os líderes da igreja
em áreas propensas a desastres**

Escrito e ilustrado por Bill Crooks e Jackie Mouradian da Mosaic Creative Ltd
(www.mosaiccreative.co.uk)

Revisto por Bob Hansford

Traduzido por Isabel Carvalho, Maria Hooper

Fotografia da capa da autoria de Richard Hanson / Tearfund

Fotografia da contracapa da autoria de Murray Burt / Tearfund

Design: Wingfinger Graphics (www.wingfinger.co.uk)

O editor gostaria de agradecer aos parceiros da Tearfund em quatro países – Filipinas (PCMN Inc.), Quênia (ACK), Índia (NEICORD) e Malawi (Eagles) o seu trabalho de ensaio de campo deste recurso. São também devidos agradecimentos aos membros de uma pequena comissão organizadora, que ofereceram o seu parecer útil em diversos pontos do processo de produção e aos colegas da Tearfund que contribuíram com comentários sobre a correcção técnica e teológica de secções do texto. Finalmente, a nossa gratidão vai também para Tulo Raistrick (Consultor da Tearfund para o Desenvolvimento de Programas, Igreja e Desenvolvimento) pelos seus pareceres e encorajamento ao longo de todo o processo.

Contacto na Tearfund: publications@tearfund.org

© Tearfund 2013

ISBN 978 1 904364 04 7

A Tearfund é uma agência cristã de ajuda humanitária e desenvolvimento que trabalha para construir uma rede global de igrejas locais com a finalidade de ajudar a erradicar a pobreza.

As publicações da Tearfund encontram-se disponíveis no endereço: www.tearfund.org/tilz

OS DESASTRES E A IGREJA LOCAL

Directrizes para os líderes da igreja em áreas propensas a desastres

Prefácio

Os desastres são uma realidade frequente para muitas partes do mundo. Os cristãos não são imunes a tais desastres e as áreas afectadas incluem frequentemente redes de igrejas locais. Por exemplo, o tsunami do sudeste asiático em Dezembro de 2004 afectou as igrejas católicas de Tamil Nadu (na Índia) e as igrejas pentecostais das Ilhas Andaman. Quando o ciclone Nargis atingiu Myanmar em 2008, houve muitas igrejas baptistas no seu percurso. As cheias anuais ao longo do rio Bramaputra (em Assam) afectam um grande número de congregações locais. Em Janeiro de 2010, as igrejas da capital do Haiti, Port-au-Prince, incluindo a catedral, foram seriamente danificadas por um forte terramoto.

Estes desastres deixaram um rasto de morte, sofrimento e destruição, mas houve também histórias espantosas de igrejas que usaram a oportunidade para demonstrar o amor de Cristo de formas muito práticas.

Durante o furacão Mitch, em 1998, vastas áreas de diversos países da América Central sofreram danos graves e perda de vidas. Nas Honduras, uma pequena comunidade junto ao rio Choluteca ficou isolada pelas águas das cheias durante quase duas semanas. A igreja local decidiu alimentar e tratar de toda a comunidade, mobilizando um grupo de mulheres para preparar e cozinhar os alimentos e motivando os jovens da igreja para os levarem às pessoas idosas e àqueles que não podiam sair de casa. O líder da igreja organizou grupos de homens para reparar as casas e recolher lenha e comida, que eram guardadas na igreja. Ao fim de 14 dias, chegou a equipa de uma ONG, de barco, com mantimentos: ficaram espantados ao ver como a comunidade e a igreja se tinham organizado tão bem.

Quando a equipa se encontrou com o pastor, ele disse-lhes: "Estávamos cá antes do desastre, estivemos cá durante o desastre e estamos cá depois do desastre. As agências como a vossa vêm e vão, mas a igreja estará sempre aqui."

Em 2008, Andrew Bulmer, ex-dirigente da equipa da Tearfund para a Ásia, elaborou 12 estudos de casos de situações de todo o mundo em que as igrejas locais se tinham envolvido eficazmente em vários tipos de desastres, tanto desastres naturais como os resultantes da acção do homem. Deu seguimento a este trabalho em 2009 com uma publicação intitulada *The Local Church and its Engagement with Disasters* (A Igreja Local e o seu Envolvimento em Situações de Desastre), em que realçou sete pontos fortes, ou áreas-nicho, que a igreja local pode mobilizar quando confrontada com um desastre. Se forem reconhecidos, desenvolvidos e usados, estes pontos fortes podem fazer muito para reduzir o sofrimento e a dor normalmente associados a catástrofes.

O objectivo deste manual é, em parte, aumentar a compreensão de desastres, mas sobretudo dar orientação para as coisas práticas que uma igreja e a sua comunidade podem fazer para se preparar para um desastre, para responder eficazmente à sua ocorrência e para reduzir a probabilidade de que volte a acontecer.

1	A igreja local e os desastres	9	1
2	Como podemos organizar-nos	37	2
3	Avaliações de riscos, necessidades e capacidades	69	3
4	Pessoas deslocadas	95	4
5	Cheias	133	5
6	Tempestades de vento e deslizamentos de terras	151	6
7	Seca e insegurança alimentar	175	7
8	Terramotos	203	8

Índice

Prefácio	2
Como usar este recurso.....	8
1 A igreja local e os desastres	9
Introdução.....	10
O que é um desastre?	11
Como respondemos a desastres?	12
Resposta de emergência	13
Reabilitação.....	15
Mitigação de desastres.....	17
Preparação para desastres.....	19
Diferentes tipos de desastres.....	22
O papel de um líder da igreja na gestão de desastres.....	23
Os pontos fortes da igreja para fazer face a desastres	24
Lista de verificação para a resposta a desastres.....	30
Desenvolvimento comunitário e gestão de desastres	32
Actividade: Usar os nossos próprios recursos	33
Estudo bíblico: Porque permite Deus o sofrimento?	34
Revisão deste capítulo.....	36
2 Como podemos organizar-nos	37
Introdução.....	38
A comissão de gestão de desastres	39
Utilização de voluntários	41
Gestão de reuniões	46
Trabalhar com outros	48
Assegurar ajuda adicional.....	54
Competências básicas de planeamento e monitorização	54
Saúde e segurança	61
Lidar com as vítimas	62

Estudo bíblico: Delegação de liderança	67
Revisão deste capítulo	68
3 Avaliações de riscos, necessidades e capacidades	69
Introdução	70
Avaliação de riscos (antes de um desastre)	70
Mapeamento de riscos em áreas rurais	70
Mapeamento de riscos em áreas urbanas	77
Avaliação de necessidades	80
Avaliação de capacidades	85
Utilização dos edifícios da igreja e da comunidade em situações de emergência	89
Estudo bíblico: Avaliação da situação da cidade	91
Revisão deste capítulo	92
Próximas etapas	93
4 Pessoas deslocadas	95
Introdução	96
A resposta da igreja às pessoas deslocadas	98
Código de Conduta para as igrejas	99
Estudo de caso: A resposta ao tsunami nas Ilhas Andaman	100
Responder às pessoas deslocadas	100
Avaliar a situação	101
Registar as pessoas deslocadas	101
Satisfazer as necessidades físicas	104
Alimentos	104
Água	106
Saneamento	113
Abrigo	119
Satisfazer as necessidades espirituais	124
Recuperar o ambiente	128
Estudo de caso: Trabalhar conjuntamente	129
Estudo bíblico: Vencer o preconceito	130
Revisão deste capítulo	131



5 Cheias	133
Introdução	134
Preparação para cheias	135
Actividades de sensibilização	135
Sistemas de monitorização e alerta	137
Preparação a nível das famílias	138
Preparação a nível da comunidade	139
Preparar a igreja	140
Resposta de emergência – salvar e preservar vidas	141
Questões para discussão	142
Mitigação de cheias	143
Estudo de caso: A igreja prepara-se para as cheias anuais no nordeste da Índia	147
Estudo bíblico: O Dilúvio	148
Revisão deste capítulo	150
6 Tempestades de vento e deslizamentos de terras	151
Introdução	152
Impacto das tempestades de vento	153
Preparação para tempestades de vento	154
Medidas de mitigação	160
Localização de novos edifícios	160
Concepção e construção de casas	161
Práticas agrícolas	162
Aterros e diques	165
Deslizamentos de terras e deslizamentos de lamas	166
Estudo de caso: Resposta ao ciclone Nargis em Myanmar	171
Estudo bíblico: Lutar contra a injustiça	172
Revisão deste capítulo	173
7 Seca e insegurança alimentar	175
Introdução	176
Causas de seca e insegurança alimentar	177
Avaliação da segurança alimentar dos agregados familiares	179

Distribuição alimentar de emergência	182
Mitigação de seca.	184
Métodos de cultivo	184
Gestão da água	189
Gestão de culturas	189
Armazenagem de alimentos e bancos de cereais	191
Estudo de caso: O banco de cereais de Ateli, Burkina Faso	194
Segurança alimentar em áreas urbanas	195
Gestão da pecuária numa situação de seca	197
Estudo bíblico: A fome e um futuro rei	200
Revisão deste capítulo.	202
8 Terramotos	203
Introdução.	204
Preparação para terremotos.	206
O que fazer durante um terremoto.	208
O que fazer após um terremoto.	209
A resposta da igreja a um terremoto.	210
Mitigação de danos de terremotos	211
Construção de casas, construção da comunidade	215
Estudo de caso: Casas resistentes a sismos no Peru	216
Estudo bíblico: O carcereiro de Filipos	217
Revisão deste capítulo.	219

1

2

3

4

5

6

7

8

Como usar este recurso

Este livro foi escrito para dar orientação a líderes e membros da igreja em áreas em que ocorrem frequentemente desastres. Algumas áreas poderão considerar-se relativamente livres de condições climáticas extremas, mas isto poderá mudar futuramente com o avanço das alterações climáticas. A gestão de desastres não faz habitualmente parte das matérias estudadas em seminários ou institutos bíblicos e, no entanto, os membros das igrejas recorrerão instintivamente aos seus líderes espirituais, bem como ao governo local, para ajuda e orientação. Este livro fornecerá os conhecimentos e competências de que um líder poderá precisar para responder a estes pedidos.

As igrejas têm geralmente recursos significativos que podem ser usados em alturas de desastre – os seus edifícios, o seu recinto e os recursos dos seus membros. Têm também um grupo de pessoas empenhadas que são motivadas pela compaixão e podem ser mobilizadas para responder a uma crise. A igreja dispõe frequentemente de subgrupos fortes que podem ser usados para sensibilizar para os riscos colocados por desastres e podem juntar as comunidades para planear e reduzir esses riscos.

Este recurso tem oito capítulos, quatro deles relevantes para todos os tipos de desastres e outros quatro que tratam de tipos de perigos específicos. Os primeiros capítulos explicam os pontos fortes específicos da igreja local no que toca à resposta a desastres e dão alguma orientação sobre como organizar comissões de preparação para desastres e equipas de voluntários. Há também tabelas e modelos para planear pequenos projectos, levar a cabo avaliações de necessidades e analisar os riscos enfrentados pela comunidade. Estas tabelas e modelos podem ser fotocopiados para utilização. É dada alguma orientação prática sobre como responder às necessidades de pessoas deslocadas – especialmente os grupos mais vulneráveis – no que toca a alimentação, água, saneamento e abrigo. É também explorado o papel da igreja no fornecimento de ajuda emocional e espiritual.

Os quatro capítulos especializados dão mais informação sobre a preparação para tipos de desastre específicos e como responder a esses tipos de desastre – cheias, tempestades e deslizamentos de terras, secas e terremotos. Há também sugestões de medidas a tomar para reduzir os riscos a longo prazo.

O líder da igreja ou pastor é uma pessoa ocupada, com muitas responsabilidades, e não se pretende que seja apenas ele ou ela a usar este livro. Seria muito melhor que uma equipa de dirigentes estudasse em grupo os capítulos relevantes, talvez copiando e lendo esses capítulos com antecedência. Cada capítulo tem estudos bíblicos, estudos de caso e questões para discussão, bem como instruções práticas.

Outra abordagem seria formar uma comissão de preparação para desastres e pedir-lhe que estudasse os capítulos relevantes e elaborasse planos de preparação para os perigos previstos. A comissão necessitaria do apoio do líder ou pastor, mas este poderia decidir não fazer parte da comissão. O livro tem também material sobre como trabalhar com outras entidades – com o governo, ONG ou outras igrejas. Os respectivos representantes poderiam ser convidados para estas reuniões da comissão.

A igreja local e os desastres

Introdução	10
O que é um desastre?	11
Como respondemos a desastres?	12
Resposta de emergência	13
Reabilitação	15
Mitigação de desastres	17
Preparação para desastres	19
Diferentes tipos de desastres	22
O papel de um líder da igreja na gestão de desastres	23
Os pontos fortes da igreja para fazer face a desastres	24
Lista de verificação para a resposta a desastres	30
Desenvolvimento comunitário e gestão de desastres	32
Actividade: Usar os nossos próprios recursos	33
Estudo bíblico: Porque permite Deus o sofrimento?	34
Revisão deste capítulo	36

Introdução

Há muitas igrejas localizadas em ambientes propensos a desastres. Alguns desses desastres ocorrem subitamente, por exemplo terremotos e deslizamentos de terras, enquanto outros – como por exemplo secas prolongadas – se desencadeiam mais lentamente, ao longo de semanas ou meses. Muitos desastres relacionam-se com as condições meteorológicas, por exemplo ciclones e cheias, e há indícios de que estes tipos de desastre estão a tornar-se mais frequentes e mais graves à medida que as alterações climáticas vão afectando mais partes do mundo.

Os desastres súbitos exigem uma resposta imediata e a igreja está numa boa posição para oferecer essa resposta. Tem os seus edifícios, a sua terra e a sua gente – três recursos valiosíssimos. A igreja está também bem equipada para ajudar os sobreviventes de desastres a fazer face ao impacto emocional de perder familiares, amigos e bens. Pode oferecer conforto espiritual, apoio emocional e esperança para o futuro, independentemente da raça, religião, género ou nacionalidade.

A resposta de emergência não é a única forma de abordar desastres. Há muito que pode ser feito para preparar para perigos naturais e reduzir o seu impacto. Este capítulo explica o *ciclo do desastre* – a sequência de actividades que se seguem habitualmente a um desastre (resposta de emergência e reabilitação) e que leva à mitigação e preparação para o próximo. São dados exemplos bíblicos para cada uma destas categorias.

O capítulo apresenta também os sete aspectos em que a igreja local se encontra numa posição forte relativamente a desastres. Estes são descritos mais pormenorizadamente na publicação da Tearfund *The Local Church and its Engagement with Disasters* (A Igreja Local e o seu Envolvimento em Situações de Desastre). Há também uma lista de verificação sucinta do que fazer numa situação de desastre e um exercício para ilustrar os recursos de que a igreja dispõe para responder a uma emergência.

Por último, há um estudo bíblico sobre o tema “Porque permite Deus o sofrimento?”. Outro importante estudo bíblico, sobre o Bom Samaritano, aparece na página 130.



O que é um desastre?



Os perigos e os desastres estão estreitamente relacionados, mas não são a mesma coisa.

PERIGO O termo *perigo* descreve um evento natural ou provocado pelo homem de características excepcionalmente graves. Os perigos naturais incluem terremotos, cheias, secas, deslizamentos de terras, ciclones e incêndios. Os perigos provocados pelo homem incluem coisas como conflitos, violência entre comunidades e acidentes industriais. Este livro centra-se em perigos naturais, embora algum conteúdo (por exemplo, sobre a ajuda a pessoas deslocadas) seja útil também para perigos provocados pelo homem.

DESASTRE Um *desastre* verifica-se quando um perigo afecta pessoas que se encontram numa situação vulnerável e que não são capazes de fazer face a esse impacto. Uma família ou uma aldeia poderá ser mais vulnerável que outras.

Pessoas vulneráveis

O termo *vulnerável* é usado para descrever pessoas que sofrerão provavelmente graves perdas, danos, lesões ou mesmo a morte em resultado de um perigo. Por exemplo, as pressões económicas poderão obrigar as pessoas a viver em locais perigosos como planícies sujeitas a inundações, ou zonas costeiras baixas. Estas pessoas ficam por isso vulneráveis a cheias ou tempestades. Outras pessoas poderão ser vulneráveis em consequência do tipo de casa em que vivem ou talvez devido a uma deficiência que lhes limita a mobilidade. Alguns factores de vulnerabilidade (por exemplo, liderança inadequada, inexistência de acesso a poupanças ou a crédito) são aplicáveis a todos os perigos; outros são específicos do tipo de perigo (por exemplo, a falta de barcos gera vulnerabilidade a cheias).

As pessoas mais pobres numa sociedade estão geralmente mais em risco do impacto de desastres. No entanto, as crianças, as pessoas com deficiência, os grupos minoritários, as pessoas idosas e as mulheres grávidas ou lactantes são também vulneráveis em situações difíceis.

1

Como respondemos a desastres?

A forma como respondemos a desastres pode ser vista como uma série de etapas que se ligam umas às outras, conforme mostra o diagrama simples do ciclo do desastre, a seguir.



Nalgumas zonas do mundo, este ciclo do desastre é repetido por causa dos locais vulneráveis em que as pessoas vivem, ou devido aos padrões meteorológicos locais. Um exemplo disto é o Bangladesh. Muitas pessoas vivem em casas de má qualidade, em terras baixas que são inundadas quando os níveis dos rios sobem. A chuva forte das monções faz com que os rios subam todos os anos. O resultado é a ocorrência de desastres de cheias frequentes.

1 Resposta de emergência



1

- O objectivo da resposta de emergência é satisfazer as necessidades imediatas e básicas das pessoas que sobreviveram ao desastre – como as necessidades de alimentos, água, roupas, abrigo, cuidados médicos e segurança emocional.
- Em desastres de impacto rápido, como cheias, terremotos e ciclones, este processo centra-se em salvar vidas e reduzir o sofrimento adicional no período imediatamente a seguir ao desastre.
- Em desastres de impacto lento, como secas e fome, o período de resposta de emergência pode durar meses, ou até anos, consecutivos.
- Na eventualidade de um desastre, a maioria das vítimas é salva e ajudada por outros muito antes da chegada de ajuda externa. É aqui que a igreja pode desempenhar um papel importante, visto que tem capacidade para responder localmente.
- A ajuda externa numa emergência pode ter um impacto negativo se continuar por muito tempo. Pode tornar as pessoas dependentes da ajuda e reduzir a sua capacidade de fazer face a perigos. A igreja deve ajudar apenas a curto prazo, para evitar criar dependência.

ESTUDO BÍBLICO

Resposta de emergência Actos 11:19–30

Contexto

Havia uma grande fome em toda a região mediterrânica, que afectava especialmente

a Judeia. Tinha havido uma mensagem profética que predizia fome e a igreja de Antioquia decidiu enviar socorro à igreja da Judeia. Decidiram usar a estrutura da igreja existente como mecanismo para angariar dinheiro, transferindo-o e distribuindo-o pelos necessitados.



Pontos-chave

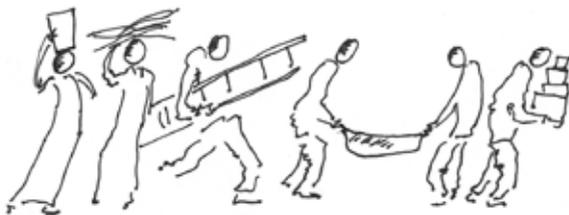
- Deus fala através de indivíduos para transmitir sabedoria e visão; isto pode ajudar a gerar consciencialização para os riscos de um desastre. Nesta instância, Deus falou pela voz do profeta Ágabo.
- A consciencialização e a compaixão levam à acção. Quando os cristãos de Antioquia ouviram falar do desastre que se avizinhava, contribuíram todos com as suas competências, tempo e recursos. Usaram a rede de cristãos e igrejas existentes e enviaram as suas dádivas por Paulo e Barnabé.

Perguntas

- 1 *Em Antioquia, um profeta avisou sobre o desastre que estava para vir. Como podemos saber se haverá brevemente uma cheia ou uma seca? Que desastres acontecem na nossa zona?*
- 2 *O que é que a igreja decidiu fazer em resposta a esta notícia?*
- 3 *A igreja em Antioquia enviou ajuda para "os irmãos que habitavam na Judeia" (versículo 29). Está certo ajudar apenas os cristãos? Hoje em dia, o Código da Cruz Vermelha é amplamente seguido nos programas de ajuda humanitária. Diz que deve ser dada assistência a todas as pessoas que dela precisem, sem discriminação. (Para uma versão deste código para a igreja, consultar a página 99.) Vê algumas dificuldades em seguir este código? Como podem as dificuldades ser ultrapassadas?*
- 4 *Há neste momento alguma indicação de que esteja iminente um desastre – como seca, cheias, terramoto ou guerra civil?*
- 5 *A sua igreja respondeu anteriormente a desastres? Como poderia melhorar o que foi feito a última vez?*
- 6 *Pode dar algumas sugestões de como a igreja poderia ajudar as pessoas afectadas por desastres noutras áreas do seu país?*



2 Reabilitação



A reabilitação inclui as medidas tomadas para reconstruir uma comunidade uma vez passada a fase de resposta de emergência. Pode durar semanas ou meses, após um desastre. A reabilitação pode incluir reparar casas, restabelecer serviços básicos (como a água e o saneamento) e ajudar as pessoas a voltar a ganhar a vida de maneira que as torne menos vulneráveis a futuros desastres. Por exemplo, os agricultores poderão querer experimentar culturas resistentes a cheias ou à seca, ou talvez passar a criar gado que possa sobreviver a condições de seca.

Esta fase oferece a oportunidade de introduzir novas directrizes e procedimentos – por exemplo, para tornar os novos edifícios mais seguros numa zona de tremores de terra. Isto pode ajudar a reduzir o risco de um desastre semelhante no futuro.

A reabilitação oferece também a oportunidade de aumentar a cooperação na comunidade através da formação de grupos de auto-ajuda ou cooperativas. Isto pode criar oportunidades de novos meios de subsistência, para que as pessoas possam ganhar a vida de uma maneira menos afectada pelos perigos.

ESTUDO BÍBLICO

Reabilitação Neemias 1-4

Contexto

Deus chamou Neemias para liderar a reconstrução de Jerusalém após o desastre da invasão e conquista, que tinha tido lugar cerca de 70 anos antes. Grande parte da cidade tinha sido destruída, incluindo as muralhas protectoras. Neemias, um judeu cativo na Babilónia, tinha alcançado uma posição importante no palácio do rei. Pediu ao rei (que era a autoridade governamental nessa época) autorização para regressar à sua cidade e recursos extra para a reconstruir (Neemias 2:8). O rei deu-lhe generosamente cartas para os governadores locais e uma escolta armada para o proteger (2:9).

Pontos-chave

- Neemias dá-nos boas lições sobre planeamento, organização, como motivar a comunidade, como lidar com a oposição, e sobre a importância da oração em todo o processo de reabilitação. Ele mostrou-nos que a reabilitação é mais do que a reconstrução física. Há também batalhas espirituais e a necessidade de reconstruir e reformar estruturas sociais injustas, que aumentam muitas vezes o sofrimento das pessoas pobres.



Perguntas

- 1 *Neemias fez uma inspeção nocturna dos danos sofridos pelas muralhas de Jerusalém (Neemias 2:11-16). Porque pensa que ele fez isto?*
- 2 *Como é que Neemias motiva e organiza as pessoas para a tarefa da reconstrução? (Neemias 2:17-18; 3:1-32). O que é que isto nos ensina sobre a partilha ou delegação de tarefas específicas?*
- 3 *Que formas de oposição encontrou Neemias? Como é que Neemias lidou com esta oposição? (Neemias 2:19-20; 4:1-5, 7-9, 13-14; 6:1-13).*
- 4 *Segundo Neemias 6:15, o trabalho foi concluído em apenas 52 dias, um feito extraordinário. Qual acha que foi o "segredo" do sucesso de Neemias?*



3 Mitigação de desastres

Há muitos perigos naturais que não podem ser evitados. É, no entanto, possível tomar antecipadamente medidas para reduzir o potencial impacto dos perigos numa comunidade, para que o risco de um desastre seja reduzido. A isto chama-se mitigação. Não se pode esperar que os pastores sejam competentes em todas as áreas a seguir indicadas. Mas eles podem ajudar a identificar as pessoas que, dentro da igreja e da comunidade, possuem estas competências e podem ser encorajadas a partilhá-las para bem da comunidade.



Exemplos de medidas de mitigação incluem:

- construir diques de protecção contra as cheias
- melhorar o sistema de drenagem para escoar mais rapidamente a água da chuva
- construir casas mais sólidas para que resistam a cheias ou a tremores de terra
- plantar árvores em vertentes íngremes para reduzir o escoamento superficial da água das chuvas
- plantar árvores em zonas costeiras para reduzir o impacto do vento e de maremotos
- escolher culturas mais resistentes à seca
- a construção da paz e a reconciliação, para reduzir futuros conflitos

A mitigação e a reabilitação estão estreitamente interligadas. Por exemplo, toda a reconstrução de casas ou meios de subsistência deve incluir medidas de mitigação para as tornar mais resistentes aos perigos.

ESTUDO BÍBLICO

Mitigação Lucas 6:46-49 e Mateus 7:24-27

Contexto

Tanto Lucas como Mateus incluem esta parábola no fim de uma sessão mais longa de ensinamentos de Jesus. No caso de Lucas, ele acaba de ensinar sobre como amar os nossos inimigos (Lucas 6:27-36), não criticar os outros (6:37-42) e julgar uma árvore pela qualidade do seu fruto (6:43-45). Na exposição de Mateus, os tópicos são semelhantes mas incluem o desejo de Deus de oferecer boas dádivas aos seus filhos (Mateus 7:7-12) e o contraste entre entrar pela porta estreita e pela porta larga (7:13-14).

1

A passagem em si não pretende ser uma orientação para construtores civis! É, sim, uma instrução de Jesus para basearmos as nossas vidas nele e na "rocha" dos seus ensinamentos e não nas modas e crenças que mudam constantemente no mundo à nossa volta (as "areias"). De qualquer modo, Jesus baseou sempre as suas parábolas em exemplos bem conhecidos da vida quotidiana. Supõe-se que as pessoas sabiam que os alicerces de uma casa são importantes – que apenas uma casa construída sobre bons alicerces tinha alguma probabilidade de ficar em pé quando as tempestades e as cheias viessem.

Pontos-chave

- É importante que a gente não ouça apenas as palavras de Jesus mas também aja com base nelas. Isto irá dar-nos uma base sólida para a vida, até mesmo quando surgirem pressões e dificuldades.
- Ouvir as palavras de Jesus sem fazer nada é uma insensatez que leva à ruína assim que surgem pressões ou oposição.

Perguntas

- 1 *A quem se dirigia Jesus com este ensinamento? Até que ponto são as duas passagens um comentário às palavras anteriores de Jesus em Lucas 6 e Mateus 7?*
- 2 *Nas suas parábolas, Jesus usa actividades da vida quotidiana, muitas vezes da agricultura (por ex. o sementeiro, a videira verdadeira) ou da criação de ovelhas (por ex. o bom pastor, a ovelha perdida). Porque será que Jesus escolhe falar da construção de casas nas passagens acima (Lucas 6:46-49 e Mateus 7:24-27)? O que é que estas passagens nos dizem das práticas de construção daquela altura?*
- 3 *Quais são as formas pelas quais nós ouvimos e recebemos as palavras de Jesus? Como podemos garantir que a casa espiritual (as nossas vidas) não cai sob a pressão? O que é que estamos nós próprios a fazer para aplicar os ensinamentos de Jesus?*
- 4 *Neste livro, escolher bons alicerces para uma casa chamar-se-ia mitigação de desastres! Que outras sugestões poderia fazer para assegurar que uma casa física não cai em caso de cheias, tempestade de vento ou tremor de terra?*



4 Preparação para desastres



Preparar para desastres naturais

A preparação é um conjunto de actividades que preparam para o impacto de um perigo – actividades que irão ajudar os membros da comunidade a fazer face a esse perigo e a recuperar dele. Quando está a fazer trabalho de preparação, tem de tomar como pressuposto que o perigo irá atingir a comunidade dentro de pouco tempo!

A população, as igrejas e as organizações comunitárias locais têm os seus próprios recursos, que podem ser usados em alturas de crise, mas estes recursos têm de estar disponíveis e acessíveis numa emergência – a preparação tem a ver com assegurar que isso acontece.

Os recursos de uma igreja incluem normalmente um edifício para oração e culto. Às vezes, estes edifícios podem ser usados para oferecer abrigo temporário para pessoas deslocadas, especialmente se a igreja for o único edifício sólido disponível e estiver situada num terreno alto. Se a igreja é considerada um local sagrado, talvez uma parte ou uma extremidade dela possa ser separada do resto e não ser usada pelas pessoas deslocadas. Se houver intenção de usar os edifícios desta forma, é necessário que eles sejam construídos de maneira segura e que sejam devidamente mantidos.

As igrejas podem também desempenhar um papel chave na preparação das suas congregações e comunidades locais para uma situação de desastre. Podem, por exemplo, dar formação, oferecer voluntários e comunicar avisos.

Alguns outros exemplos práticos de uma tal preparação incluem:

- sistemas de alerta precoce (por exemplo, o toque de sinos ou o hastear de bandeiras no edifício da igreja)
- formação em primeiros socorros para membros da igreja
- planos para a movimentação de pessoas e animais para “áreas seguras”
- manter pequenas reservas de materiais para emergências (como coberturas plásticas e alimentos secos)
- identificar as pessoas vulneráveis que precisarão de ajuda
- formação de voluntários em métodos de busca e salvamento

ESTUDO BÍBLICO**Preparação** Génesis 41:25-39**Contexto**

Deus avisou o rei egípcio através de um sonho de que a seca e a fome iam atingir o seu país. Trouxeram José da sua cela na prisão para interpretar o sonho (sobre vacas e espigas de milho!) e ele sugeriu algumas medidas para fazer face ao desastre. O rei nomeou José para implementar essas medidas.



José providenciou administradores e edifícios para armazenar cereais durante os sete anos bons. Os agricultores tinham de entregar ao governo um quinto (20 por cento) da colheita de cada ano para ser guardado e usado durante os sete anos de fome (Génesis 41:33-36).

Pontos-chave

- Esta história é sobre um perigo que foi previsto e, por isso, puderam ser tomadas medidas antes de ele acontecer. Acentua a importância dos sistemas de alerta precoce, sejam eles divinos ou produzidos pelo homem! No mundo de hoje, o alerta precoce de seca, temporais e cheias pode ajudar a reduzir o impacto destes perigos.
- A responsabilidade de gestão foi dada a José – confiavam nele. Em situações de emergência, é necessário que haja confiança nos líderes.
- Deus usou este projecto para salvar a família de Jacob e o futuro de Israel. O planeamento para desastres pode ser usado por Deus para fazer bem e alcançar os seus fins no mundo.

Perguntas

- 1 *Como é que o sonho mudou a forma como o povo do Egito respondeu à sua situação?*
- 2 *Foi confiada a José a responsabilidade de coordenar a resposta do Egito. Que qualidades tinha ele que o tornavam indicado para este trabalho?*
- 3 *Que medidas específicas implementou José para ajudar a nação (e os seus vizinhos) a sobreviver à seca?*
- 4 *Pode identificar alguns líderes naturais na sua igreja e na comunidade que pudessem ajudar numa situação de emergência e em quem fosse depositada confiança?*

Reflexões bíblicas sobre o ciclo de gestão de desastres



Na resposta a um desastre, os grupos cristãos centram muitas vezes a sua ajuda apenas na resposta de emergência; a reabilitação, a mitigação e a preparação são negligenciadas. Quando o perigo reaparece, acontece outro desastre. Se for dada mais atenção à mitigação e à preparação, as consequências nefastas do perigo podem ser em grande parte reduzidas.

Poderíamos usar um provérbio médico: "Vale mais prevenir que remediar". Isto significa que é melhor impedir que uma pessoa contraia uma doença do que ter de a tratar mais tarde. Da mesma forma, impedir um desastre é uma abordagem melhor do que simplesmente responder repetidamente ao sofrimento.

Diferentes tipos de desastres

1

Tipo de desastre	Descrição	Exemplos
Desastres de início lento	Situações em que a capacidade de as pessoas manterem os seus meios de vida declina lentamente até um ponto em que poderão não ser capazes de sobreviver. Tais situações devem-se habitualmente a condições climáticas extremas, mas são agravadas por condições ecológicas, sociais, económicas ou políticas. As alterações climáticas e a degradação ambiental causam também alterações lentas mas progressivas que podem prejudicar os meios de subsistência e as condições de vida.	<ul style="list-style-type: none"> • seca • deslocação de populações • alagamento • conflito de longa duração
Desastres de início rápido	Calamidades súbitas causadas por fenómenos naturais. Acontecem com pouco ou nada que os faça prever e têm um efeito nefasto imediato nas populações humanas, respectivas actividades e sistemas económicos.	<ul style="list-style-type: none"> • tempestades de vento (furacões, ciclones, tufões, tornados) • terramotos • erupções vulcânicas • cheias • tsunamis • cheias repentinas • rebentamentos de lagos glaciais
Desastres provocados pelo homem	Desastres ou situações de emergência cujas principais causas directas são acções identificáveis como humanas, sejam elas deliberadas ou não. Isto envolve sobretudo situações em que as populações civis sofrem vítimas, perdas de bens, serviços básicos e meios de subsistência.	<ul style="list-style-type: none"> • guerra • distúrbios da ordem pública • deslocação de populações • incêndio
Desastres tecnológicos	Situações em que um grande número de pessoas, propriedades, infra-estruturas ou actividades económicas é directa ou indirectamente afectado por grandes acidentes industriais.	<ul style="list-style-type: none"> • poluição grave • acidentes nucleares • acidentes de aviação • grandes incêndios • explosões

O papel de um líder da igreja na gestão de desastres

Os líderes da igreja podem desempenhar um papel importante ajudando as congregações e as comunidades na preparação e resposta a desastres. Há, no entanto, muitas tarefas diferentes a realizar e elas não podem ser todas levadas a cabo por um pastor. É importante que o pastor delegue tarefas e identifique pessoas com as competências apropriadas para as realizar. São a seguir indicadas algumas das coisas que os pastores podem eles próprios fazer, em paralelo com as suas responsabilidades pastorais normais.

Liderança

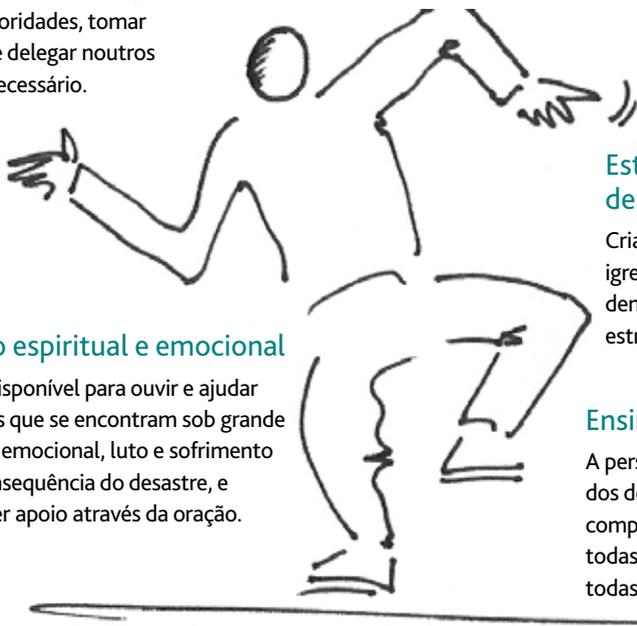
Capacidade de pensar rapidamente numa crise, definir prioridades, tomar decisões e delegar noutros quando necessário.

Conhecimentos

Estar consciente do risco de desastres na sua área e ser capaz de partilhar isto com a sua congregação e comunidade.

Gestão de voluntários

Ser capaz de recrutar, organizar e encorajar voluntários.



Apoio espiritual e emocional

Estar disponível para ouvir e ajudar aqueles que se encontram sob grande tensão emocional, luto e sofrimento em consequência do desastre, e oferecer apoio através da oração.

Estabelecer redes de contactos

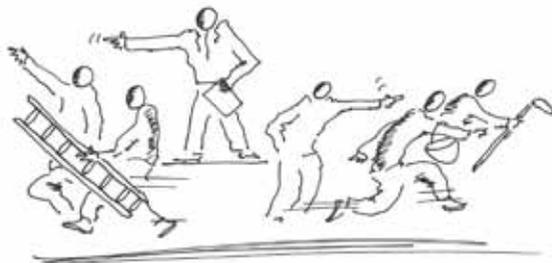
Criar ligações com a igreja mais alargada, dentro no país e no estrangeiro.

Ensinar

A perspectiva bíblica dos desastres e a compaixão de Deus por todas as pessoas, de todas as raças e credos.

Os pontos fortes da igreja para fazer face a desastres

Esta secção analisa **sete pontos fortes distintos** da igreja, que podem ser usados em situações de desastre.



1 Responder imediatamente a desastres

A igreja local já está presente quando um desastre ocorre subitamente, por isso pode ajudar imediatamente a comunidade. As necessidades são urgentes e a igreja pode sentir-se obrigada a responder.

Em locais onde ocorrem frequentemente desastres, a igreja e os seus líderes podem elaborar, em colaboração com a comunidade local, planos simples de preparação para desastres. Por exemplo, isto poderia incluir identificar percursos para evacuação, disponibilizar a igreja e os edifícios comunitários para abrigo de emergência e criar reservas alimentares para emergências.

Alguns desastres começam mais lentamente: por exemplo, quando se verifica uma seca, as pessoas sofrem continuamente durante muitos meses. A igreja pode ajudar partilhando os seus recursos entre os membros. Quando está prevista uma seca, a igreja pode ser capaz de assumir a liderança na comunidade, criando um banco de cereais para armazenar alimentos (consultar o capítulo 7, página 192). Como medida a mais longo prazo, se a igreja tiver algum terreno, poderá ser capaz de demonstrar novos métodos de horticultura ou novas culturas e encorajar os agricultores a adoptá-las.

As igrejas católicas de Tamil Nadu, na Índia, responderam imediatamente à devastação após o tsunami do sudeste asiático, em 2004, salvando pessoas, cuidando dos feridos, consolando os familiares das vítimas e enterrando os mortos.

- *De que formas pensa que a sua igreja poderia responder imediatamente na eventualidade de um desastre?*
- *Que planos poderia a sua igreja elaborar agora para poder responder rapidamente na eventualidade de um desastre?*

2 Oferecer recursos

A igreja local dispõe de bens e recursos que pode usar em situações de desastre. As pessoas constituem um recurso fundamental e podem ser mobilizadas num corpo de voluntários dispostos a actuar, motivados por amor e compaixão e formados em competências apropriadas para a situação. Os edifícios são também bens valiosos que podem abrigar pessoas deslocadas ou ser usados para armazenar materiais de resposta a emergências. Os sinos da igreja podem ser disponibilizados como parte de um sistema de alerta precoce. O terreno da igreja pode proporcionar uma área de acampamento temporário para pessoas deslocadas.

Visto que as congregações se reúnem regularmente, num grupo global ou em vários grupos mais pequenos, é possível transmitir mensagens a um número de pessoas significativo. Estas mensagens podem ser sobre mitigação ou preparação antes de o desastre ocorrer. Podem ser dadas instruções em alturas de emergência. O pastor local pode suplementar a informação com uma mensagem espiritual, aumentando as probabilidades de que ela seja bem recebida e usada.

A igreja pentecostal de Makamba, no Burundi, disponibilizou 20 hectares de terreno da igreja para o cultivo de um tipo de lentilha (uma leguminosa) que permitisse vender no mercado local uma papa nutritiva pré-misturada, com o objectivo de ajudar as crianças subnutridas.

- *Que bens ou recursos tem a sua igreja que pudessem ser úteis numa situação de desastre? (Pense em terras, edifícios, sinos, etc.)*
- *Que informação útil poderia a sua igreja transmitir, antes e durante uma possível situação de desastre?*
- *De que competências dispõe na sua congregação? (Por exemplo, conhecimentos médicos, experiência de construção, capacidade de aconselhamento.)*



3 Oferecer compaixão e cuidados

1



Um dos pontos mais fortes da igreja é a importância que dá às relações humanas. Isto torna-a muito competente para oferecer apoio relacional. A igreja reconhece as dores e os sofrimentos íntimos das pessoas e responde com hospitalidade e cuidados pastorais. Reconhece que as pessoas têm carências espirituais e emocionais e devem ser tratadas com dignidade; infelizmente, as organizações de ajuda humanitária nem sempre fazem isto.

A igreja pode fazer funerais e enterros e transmitir a mensagem do amor de Deus e de esperança para o futuro. A oração é também um contributo-chave, tanto para as vítimas do desastre como para os trabalhadores humanitários que sofrem elevados níveis de tensão e pressão emocional.

Depois do tsunami do oceano Índico em 2004, muitas pessoas perderam as suas casas e receberam alojamento temporário em campos. A missão pentecostal de Port Blair, nas Ilhas Andaman, ouviu as pessoas que viviam num campo, orou por elas, prestou-lhes cuidados e serviu alimentos a mais de 500 pessoas por dia.

- *De que formas poderia a sua igreja dar apoio a pessoas enlutadas ou emocionalmente perturbadas por um desastre?*
- *Como pode a igreja mostrar amor e hospitalidade em alturas de crise?*

4 Influenciar e moldar valores

As pessoas são muitas vezes mais vulneráveis a perigos devido a valores e crenças culturais. Por exemplo, as sociedades que atribuem pouco valor às mulheres poderão não tomar medidas suficientes para cuidar delas em alturas de crise. A igreja local pode tratar deste tipo de problema – todos têm valor aos olhos de Deus e todos devem ser tratados da mesma forma, independentemente da sua origem ou das suas crenças. A igreja tem experiência de lidar com

valores, comportamento e visões do mundo diferentes, e procura introduzir transformação nestas áreas.

O ensino bíblico é uma parte central desse processo. Em muitas comunidades, as pessoas esperam da igreja uma liderança moral. Noutras comunidades, em que é uma minoria, a igreja pode ter um papel profético, questionando com cortesia as opiniões gerais quando é seguro fazê-lo.

Algumas comunidades e culturas têm uma atitude fatalista que pode prejudicar significativamente tanto a preparação para desastres como a resposta aos mesmos. A igreja local pode questionar esta atitude, porque tem uma visão para o futuro. A igreja baseia-se na esperança e na expectativa de ver Deus trazer a mudança, portanto, não deve partilhar do fatalismo que pode ser comum na comunidade mais alargada.



As igrejas de Puno, no Peru, acentuaram a participação das mulheres nos seus projectos de preparação e mitigação. Esta era uma sociedade em que não se esperava que as mulheres desempenhassem tal papel.

- *Que valores e atitudes na sua comunidade tornam algumas pessoas mais vulneráveis a desastres? Existe fatalismo ou superstição?*
- *Como pode a sua igreja questionar e mudar esses valores e atitudes?*
- *Quais são os ensinamentos mais importantes que a igreja deve transmitir após um desastre?*

5 Agir como mediador para a paz na comunidade

Em muitas comunidades, a igreja vê naturalmente o seu papel como de reconciliação e mediação para a paz. Pode ajudar a evitar violência futura ajudando as pessoas a encontrar soluções para disputas de longa data e encorajando o perdão de más acções passadas. Pode ajudar a resolver conflitos organizando pequenos grupos que podem analisar as causas das disputas e começar a tratá-las. A igreja está muitas vezes presente de ambos os lados de um conflito étnico e está, portanto, numa boa posição para ajudar a restabelecer a paz.

Em desastres naturais, aplicam-se os mesmos princípios – a igreja pode questionar o egoísmo e a competição por recursos escassos. A justiça, a imparcialidade e o perdão são princípios importantes nesses contextos e a igreja pode defendê-los.



As igrejas locais de Marsabit, no Quênia, estabeleceram fóruns de mediação para a paz para evitar futuros surtos de violência entre duas comunidades pastoris, motivados por direitos de pastagem e escassos recursos de água.

- *Que fontes de conflito existem na sua comunidade e o que pode a igreja fazer para ajudar a resolver essas disputas?*
- *Como pode a igreja assegurar que todos os que na comunidade precisam de ajuda a recebem?*

6 Facilitar a acção na comunidade

A igreja local, através das suas relações na comunidade, da sua credibilidade e da sua liderança, pode ajudar a aproximar as pessoas e a organizá-las para a acção – antes e depois de uma crise. Isto aplica-se não só a desastres súbitos como também a desastres insidiosos e lentos, como a seca e a fome. Dentro da igreja, há normalmente grupos de jovens, grupos de mulheres e outros que podem ser muito rapidamente mobilizados para a acção.



A igreja anglicana de Ruaha, na Tanzânia, organizou a sua comunidade para levar a cabo a selecção de beneficiários e a distribuição de materiais de resposta a emergências, para que as pessoas mais pobres recebessem assistência.

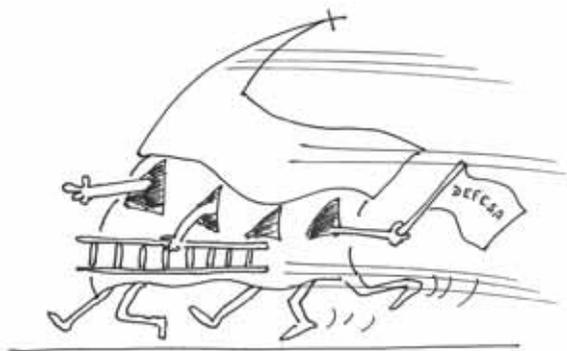
- *Como poderia a sua igreja reunir toda a comunidade para decidir sobre medidas a tomar como preparação ou resposta a desastres?*
- *Quem são as pessoas-chave na sua comunidade que desejaria envolver no planeamento e direcção de uma tal reunião comunitária?*

7 Defender as pessoas pobres e as pessoas marginalizadas

Numa situação de desastre, a igreja pode ser a defensora das pessoas pobres e das pessoas marginalizadas – por exemplo, assegurando que estas pessoas recebem bens de ajuda humanitária. A igreja pode garantir que a ajuda está realmente a chegar às pessoas mais vulneráveis da comunidade.

Em muitas comunidades, os líderes da igreja são respeitados e têm alguma influência. As

redes mais vastas da igreja constituem outra vantagem, porque permitem fazer essa defesa a vários níveis – por exemplo, passando a informação aos centros nacionais da igreja.



As igrejas de Bulawayo, no Zimbabué, intercederam com êxito junto do enviado da ONU, que veio a saber mais sobre a situação quando as pessoas perderam as suas casas na demolição pelo governo dos bairros de lata da cidade.

- *Há problemas de injustiça na sua comunidade local que necessitem de ser enfrentados e como poderá a sua igreja fazer isto da melhor maneira?*
- *Quem são as pessoas pobres e as pessoas marginalizadas da sua comunidade que poderiam ser descuradas por programas de resposta a situações de emergência?*

Lista de verificação para a resposta a desastres

1

Ênfase	Tarefas
Coordenação	<p>Convocar uma reunião de emergência dos líderes da igreja e da comunidade para acordar no seguinte:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Quem irá coordenar uma avaliação das necessidades para emergências? • Quem irá fazer a avaliação? • Quem irá coordenar os recursos disponíveis?
Identificação de recursos	<p>Fazer uma lista de todos os recursos disponíveis na igreja e na comunidade nas seguintes categorias:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Voluntários disponíveis e respectivas competências • Alimentos, utensílios e combustível para cozinhar disponíveis • Materiais de abrigo disponíveis • Opções de água e saneamento disponíveis • Primeiros socorros e cuidados de saúde disponíveis • Recursos de armazenagem disponíveis para os artigos acima
Avaliação de necessidades	<p>Fazer a avaliação das necessidades entre todas as pessoas afectadas – de todas as origens e crenças (consultar o capítulo 3, página 80). Uma vez efectuada a avaliação, acordar no seguinte:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Prioridades de primeiros socorros e saúde • Prioridades de alimentação • Prioridades de abrigo • Prioridades de água e saneamento <p>Elaborar um plano para cada uma das áreas acima; usar os recursos identificados na etapa anterior; decida quanto a quaisquer recursos extra necessários (por exemplo, pessoas ou dinheiro); minimizar os riscos de segurança.</p>
Organizar equipas de voluntários para realizar as tarefas	<p>Considerar equipas especializadas para as seguintes áreas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Primeiros socorros e cuidados de saúde • Armazenagem e distribuição de alimentos • Construção ou reparação de abrigos • Água e saneamento • Aconselhamento e apoio emocional <p>Nomear voluntários para tratar das necessidades prioritárias identificadas pela avaliação de necessidades (acima). Certificar-se de que todos os voluntários recebem instruções e apoio para levar a cabo as suas tarefas específicas.</p>

Ênfase	Tarefas
Recuperação continuada	<p>Em respostas a mais longo prazo, considerar os seguintes aspectos:</p> <ul style="list-style-type: none">• Um sistema de turnos, para que os voluntários possam descansar• Contacto regular com funcionários governamentais e outras organizações ligadas à resposta• Análises regulares com líderes da igreja e da comunidade, para avaliar o progresso da resposta

Numa situação de desastre, as pessoas procuram naturalmente a liderança do pastor. O pastor tem, no entanto, muitas responsabilidades e é possível que haja um membro da igreja com as competências e a confiança para coordenar a resposta ao desastre. Nesse caso, o pastor poderá apoiar e aconselhar o coordenador e encarregar-se de outros aspectos da resposta – o ensino, a oração e o aconselhamento – para os quais tem melhor formação. O pastor terá também conhecimento dos talentos dos membros da igreja e pode por isso ajudar a identificar os indivíduos capazes de ajudar.



1

Desenvolvimento comunitário e gestão de desastres

Os projectos de desenvolvimento comunitário continuado podem ajudar as comunidades a tornar-se mais resistentes a desastres de início lento bem como a desastres de início rápido.



O desenvolvimento comunitário gera resiliência

- trabalho conjunto das comunidades
- melhoria dos meios de subsistência e da educação
- reforço de rendimentos e bens
- actividades de mitigação de desastres
- avaliações de riscos e planos de preparação para desastres

A comunidade responde e recupera do desastre

- assistência e recuperação de base comunitária
- lições tiradas do desastre
- fortalecimento continuado dos meios de subsistência
- avaliações de riscos e planos de preparação para desastres

Por contraste, os benefícios do desenvolvimento podem perder-se se não forem tidos em consideração o risco de desastres e as alterações climáticas. Por exemplo, podem ser inundados novos poços em terras baixas, ou podem ser danificadas novas culturas pela seca.

A Tearfund produziu um recurso intitulado *Umoja* (a palavra para o sentimento de união em swahili) que ajuda a igreja local a trabalhar com a comunidade para organizar um projecto que traga mudanças duradouras. Este recurso pretende fortalecer a visão da igreja para trabalhar com a comunidade através de toda uma gama de actividades e medidas práticas e pode ser usado juntamente com este manual.

Umoja, um recurso fundamental para a mobilização da igreja e da comunidade, pode ser obtido através da Tearfund. E-mail: umoja@tearfund.org

Actividade: Usar os nossos próprios recursos

Esta é uma boa actividade para levar um grupo a pensar sobre aquilo que pode fazer com os seus próprios recursos. Pode gerar grande divertimento e riso, ao mesmo tempo que proporciona uma aprendizagem útil. Ao usar este exercício, é importante ter em atenção a cultura e a tradição local. Esta é apenas uma de muitas actividades contidas no recurso *Umoja*.

A todo o comprimento

Peça ao grupo que forme duas filas com o mesmo número de pessoas cada.

Explique que vão usar tudo o que tenham na sua posse (atacadores, cintos, gravatas, etc.) para formar a fila mais longa possível.

Cada uma das pessoas tem de ficar em contacto com outra, seja por meio de uma parte do corpo ou segurando um cinto, uma gravata, etc.

A equipa que formar a fila mais longa é aquela que ganha.

- *O que é que as pessoas estiveram dispostas a fazer para tornar a fila tão longa quanto possível?*
- *Quais foram os entraves a que as pessoas partilhassem aquilo que tinham?*
- *O que é que este exercício nos ensina sobre como usar os nossos próprios recursos?*
- *Que competências e recursos tem a sua igreja para responder a desastres?*

Pontos de aprendizagem para discutir com o grupo

- Pode ser surpreendente ver o que podemos conseguir usando apenas aquilo que temos: os recursos existem, mas podem nem sempre ser reconhecidos.
- Às vezes, as situações difíceis produzem líderes naturais.
- Quando as pessoas têm uma ideia clara daquilo que é necessário, sentem-se motivadas e com mais energia.
- As situações difíceis podem gerar criatividade. Por exemplo, as pessoas podem decidir deitar-se no chão para tornar a fila maior, ou encontrar maneiras criativas de usar roupas e acessórios.
- Algumas pessoas poderão não se sentir à vontade com este exercício. Às vezes, renunciar aos nossos recursos a favor do bem comum pode também ser difícil e desconfortável.

ESTUDO BÍBLICO**Porque permite Deus o sofrimento?** Lucas 13:1-5**Contexto**

Esta passagem refere-se a dois acontecimentos que envolvem sofrimento que tinham ocorrido recentemente e que teriam sido muito falados pelas pessoas que rodeavam Jesus. É a nossa única fonte de informação sobre estes acontecimentos.

1 *Que dois acontecimentos são mencionados aqui?*

O primeiro incidente parece ter sido que Pilatos, o governador romano de Jerusalém, cometeu um acto profundamente sacrílego, mandando matar fiéis judeus quando estes ofereciam sacrifícios no templo.

O segundo incidente regista o desmoronamento de uma torre em Siloé, que fazia parte da muralha de Jerusalém, matando 18 pessoas.

Um conjunto de mortes é resultado de brutalidade política; o outro resulta de um acidente fortuito.

2 *Houve alguns acontecimentos recentes no seu país que tenham sido semelhantes?***A questão sobre o sofrimento (v2)****3** *Nesta passagem, ouvimos apenas a parte de Jesus na conversa. Qual pensa que poderá ter sido a pergunta que levou Jesus a responder como respondeu?*

Na antiguidade, pensava-se muitas vezes que os desastres e as calamidades só aconteciam às pessoas que eram extremamente pecadoras. Veja-se João 9:1-2 e Jó 4:7 para exemplos de pessoas que fazem esta suposição.

4 *É uma pergunta que tenha ouvido as pessoas fazerem hoje em dia? É uma pergunta que você mesmo tenha feito?***A resposta de Jesus****5** *Como é que Jesus responde a esta pergunta? Jesus acredita que o nível dos nossos pecados afecta como ou quando morremos?*

De reparar que Jesus raramente responde a perguntas com um simples "sim" ou "não", mas fá-lo aqui.

- 6** *Lembra-se de pessoas devotas, na Bíblia ou nos tempos modernos, que tenham sofrido? O sofrimento dessas pessoas foi resultado do seu pecado pessoal?*

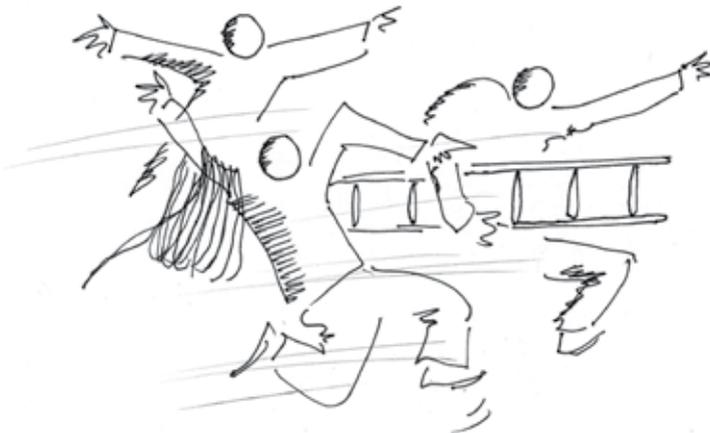
Só no Novo Testamento, por exemplo, João Baptista, Estêvão e, claro, o próprio Jesus, todos eles sofreram mortes cruéis e desumanas e na igreja primitiva houve muitos outros mártires.

- 7** *O que pensa que Jesus quer então significar quando diz que "se não vos arrependerdes, todos de igual modo perecereis" (versículos 3, 5)?*

Jesus parece estar a dizer que há consequências para as acções. Se o povo de Israel continuasse a viver em desobediência a Deus, Jerusalém acabaria por ser destruída e todos os seus cidadãos, inocentes ou não, morreriam às mãos dos soldados romanos e no desmoronamento das muralhas da cidade. Isto é mais ou menos o que aconteceu cerca de 40 anos mais tarde, no ano 70 d.C.

Aplicação

- 8** *Como podem as nossas acções levar ao sofrimento de outros?*
- 9** *Como devemos responder àqueles que estão a sofrer em consequência de desastres naturais ou provocados pelo homem?*
- 10** *Se as pessoas disserem que os desastres são castigos de Deus para aqueles que erram, como responderá você?*



Revisão deste capítulo

- *O que aprendemos sobre as causas de desastres e como entendemos as palavras-chave: risco, vulnerabilidade e perigo?*
- *Que exemplos existem na Bíblia de como as pessoas responderam numa situação de crise e o que podemos aprender com eles?*
- *Quais são os sete pontos fortes da igreja local que são úteis em alturas de desastre?*
- *Que competências e recursos específicos temos na nossa igreja e comunidade que possam ser usados para nos prepararmos para um desastre e lhe respondermos? Como podemos assegurar que as competências, tanto de homens como de mulheres, são inteiramente reconhecidas e usadas?*
- *Quais devem ser as prioridades do líder da igreja ou pastor quando ocorre um desastre? Que responsabilidades podem ser delegadas noutros membros da igreja?*

2

Como podemos organizar-nos

Introdução	38
A comissão de gestão de desastres	39
Utilização de voluntários	41
Gestão de reuniões	46
Trabalhar com outros	48
Assegurar ajuda adicional	54
Competências básicas de planeamento e monitorização	54
Saúde e segurança	61
Lidar com as vítimas	62
Estudo bíblico: Delegação de liderança	67
Revisão deste capítulo	68

Parte do material contido nesta secção foi extraída de *Umoja: Manual de Facilitação*, da Tearfund.

Introdução

Este capítulo analisa as questões que uma igreja teria normalmente de considerar para se preparar, responder e reduzir com êxito o impacto de qualquer tipo de desastre. Noutros capítulos, analisaremos perigos específicos em mais pormenor.

Alguns do conteúdo poderá ser mais relevante para uma igreja grande, com um grande número de pessoas e recursos. Se a sua igreja é pequena, seleccione as coisas que são possíveis para si, dada a sua capacidade mais limitada. Não se sinta culpado por não poder fazer tudo aquilo que descrevemos aqui! Uma igreja mais pequena poderá precisar de ver especialmente a secção seguinte, sobre como trabalhar com outros: esta pode ser uma forma de encontrar mais pessoas, competências e outros recursos necessários para o trabalho.

Às vezes, os líderes da igreja tentam fazer tudo sozinhos: não é este o padrão bíblico! No Antigo Testamento, vemos que Moisés teve de aprender a delegar tarefas noutros (Êxodo 18:5-26). No Novo Testamento, os líderes da igreja primitiva tiveram de escolher pessoas responsáveis que se encarregassem do trabalho prático de alimentar os membros da igreja necessitados (Actos 6:1-7). Fazendo isto, os líderes puderam concentrar-se na pregação e no ensinamento da igreja em crescimento. A primeira secção deste capítulo segue este princípio e descreve como organizar uma comissão de gestão de desastres – pessoas com as qualidades e competências necessárias para tomar conta desta parte da vida da igreja e da comunidade.

Um dos pontos fortes de uma igreja é a capacidade de mobilizar voluntários de entre os membros da igreja. Este é um aspecto importante da resposta a qualquer desastre. Este capítulo dá ideias para como recrutar, seleccionar e formar voluntários. Os voluntários são mais eficientes quando são devidamente apoiados e encorajados por líderes da igreja.

Um desastre poderá criar a necessidade de iniciar um pequeno projecto – por exemplo, para reconstruir uma escola ou reparar uma barragem fluvial de aterro. Este capítulo dá algumas ideias de como planear, implementar e monitorizar um projecto deste tipo, se a igreja tiver capacidade para o fazer.



No caso de um desastre de grandes dimensões, poderá ser aconselhável que a igreja trabalhe com cristãos de outras denominações, com outros grupos religiosos, com potenciais doadores e com as autoridades locais. Às vezes, o trabalho conjunto pode significar uma cooperação activa, a partilha de recursos e a aprendizagem mútua. Noutras alturas, poderá ser necessária apenas uma cooperação de baixo nível – saber apenas onde outras entidades estão a trabalhar e o que estão a fazer. Isto ajuda a assegurar que não competimos uns com os outros, nem duplicamos o trabalho uns dos outros, e não há grupos carentes que fiquem sem assistência.

Os desastres provocam quase sempre tensão e fazem frequentemente vítimas. Este capítulo tem também material sobre formas de minimizar a tensão e algumas sugestões de primeiros socorros básicos para ajudar os feridos. Seleccione os tópicos mais relevantes para a sua situação.

A comissão de gestão de desastres

Em alturas de crise, os membros de uma igreja podem procurar a ajuda e orientação do seu líder. Os líderes (ou pastores) não têm, contudo, formação em resposta a desastres e não podem fazer tudo sozinhos. Este livro recomenda a formação de uma comissão de gestão de desastres, que possa fazer a preparação para desastres e responder à respectiva ocorrência. Esta comissão deve ser constituída por homens e mulheres. O pastor encontra, geralmente, na igreja pessoas com toda uma variedade de competências e talentos relevantes para situações de desastre. (Consulte também o estudo bíblico da página 67.)

Funções

As principais funções da comissão de gestão de desastres são:

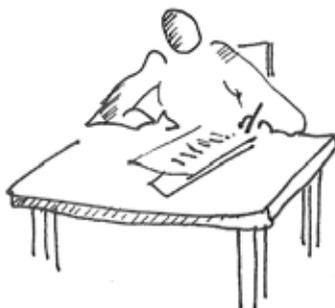
- coordenar a avaliação de necessidades após um desastre súbito
- assegurar a satisfação das necessidades básicas de água, alimentação, abrigo, instalações sanitárias e cuidados médicos para todos os membros da comunidade, especialmente para os grupos mais vulneráveis
- coordenar a avaliação de riscos (antes de um desastre)
- coordenar e apoiar as equipas de voluntários
- agir como organismo central, responsável pela tomada de decisões
- estabelecer e manter a coordenação entre os diversos grupos na resposta ao desastre
- analisar o progresso de uma resposta e procurar recursos adicionais quando necessários
- elaborar planos de preparação para desastres e um plano de acção para mitigação.

Cargos e responsabilidades

Devem ser atribuídos a alguns membros da comissão de gestão de desastres cargos e responsabilidades específicos:

Coordenador(a)

- supervisionar as actividades de preparação e mitigação do impacto de desastres
- coordenar uma resposta eficaz na eventualidade de um desastre
- presidir a reuniões e/ou tomar notas das mesmas (se bem que estas tarefas possam ser realizadas por outra pessoa)



NOTA: É preferível que o coordenador não seja o pastor, mas o coordenador deve comunicar regularmente com o pastor.

Tesoureiro(a)

- supervisionar a utilização dos fundos da igreja e também dos fundos doados por outras agências para ajudar na resposta a um desastre
- assegurar que é feita uma boa gestão dos recursos da igreja e do dinheiro oferecido por outros parceiros
- produzir relatórios simples que possam ser usados para mostrar como os fundos estão a ser usados e para manter o coordenador informado.



Responsável pela logística

- supervisionar o fornecimento de alimentos, roupas, água e abrigo às pessoas afectadas por um desastre
- alugar transporte local para a movimentação de provisões. (Esta responsabilidade pode exigir duas ou mais pessoas.)



Responsável pelas comunicações

- coordenar as comunicações com as agências externas e com outras igrejas
- comunicar com as autoridades locais e os funcionários governamentais.



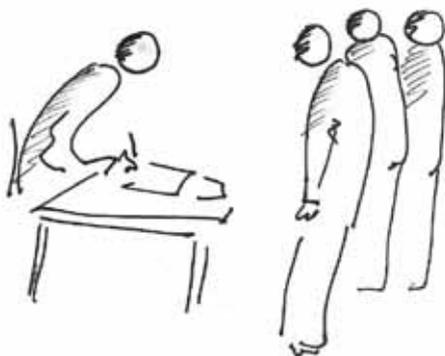
2

Utilização de voluntários

Recrutamento de voluntários

O seu trabalho de resposta a desastres precisará de voluntários dispostos a trabalhar e fiáveis. Estes são alguns princípios fundamentais que o ajudarão a recrutar voluntários:

- Faça uma lista das características essenciais que os voluntários necessitarão de ter – por exemplo, devem ser pessoas bem conhecidas, fiáveis, que estejam em forma e de boa saúde, trabalhadoras e de confiança.
- Certifique-se de que as funções dos voluntários são claramente definidas e registadas por escrito. Esta descrição básica do cargo deve incluir o nome da pessoa que orientará o voluntário. Isto ajudará a motivar o voluntário, a assegurar que ele ou ela recebe o apoio adequado e a evitar confusão relativamente às funções.
- Se possível, quando estiver a fazer a preparação para um desastre, faça uma lista de nomes de voluntários e emparelhe-os com as funções específicas que descreveu.
- Quando estiver a recrutar voluntários, lembre-se de que a capacidade de manter boas relações com outras pessoas e trabalhar em equipa é tão importante como as competências e a experiência.
- Se necessita de um grande número de voluntários, procure aqueles que podem tomar a seu cargo tarefas específicas e escolha alguns que possam tornar-se supervisores ou chefes de equipa.
- Quando falar com voluntários, dê tempo suficiente para assegurar que entenderam claramente as suas funções e têm oportunidade para expressar quaisquer receios ou preocupações, que poderão então ser respondidas.
- Em determinados contextos culturais específicos, poderá precisar de mulheres voluntárias para trabalhar com as mulheres que tenham sido afectadas pelo desastre.



Funções dos voluntários

Existem várias funções diferentes para os voluntários na preparação e resposta a desastres – estas funções são a seguir indicadas. Poderá precisar de adaptar algumas destas tarefas de acordo com o desastre específico que enfrente.

2 Chefe de equipa

Cada uma das equipas a seguir indicadas necessitará de um chefe que oriente e encoraje os membros da equipa. O chefe da equipa receberá instruções de um membro designado da comissão de gestão de desastres. Deve ter alguma experiência relevante para a função da equipa e boas qualidades de líder.



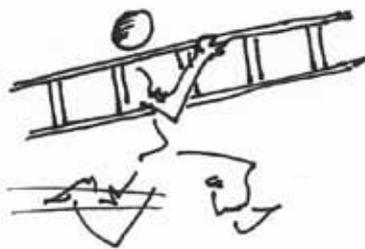
Equipa de consciencialização e alerta

Esta equipa tem a seu cargo sensibilizar a comunidade para os riscos de desastres e para aquilo que a comunidade pode fazer antes e depois da respectiva ocorrência. A equipa deve também administrar um sistema de alerta local apropriado para o tipo de desastre. Estes voluntários podem também ser responsáveis por alertar grupos vulneráveis específicos, especialmente as pessoas idosas, as pessoas com deficiência ou com uma doença prolongada.



Equipas de salvamento

Os membros da equipa são responsáveis pelo salvamento de pessoas que tenham ficado presas ou feridas por um desastre. Necessitam de ter força física para movimentar os destroços e materiais, transportar corpos, usar equipamento de salvamento (por exemplo, cordas, escadas, ferramentas de escavação), ou usar barcos ou canoas. Devem também ter alguma formação em primeiros socorros, já que serão as primeiras pessoas a ter contacto directo com as vítimas. (Consulte as páginas 63 a 66.)



Equipa de logística

Estes voluntários são responsáveis por recolher artigos essenciais para as pessoas que ficaram sem abrigo. Isto inclui artigos como alimentos, materiais para abrigo, fornecimento de água e medicamentos básicos. Devem também organizar qualquer transporte necessário.



Equipa de distribuição de alimentos

Após um desastre, podem perder-se as reservas alimentares e os mercados poderão não funcionar. Neste caso, é necessário trazer alimentos do exterior. Precisarão de voluntários para tratar destes alimentos e para organizar a distribuição de rações diárias. Devem também ser capazes de registar informação básica, como sejam pormenores das famílias, e gerir as existências de alimentos. Esta equipa pode também precisar de cozinhar e distribuir os alimentos cozinhados pelas pessoas que estejam doentes ou que não possam deslocar-se ao centro de alimentação.



Equipa de abrigo e instalações sanitárias

Estes voluntários são responsáveis por ajudar as pessoas a construir abrigos temporários. Determinarão também qual o número de instalações sanitárias que são necessárias e ajudarão a construí-las.

Devem monitorizar os abrigos para assegurar que são eficazes na eventualidade de mau tempo e fazer as alterações necessárias. Devem garantir que há um sistema que permita que as pessoas lavem as mãos depois de usar os sanitários, para evitar o risco de propagação de doenças. Esta equipa poderá também estar envolvida na escavação de sepulturas e em enterros.



Equipa de aconselhamento e oração

Estes voluntários dão apoio emocional e espiritual ouvindo, orando e aconselhando. Nalgumas situações, poderá ser apropriado realizar um pequeno serviço religioso para ajudar aqueles que perderam entes queridos.



Motivar e apoiar os voluntários

A maneira mais profunda de motivar os voluntários é talvez ajudá-los a ver que as suas acções são uma expressão da sua fé cristã – eles estão a fazer aquilo que Cristo faria. É também um facto que a forma como apoiarmos, valorizarmos e encorajarmos os voluntários determinará a sua motivação e empenhamento na tarefa.

Estas são algumas outras formas de mostrar às pessoas que as valorizamos:

- Encoraje-as no início do dia.
- Aproveite a oportunidade de lhes agradecer por aquilo que fazem, por mais pequeno que seja.
- Peça-lhes a sua opinião.
- Mostre interesse por elas como pessoas.
- Celebre com elas quando é concluída uma tarefa importante.
- Confirme que estão bem, emocionalmente.
- Certifique-se de que descansam adequadamente entre os turnos.

Os voluntários envolvidos em projectos de preparação a longo prazo devem receber formação de reciclagem e devem ser-lhes dadas oportunidades de praticar as suas competências. Isto pode ser feito criando exercícios de simulação em que os voluntários tenham de realizar tarefas específicas. Os cursos de reciclagem em primeiros socorros são essenciais.

As despesas de alimentação e transporte dos voluntários devem ser pagas na totalidade. Às vezes, poderá ser apropriado recompensar os serviços de um voluntário com um pagamento em dinheiro, especialmente se a pessoa tiver deixado de fazer o seu trabalho remunerado normal para trabalhar como voluntário.



Formação de voluntários

Todos os voluntários necessitam de alguma orientação: terá de lhes explicar o que se espera que façam e de os apresentar aos outros membros e chefes das equipas. Uma boa orientação para os novos voluntários deve incluir o seguinte:

- uma explicação da finalidade global da sua equipa e de como ela contribui para o projecto da igreja e da comunidade na preparação e resposta a desastres
- uma descrição das principais tarefas que os voluntários necessitarão de realizar
- o nome da pessoa a quem devem dirigir-se se precisarem de ajuda para a tarefa
- os nomes das pessoas com quem vão trabalhar e como as suas funções se complementam
- sensibilização para os sintomas de stress e como gerir esses sintomas
- orientação sobre como tratar as vítimas do desastre com dignidade e respeito
- instruções claras sobre comportamento aceitável e comportamento inaceitável, especialmente no que respeita a crianças. (O abuso de crianças é bastante comum depois de grandes desastres – os voluntários têm de proteger as crianças, não podem maltratá-las.)
- formação especializada para subgrupos que irão realizar tarefas mais especializadas (ver a lista seguinte).

Necessidades de formação especializada

É importante equipar os voluntários com as competências necessárias. Às vezes, poderá haver membros da igreja capazes de liderar alguns tópicos de formação – por exemplo, se tiver um médico ou enfermeiro na sua igreja, essa pessoa poderá talvez ajudar com a formação em primeiros socorros. Outras necessidades de formação poderão incluir:

- mapeamento de riscos (consulte o capítulo 3)
- uso de sistemas de alerta precoce para desastres de início lento e desastres de início rápido
- competências básicas de planeamento de projectos (consulte a página 54)
- competências de coordenação e gestão para emergências
- alimentação em situações de emergência e segurança alimentar
- competências de salvamento e primeiros socorros
- boas práticas de água e saneamento
- aconselhamento para pessoas enlutadas
- mediação para a paz e reconciliação.

Gestão de reuniões

São necessárias reuniões para planejar e coordenar as actividades. Convide as pessoas que tenham competências, conhecimentos, ou influência especiais na comunidade. O diálogo franco e aberto ajuda a evitar mal-entendidos ou a duplicação de esforços.

Dado que as situações de desastre evoluem rapidamente, são necessárias reuniões regulares para rever o progresso e reavaliar as necessidades. Poderá às vezes precisar de ter várias reuniões no mesmo dia. Se o governo ou uma ONG convocar uma reunião para coordenação, tente enviar um representante.

É importante gerir as reuniões de forma eficiente. As sugestões que se seguem pretendem ajudar a tornar as reuniões mais eficazes.



Antes da reunião

- Certifique-se de que todos sabem qual é o motivo da reunião.
- Certifique-se de que todos sabem qual é o dia, a hora e o local da reunião.
- Deve haver uma ordem de trabalhos simples e clara para a reunião.
- Aqueles que precisem de preparar comunicações, ou um discurso, deverão ser avisados com antecedência suficiente.
- Ofereça comida e bebidas, se apropriado, e planeie intervalos.

Durante a reunião

- Comece e acabe a horas.
- Não se esqueça de dar as boas-vindas e apresentar visitantes e novos membros.
- Certifique-se de que todos têm oportunidade de contribuir, de falar e ouvir.
- Certifique-se de que é respeitada a ordem de trabalhos.
- Antes de tomar uma decisão, certifique-se de que são resumidos todos os pontos mais importantes e toda a gente os entendeu.



- Certifique-se de que são registadas as decisões tomadas. As ações devem ser confiadas a pessoas específicas, com prazos de conclusão.

Após a reunião

- Se possível, as pessoas que vieram à reunião devem receber um registo das decisões tomadas e das ações planeadas.
- Todos os participantes deverão ser informados da data da próxima reunião.
- Se apropriado, certifique-se de que todos têm uma lista com a informação para contacto, que poderão usar caso seja necessário convocar uma reunião de emergência.



Um guia simples para a tomada de decisões

Um dos desafios do funcionamento de uma comissão de gestão de desastres é a tomada de boas decisões. É necessário fazer antecipadamente uma boa preparação e dar às pessoas bastante informação em que possam basear as suas decisões. As perguntas que se seguem pretendem ajudar o coordenador a facilitar uma boa tomada de decisões.

- *O que é que se está a tentar decidir? Certifique-se de que isto está claro para todos.*
- *Quais são as diferentes possibilidades? Considere tantas quantas sejam possíveis. Escreva-as num quadro ou num bloco de cavalete.*
- *Como poderá funcionar cada uma das possibilidades? Considere os prós e os contras.*
- *Que sugestão, ou combinação de sugestões, se vai escolher?*
- *O que é preciso fazer para implementar a decisão?*
- *Quem irá fazer o quê, quando, onde e como?*



Trabalhar com outros

Quando trabalhamos na resposta a desastres, encontramos muitas pessoas que sofrem, com um enorme número de carências. Isto coloca um grande desafio e os recursos são frequentemente escassos. Uma forma de resolver este problema consiste em trabalhar em cooperação com outros grupos. Isto pode parecer fácil e simples, mas na realidade exige uma grande dose de bom senso, maturidade e paciência.

Algumas razões comuns para que os grupos cristãos trabalhem com outros grupos são:

- A tarefa é considerável e você não possui todos os recursos necessários para responder às necessidades.
- Não possui suficiente experiência de desastres.
- Não tem pessoal qualificado e gestores em número suficiente.
- Existe pressão do governo para trabalhar com eles e com outros grupos.
- Recebe um pedido para ajudar outros com a sua experiência e os seus recursos.

Se há uma boa razão para cooperar com um ou mais outros grupos, considere os seguintes pontos antes de se juntar a eles:

- Haveria algum impacto negativo nas suas outras actividades se trabalhasse com este grupo específico na gestão do desastre?
- Tem informação suficiente sobre as outras pessoas envolvidas?
- Eles têm alguns objectivos dissimulados ou valores diferentes que possam prejudicar a sua abordagem?
- Haverá alguma dificuldade por parte de outras organizações em trabalhar convosco enquanto igreja?

O trabalho com outro grupo deverá centrar-se na implementação de um projecto específico. Deverá haver princípios básicos de cooperação claramente estabelecidos – um acordo escrito, às vezes chamado Memorando de Entendimento. Cada uma das partes deverá considerar as



suas próprias limitações e os seus pontos fortes e respeitar as limitações e os pontos fortes dos outros. Sugerimos os seguintes princípios:

- Disponha-se a assinar um Memorando de Entendimento para definir responsabilidades.
- Disponha-se a partilhar reciprocamente a informação sobre necessidades e recursos, de maneira formal e informal.
- Crie um mecanismo ou processo para tratar de quaisquer áreas de desacordo.
- Disponha-se a perseverar no trabalho conjunto, mesmo quando atravessarem períodos difíceis.
- Respeitem as metas e objectivos organizacionais uns dos outros.

Aprender a trabalhar com outros grupos

A cooperação com outros grupos traz benefícios, mas haverá também desafios. Os benefícios incluem geralmente os recursos partilhados e o acesso às competências e à experiência de outros. A cooperação também ajuda a eliminar a duplicação ou competição num projecto de ajuda humanitária e garante que não é esquecido algum grupo carente. Poderá haver também benefícios a longo prazo, à medida que os diferentes grupos da comunidade se vão entendendo melhor uns aos outros e aprendem a viver e a trabalhar em colaboração mais estreita.



Os outros grupos poderão, no entanto, trabalhar de forma muito diferente das igrejas e poderá haver algum preconceito relativamente à igreja, ou falta de confiança na sua capacidade de responder adequadamente ao desastre. Às vezes, a igreja poderá ter alguma desconfiança relativamente a outros grupos e aos seus motivos. A igreja tem de ser clara relativamente àquilo que pode e não pode fazer. Deve reconhecer que tem pontos fortes e fracos. As funções das diversas partes deverão ser acordadas conjuntamente. Por exemplo, uma igreja poderá estar disposta a oferecer o uso do seu recinto, a fazer listas das pessoas carenciadas e a recrutar uma equipa de voluntários. Outro grupo poderá ser capaz de comprar alimentos e organizar a logística para fazer a sua entrega ao recinto.

Aprender a trabalhar com o governo

Benefícios

Estes são alguns dos potenciais benefícios de trabalhar com o governo:

- Os departamentos governamentais têm muitas vezes uma visão global do desastre mais vasto, que pode ser importante para o planeamento de uma resposta local.
- As autoridades governamentais têm muitas vezes conhecimentos especializados e equipamento para salvamento e reabilitação.
- As autoridades governamentais poderão mais tarde ser capazes de implementar projectos de mitigação a longo prazo, como a construção de barragens de aterro, o melhoramento do abastecimento de água ou o estabelecimento de sistemas de irrigação.
- A cooperação pode proporcionar oportunidades de interceder junto das autoridades locais quanto a uma questão específica que esteja a criar vulnerabilidade, como a falta de terreno para construir casas seguras, o uso excessivo de água para irrigação ou a desflorestação por empreiteiros privados.



Desafios

Pode haver também desafios no trabalho com o governo. Esses desafios podem incluir os seguintes:

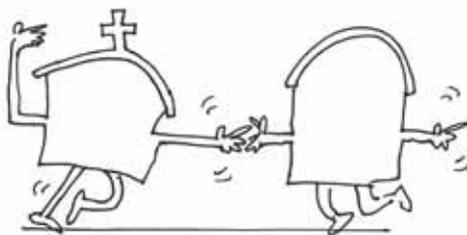
- O governo tem muitas vezes um entendimento limitado das organizações cristãs.
- Pode pensar que a igreja é capaz de obter qualquer volume de recursos do estrangeiro.
- Pode reacear que a igreja tente converter as pessoas sempre que tenha oportunidade para o fazer.
- Pode não querer reconhecer as competências de gestão da igreja porque isso poderia revelar a sua própria ineficiência.

Aprender a trabalhar com grupos não religiosos

Tal como a igreja, os grupos seculares podem ter trabalhadores muito empenhados e bem motivados. Há benefícios e desafios no trabalho com grupos seculares, incluindo os seguintes:

Benefícios

- Os grupos seculares têm muitas vezes competências especializadas específicas. A Oxfam, por exemplo, é especialista em saneamento e abastecimento de água e a Cruz Vermelha e o Crescente Vermelho especializam-se em tentar reunir famílias que foram separadas.
- Trazem a experiência de responder a desastres anteriores e os conhecimentos que adquiriram.
- A capacidade de a igreja responder a um desastre pode ser reforçada, tanto na situação actual como para acontecimentos futuros.
- Os grupos seculares podem frequentemente ter melhores relações com o governo local que as igrejas; poderão ser capazes de obter recursos do governo.



Desafios

- Os grupos seculares poderão não sentir grande entusiasmo em trabalhar com as igrejas, por não terem experiência de cooperação com grupos religiosos.
- A cultura dos grupos seculares pode ser muito diferente da cultura e do comportamento dos membros da igreja. Isto poderá aplicar-se, por exemplo, ao uso da linguagem e às opiniões sobre questões como o álcool e o tabaco.

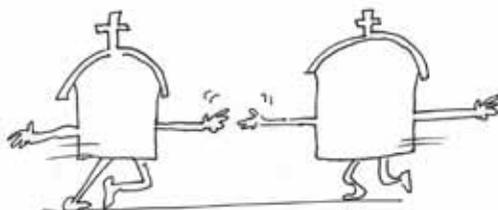
Aprender a trabalhar com outras igrejas

Em muitas situações, há outras igrejas a realizar actividades relacionadas com o desastre. Se bem que possa haver diferenças na teologia ou no estilo do culto, as igrejas têm em comum muita coisa que pode proporcionar uma base para o trabalho conjunto.

Benefícios

Os benefícios de trabalhar com outras igrejas incluem os seguintes:

- Outras igrejas poderão ter recursos adicionais, em termos de competências, potenciais voluntários e edifícios que podem ser usados numa situação de crise.
- Através de um projecto de ajuda humanitária, é possível estabelecer entre as igrejas boas relações que reflectem a unidade do corpo mais vasto de crentes e oferecem uma base para a cooperação noutras áreas.



- O trabalho com uma diversa gama de igrejas traz novas perspectivas e dá também mais força aos seus esforços se estiver a pressionar as autoridades locais relativamente a questões importantes.

Desafios

Estes são alguns dos desafios do trabalho com outras igrejas:

- Superficialmente, as igrejas actuam de modo diferente e poderão pensar que não têm muito em comum com outras igrejas.
- Quando existe uma rivalidade tradicional, pode ser difícil decidir qual a igreja que ficará a liderar a coordenação e a gerir a resposta.

Aprender a trabalhar com parceiros de financiamento

De uma maneira geral, a igreja local tem recursos limitados para ajudar as pessoas após um desastre. A parceria com um doador ou com uma ONG pode ajudar a obter esses recursos.

Benefícios

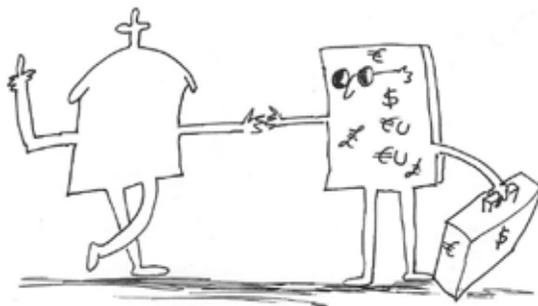
O trabalho com parceiros de financiamento pode ter vários benefícios:

- Um parceiro de financiamento pode oferecer subvenções monetárias ou insumos materiais como comida, coberturas plásticas para abrigos ou utensílios para cozinhar. Mais fundos poderão vir mais tarde para ajudar a reconstruir casas ou a restabelecer meios de subsistência.
- A igreja pode assegurar que a ajuda chega às pessoas que mais necessitam dela e pode ajudar o grupo externo a estabelecer ligação com a comunidade de base.
- Os doadores poderão ter dinheiro ou comida para apoiar projectos do tipo “comida a troco de trabalho”. Estes projectos proporcionam trabalho remunerado a curto prazo, mas podem ser usados para responder a um problema de longa data – por exemplo, abrindo uma vala de irrigação, reparando um dique ou criando pequenos aterros (banquetas) para retenção da água em volta dos campos.
- Os membros da igreja poderão talvez adquirir novas competências e possivelmente emprego.

Desafios

O trabalho com parceiros de financiamento pode colocar também vários desafios:

- Um doador externo ou uma ONG exigirá um registo de como o dinheiro foi gasto. Isto poderá ser difícil para algumas igrejas se não tiverem um



guarda-livros competente e não estiverem habituadas a este tipo de trabalho administrativo: poderão precisar de assistência.

- Alguns parceiros de financiamento poderão não compreender como as igrejas trabalham e quais são as suas prioridades. As igrejas têm convicções e valores fortes, que podem ser diferentes dos do doador.
- É necessário tempo para estabelecer relações, criar confiança e elaborar documentos; numa situação de emergência, o tempo pode ser limitado.

Algumas sugestões para trabalhar com parceiros de financiamento

- Não se precipite a entrar numa relação de financiamento com um doador ou uma ONG; dedique algum tempo a discutir valores e prioridades, bem como as necessidades prementes da comunidade.
- Tente elaborar um Memorando de Entendimento simples, que estabeleça as responsabilidades de cada uma das partes e os processos de tomada de decisões.
- Acorde num plano de trabalho e num calendário para a realização das actividades. Os parceiros de financiamento poderão querer agir rapidamente, enquanto a igreja é geralmente mais lenta.
- Certifique-se de que entende bem as exigências de prestação de contas do doador e o nível de contas financeiras que requerem; peça-lhes ajuda para a contabilidade.
- Esteja disposto a dizer “não” se surgirem problemas nas áreas acima que se revelem demasiado difíceis de resolver.

Conclusão

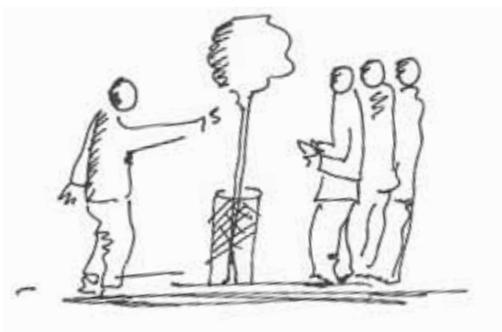
Uma igreja local poderá não ter a capacidade para responder eficazmente a todos os aspectos de um desastre. Nesse caso, precisará ou de se contentar com uma resposta limitada ou de aumentar a sua capacidade, procurando um parceiro aceitável. Ao escolher um parceiro, um grupo cristão deve considerar os seus próprios pontos fortes e fracos e examinar cuidadosamente os valores, motivos e prioridades de um potencial parceiro, especialmente se esse parceiro vier de um mundo não religioso.

“Nada façais por contenda ou por vanglória, mas com humildade cada um considere os outros superiores a si mesmo. Não olhe cada um somente para o que é seu, mas cada qual também para o que é dos outros.” (Filipenses 2:3-4)

Assegurar ajuda adicional

Há situações em que a igreja poderá achar que não tem todos os conhecimentos necessários para se preparar e responder a um desastre. Em tais circunstâncias, a igreja poderá necessitar de procurar um parecer técnico externo. As áreas específicas de aconselhamento poderão incluir:

- fazer uma avaliação completa das necessidades e riscos futuros
- criar um sistema de alerta precoce
- preparar planos para a resposta a emergências
- métodos para a construção de casas temporárias, instalações sanitárias ou abastecimento de água
- planeamento de alguns projectos de mitigação
- monitorização de progressos e avaliação de sucesso.



Fontes de ajuda

Há diversas fontes de ajuda potenciais:

- membros da igreja com as competências específicas de que necessita
- igrejas e grupos religiosos vizinhos que tenham pessoas com as competências relevantes
- ONG locais especializadas em áreas como água e saneamento, agricultura e saúde
- departamentos de ajuda humanitária e desenvolvimento pertencentes a igrejas, a ONG e ao governo
- publicações locais sobre desastres e preparação
- publicações da Tearfund como a *Passo a Passo*, os manuais *PILARES* e *ROOTS*.

As publicações *Passo a Passo*, *PILARES* e *ROOTS* podem ser obtidas da Tearfund: enquiries@tearfund.org
Tearfund, 100 Church Road, Teddington, TW11 8QE, Reino Unido

Se tem acesso à Internet, pode também visitar o endereço <http://tilz.tearfund.org>

Competências básicas de planeamento e monitorização

Os líderes da igreja sabem como são importantes a preparação e o planeamento. Os serviços de culto, os programas especiais de um dia, ou as lições bíblicas para crianças, todos eles requerem ponderação cuidadosa e atenção ao pormenor.

O mesmo se aplica quando planeamos a resposta a um desastre ou quando nos preparamos para fazer face a um perigo que se avizinha. Nos estudos bíblicos, falámos de José e Neemias:

ambos planearam cuidadosamente. José impediu um desastre, enquanto Neemias ajudou o seu povo num período de reconstrução.

Esta secção dá alguma orientação para como planear bem e como monitorizar o progresso de um projecto. É relevante para a preparação para desastres, para a resposta a desastres e para projectos mais longos destinados a reduzir o impacto de um desastre.

O exercício seguinte é um recurso simples que ajudará uma comissão de gestão de desastres a planear o seu trabalho. Inclui algumas formas de abordar os problemas que podem surgir e prejudicar o progresso de um projecto.

O exercício da carrinha

Se possível, peça a alguém que desenhe uma carrinha semelhante à ilustração seguinte e coloque o desenho num local onde possa ser visto por todos. Debata depois as questões que rodeiam a carrinha. As respostas às perguntas passam a ser o seu plano para o projecto.



1 O que vamos fazer?

Trata-se de decidir qual é o principal objectivo do projecto. Numa situação de cheias, um objectivo poderia ser:

“Alimentar 200 pessoas deslocadas com duas refeições cozinhadas por dia durante dez dias.”

2 Como vamos fazê-lo?

Trata-se de identificar as tarefas que as pessoas envolvidas no projecto terão de realizar para assegurar o cumprimento do objectivo definido. Por exemplo, no projecto de alimentação, as tarefas poderiam incluir construir uma cozinha temporária, pedir emprestadas panelas, arranjar lenha (ou outro combustível) e comprar arroz, lentilhas (leguminosas) e legumes.

3 De que recursos dispomos?

Considere todos os diferentes recursos que já têm e que podem ser usados para este projecto. Isto poderá incluir a mão-de-obra, o tempo, a experiência ou as competências das pessoas, assim como recursos naturais, relações com outras organizações, dinheiro e oração. No exemplo acima – uma cheia – poderá haver um membro da igreja competente na construção, outro que alugue panelas grandes para banquetes de casamento, outro que tenha paus de bambu num terreno seu e outro poderá ter um barco que vá até ao mercado local (caso continue aberto).

4 De quem precisamos a bordo?

Pense nas diversas pessoas que necessitariam de estar envolvidas na definição e gestão do projecto. Deverão incluir os beneficiários, bem como os líderes da igreja, os voluntários e um representante das autoridades locais. As pessoas com as competências indicadas acima necessitarão de estar “a bordo” para o projecto, bem como outras – por exemplo, algumas para arranjar combustível, outras para cozinhar e servir a comida.

5 O que nos poderá atrasar?

O objectivo de debater esta questão é identificar aquilo que poderia talvez impedir a realização das actividades. Isto poderia ser a oposição de outros membros da comunidade, falta de financiamento, ou falta de competências e experiência. No exemplo acima, poderá haver falta de lenha seca, ou o mercado poderá não estar a funcionar por causa das cheias.

6 Que obstáculos poderemos encontrar?

Isto refere-se a tudo aquilo que poderia afectar negativamente o projecto depois do seu início. Isto poderia incluir conflitos locais, mau tempo, doença entre os trabalhadores do projecto, ou funcionários locais pouco dispostos a cooperar.

7 Quanto custará?

Depois de identificar todas as diversas actividades, necessitará de calcular quanto poderão custar essas actividades e preparar um orçamento simples. Poderá não ser fácil encontrar dinheiro para o projecto. Os membros da igreja poderão ser capazes de dar algum contributo, mas poderão ser necessárias outras fontes (consulte “Trabalhar com outros”, na página 48).

Use a tabela seguinte para converter a informação do exercício da carrinha num plano que possa ser usado pela igreja local.

<p>Nome do projecto: Alimentar as pessoas deslocadas pelas cheias</p> <p>A situação: As cheias destruíram as reservas alimentares, as casas e o combustível de aproximadamente 200 pessoas. As águas das cheias continuam com um metro de profundidade.</p>	
<p>1 O que é que vamos fazer?</p>	<p>Fornecer 2 refeições cozinhadas por dia a 200 pessoas durante 10 dias</p>
<p>2 Como vamos fazê-lo?</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Construir uma cozinha temporária. 2. Pedir emprestadas panelas grandes. 3. Arranjar combustível para cozinhar. 4. Comprar ou recolher ofertas de comida. 5. Elaborar listas das pessoas necessitadas a incluir no projecto. 6. Recolher água limpa. 7. Preparar e cozinhar os alimentos. 8. Servir a comida duas vezes ao dia.
<p>3 De que recursos dispomos?</p>	<p>Competências de construção, paus de bambu, panelas, competências de cozinha, lenha, donativos de membros da igreja, furo artesiano</p>
<p>4 De quem precisamos a bordo?</p>	<p>[Nome 1] construtor que vai fazer a cozinha temporária</p> <p>[Nome 2] aldeão que tem os paus de bambu</p> <p>[Nome 3] empresário que aluga panelas</p> <p>[Nomes 4,5,6] membros da Associação de Mães para cozinhar</p> <p>[Nome 7] um ancião da igreja para coordenar a equipa</p> <p>[Nomes 8,9] pescadores com barco para ir ao mercado</p> <p>[Nome 10] professor que vai fazer a lista dos beneficiários</p> <p>[Nome 11] tesoureiro da igreja que vai administrar os fundos</p>
<p>5 O que nos poderá atrasar?</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O mercado poderá estar fechado. (Identifique uma fonte de alimentos alternativa.) • Poderá não haver lenha seca. (Procure alimentos secos alternativos.)
<p>6 Que obstáculos poderemos encontrar?</p>	<ul style="list-style-type: none"> • As pessoas não incluídas no projecto poderão reclamar, portanto, crie um sistema para tratar de reclamações. • Possibilidade de mau tempo.



7 Quanto custará?	São necessários os seguintes artigos:	
	• cobertura plástica
	• bambu ou madeira
	• corda
	• arroz
	• sal
	• lentilhas
	• legumes
	• lenha
	Total de fundos necessários:
Donativos de membros da igreja:	
Donativo de uma igreja da cidade não atingida pelas cheias:	
Subvenção esperada de uma ONG local:	
Dinheiro ainda em falta:	

Quando tiver concluído este plano, poderá ser útil distribuir as tarefas ao longo de alguns dias utilizando a tabela apresentada a seguir.

Tabela de planeamento de tarefas

Esta tabela é útil para ajudar uma pequena equipa a planear as diversas tarefas exigidas pelo projecto. Se traçar a tabela em folhas de papel grandes, poderá usá-la em reuniões de planeamento e para acompanhar o progresso das actividades.

Dia →	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Reunião da equipa		✓		✓		✓		✓	✓	
Tarefa 1	início		fim							
Tarefa 2	início		fim							
Tarefa 3			início		fim					
Tarefa 4					início		fim			
Tarefa 5							início		fim	
Tarefa 6							início		fim	
Tarefa 7								início		fim

Exemplo ilustrado

Este é um exemplo do aspecto que a tabela poderia ter depois de planeadas as tarefas para a situação descrita acima (uma cheia):

Dia →	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Reunião da equipa	✓	✓		✓		✓		✓		✓
Verificar se não há ninguém desaparecido depois da cheia	início	fim								
Arranjar cozinha temporária com bambu e plástico	início		fim							
Pedir emprestadas panelas grandes	✓									fim
Comprar ou apanhar lenha para cozinhar	início	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	fim	
Ir ao mercado comprar comida	✓			✓			✓			
Recolher água limpa	início	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	fim
Cozinhar e servir duas refeições por dia		início	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	fim
Avaliar o êxito do projecto – decidir se deverá ser prolongado										✓

Monitorização e avaliação

Uma parte importante da gestão de um projecto consiste em ser capaz de medir o progresso (como vão as coisas?) e determinar o impacto do projecto na vida das pessoas (o que é que conseguimos?). Medir o progresso é a chamada *monitorização* e a determinação do impacto chama-se geralmente *avaliação*.

A MONITORIZAÇÃO envolve recolher regularmente informação das pessoas que estão a gerir o projecto e dos beneficiários. Deve determinar se os objectivos numéricos estão ou não a ser cumpridos e deve também descobrir se o trabalho é de boa qualidade.

A AVALIAÇÃO é geralmente feita no fim do projecto obtendo os comentários da comunidade, mas a comunidade deve ter também oportunidade de fazer os seus comentários enquanto o projecto está a decorrer. Desta forma, quaisquer reclamações poderão ser rapidamente tratadas e os problemas poderão ser resolvidos.

Monitorizar um programa de alimentação

Se quisesse monitorizar o programa descrito acima (alimentar 200 pessoas durante 10 dias), seriam úteis as seguintes perguntas:

- Está cada uma das pessoas (das 200 afectadas pela cheia) a receber duas refeições nutritivas todos os dias?
- A comida é preparada de forma higiénica e é bem cozinhada?
- A comida é apropriada em termos culturais e é de qualidade aceitável?
- Está a ser deixado alguém de fora na distribuição?
- Os voluntários estão a ser devidamente apoiados e estão a ser usados eficazmente?
- Como vão os nossos gastos em comparação com o orçamento?

O projecto pode também ser avaliado no fim, para celebrar o sucesso e descobrir alguma coisa que possa ser feita de maneira diferente da próxima vez. O projecto poderá necessitar de ser prolongado se as cheias continuarem e houver fundos disponíveis. Deve, no entanto, evitar criar dependência: deverão ser consideradas opções de trabalho em troca de comida.



Saúde e segurança

Gerir o stress

As pessoas envolvidas em situações de desastre têm de lidar com elevados níveis de stress porque a dimensão do sofrimento e dos danos pode ser esmagadora. Há às vezes poucas oportunidades para descansar e pode não haver um número suficiente de pessoas e recursos para satisfazer as carências. Para além disto, os voluntários podem ser afectados por verem mortos, feridos e pessoas emocionalmente perturbadas. Os líderes da igreja podem eles próprios ser afectados



2

por stress, não apenas em consequência do sofrimento à sua volta mas também devido ao aumento das exigências e pressões de trabalho a que estão sujeitos. É essencial perceber o que é o stress e como podemos geri-lo da melhor forma.

Às vezes, a pessoa que ajudou as vítimas do desastre pode ela própria precisar de ajuda profissional para recuperar do stress. Sintomas comuns incluem memórias dolorosas do acontecimento, pesadelos, excesso de actividade, incapacidade de dormir, cansaço, ira e sentimento de culpa. É necessário o apoio continuado de amigos e familiares.

Uma estratégia para lidar com o stress

Numa situação de desastre, pode não ser possível eliminar as causas do stress, por isso, é importante encontrar formas de lidar com ele. Por exemplo:

- Use a sua energia da melhor forma possível e dê a devida atenção à sua saúde; tente manter uma dieta equilibrada e durma o tempo suficiente.
- Mantenha o equilíbrio entre o trabalho e os tempos livres e faça exercício regularmente; dedique algum tempo à reflexão todos os dias e reserve um dia por semana para descansar.
- Analise os seus valores – veja se não está a colocar-se sob demasiada pressão por confundir as suas prioridades.

- Dê expressão aos seus sentimentos – fale com amigos chegados, partilhe preocupações e procure parceiros de oração. Não tenha medo de chorar ou de rir – se o fizer, pode ajudar a aliviar o stress.
- Verifique as suas competências de gestão – não imponha a si mesmo prazos irrealistas; defina uma ordem para as suas prioridades, delegue eficazmente e aborde as tarefas de forma metódica.
- Se se sentir stressado, aceite receber apoio e encorajamento de outros; disponha-se a receber ajuda de amigos, familiares, outros membros da igreja e colegas. Procure ajuda profissional se sofrer dos sintomas indicados acima.
- Mantenha abertos os canais de comunicação; trate rapidamente de quaisquer mal-entendidos ou potenciais conflitos entre os membros da equipa. Os problemas de relacionamento tendem a aumentar o stress.
- Procure recursos extra em Deus, que prometeu equipar-nos para todas as situações. A oração é o recurso mais poderoso de que dispomos. O sentimento de culpa é comum quando a pessoa sofre de stress; traga-o para Deus e peça-Lhe que o elimine.



"Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e achareis descanso para as vossas almas." (Mateus 11:28-29)

Lidar com as vítimas

Uma das tarefas dos voluntários consiste em assistir as pessoas que foram feridas num desastre. Os ventos fortes derrubam árvores e arrancam os telhados das casas. Os terramotos provocam lesões por esmagamento. Nas cheias, as pessoas morrem afogadas ou são feridas por destroços em movimento. Os voluntários devem ser capazes de salvar vidas e evitar mais lesões, especialmente se não houver médicos ou enfermeiros disponíveis para tratar das vítimas.

A capacidade de oferecer ajuda médica de forma a salvar vidas e reduzir o sofrimento é chamada primeiros socorros. Se possível, procure encontrar alguém na comunidade com conhecimentos médicos que possa ensinar competências de primeiros socorros. Poderá haver um médico, um enfermeiro ou um trabalhador de saúde entre os membros da sua igreja ou na comunidade mais vasta. Encoraje os membros dos grupos de mulheres, de homens e de jovens

a frequentar esta formação. A formação deve incluir a oportunidade de praticar os princípios básicos dos primeiros socorros (consulte a seguir) antes da ocorrência de qualquer desastre.

Primeiros socorros

Antes de ajudar um ferido, trate da sua própria segurança:

- Veja se há perigo para si e para a pessoa ferida; elimine esse perigo se possível.
- Proteja-se contra o contacto com o sangue de uma pessoa ferida, especialmente se tiver você mesmo alguma ferida. Doenças como o VIH e a hepatite são transmitidas de sangue para sangue. Tente equipar os voluntários e as pessoas com formação em primeiros socorros com luvas de plástico.

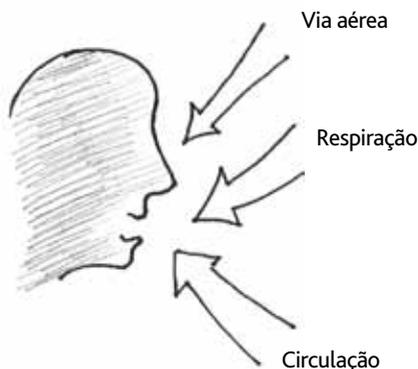
Se a vítima está **consciente**, trate de problemas respiratórios, hemorragias ou fracturas conforme a seguir indicado.

Se a vítima está **inconsciente** e a respirar normalmente, coloque a pessoa na *posição lateral de segurança* (mostrada a seguir) depois de tratar de quaisquer feridas sérias e fracturas (veja a seguir).

Uma vítima que esteja inconsciente e não respire normalmente deverá ter prioridade máxima. Siga os princípios básicos dos primeiros socorros conforme a seguir indicado:

Princípios básicos dos primeiros socorros

VIA AÉREA A via aérea é o canal na parte de trás da garganta que conduz aos pulmões. Se este canal estreitar ou ficar bloqueado, um paciente inconsciente não poderá respirar e morrerá. Verifique sempre se não há nada na boca ou na garganta a bloquear a via aérea; se possível, retire aquilo que possa estar a causar a obstrução. Se o paciente estiver deitado de costas, a língua poderá facilmente descair para trás e bloquear a via aérea. Para abrir a via aérea, levante o queixo do paciente colocando dois dedos debaixo do queixo e depois, com a outra mão na testa, incline-lhe a cabeça para trás.



RESPIRAÇÃO Dê 10 a 15 segundos para verificar se o paciente está a respirar normalmente ou se apresenta outros sinais vitais. Se não há respiração ou pulsação, comece a efectuar *compressões torácicas e insuflações*. As *compressões torácicas* envolvem exercer pressão na vertical para baixo sobre o centro do tórax, uma acção que faz sair o sangue do coração para os tecidos do corpo. Quando a pressão é aliviada, o coração volta a receber outro sangue. As compressões torácicas podem ser efectuadas a uma velocidade de até 100 por minuto.

Insuflações significa soprar para a boca do paciente para introduzir ar nos respectivos pulmões. Aperte as narinas do paciente, inspire profundamente e sopre selando bem os seus lábios em volta da boca do paciente para impedir que o ar escape. Faça isto duas vezes e verifique se há respiração. É geralmente necessário combinar as compressões torácicas com insuflações. Efectue 30 compressões torácicas e depois duas insuflações. Continue este tratamento até que a respiração e a pulsação recomecem.

Quando a respiração e a pulsação recomeçarem, coloque o paciente na posição lateral de segurança até ele/ela recuperar os sentidos.

A posição lateral de segurança

- O queixo é levantado para a frente, de forma a manter a via aérea desobstruída e aberta, e a cabeça fica mais baixa que o corpo, para que quaisquer líquidos saiam pela boca e haja, portanto, menos probabilidade de que sejam inalados.
- Uma das mãos fica a apoiar e proteger a cabeça.
- Dobram-se um dos braços e uma das pernas para estabilizar a posição e impedir que o corpo role para a frente.
- O peito não fica assente no chão para facilitar a respiração.



CIRCULAÇÃO é o correr do sangue por todo o corpo, bombeado pelo coração. Se o coração parou, as compressões torácicas descritas acima poderão talvez repô-lo a funcionar. Feridas grandes ou profundas podem causar perda de sangue e isto é também uma ameaça à vida. Dê atenção imediata a uma hemorragia intensa, conforme a seguir descrito.

Tratamento de lesões – especialmente hemorragias e fracturas

HEMORRAGIA Coloque compressas de gaze limpas, ou um pano limpo, sobre a ferida e mantenha-as firmemente em posição – usando as mãos ou uma ligadura.



Se a ferida é num braço ou numa perna e não há fractura, eleve ligeiramente o braço ou a perna. Isto também ajudará a reduzir a perda de sangue.



FRACTURAS Talas simples podem ajudar a evitar mais danos a membros fracturados. Amarre cuidadosamente o membro fracturado a um pedaço de madeira liso, usando panos ou outro material macio para acolchoar a madeira, se necessário. Nunca tente voltar a colocar os ossos no lugar. As pernas partidas podem ser amarradas juntas, ou pode ser colocado um pedaço de madeira liso entre as pernas como tala simples. Use lenços triangulares simples para suspender braços fracturados. No caso de uma fractura exposta, ou seja, se houver um osso a sair de uma ferida, cubra-o levemente com um penso limpo para reduzir o perigo de infecção. As pessoas com lesões no pescoço ou na coluna devem ser imobilizadas sobre portas antes de serem levadas para um local seguro.

Caso não esteja disponível assistência médica imediata, mantenha as lesões graves cobertas com pensos limpos e prepare um local onde as vítimas possam descansar até chegar a assistência médica.

QUEIMADURAS Trate as queimaduras mergulhando-as em água limpa fria (ou em qualquer outro líquido limpo). Tape-as com um pano limpo. Nunca tente puxar pedaços de pele ou tirar roupas.

Uma solução de permanganato de potássio pode ajudar a evitar a infecção das feridas e é fácil de manter nas provisões para emergências. A mistura é feita dissolvendo um comprimido (de 400 mg) em 4 litros de água. Se a mistura for demasiado forte, poderá ser perigosa. A percentagem correcta é de 0,01%, ou seja 1 parte por 10.000. Tape as feridas expostas com panos limpos para impedir o contacto com moscas e sujidade.

Kit básico de primeiros socorros

Compressas absorventes de 12,5 cm x 22,5 cm	Para tapar e proteger feridas grandes
Pensos adesivos – de vários tamanhos	Para tapar e proteger feridas pequenas
Adesivo (em tecido) de 2,5 cm	Para segurar ligaduras ou talas
Pomada antibiótica ou permanganato (comprimidos de 400 mg ou solução a 0,01%)	Para limpar feridas e evitar infecção
Luvas (grandes) descartáveis, sem látex	Para evitar o contacto com fluidos corporais
Tesoura	Para cortar adesivo, pano ou ligaduras
Ligaduras em rolo: de 5 cm, 7,5 cm e 10 cm	Para segurar pensos no lugar
Pensos ou compressas de gaze esterilizadas: 5 cm x 5 cm, 7,5 cm x 10 cm e 10 cm x 12 cm	Para tapar feridas e controlar hemorragias externas
Ligadura(s) triangular(es)	Para suspender braços partidos, controlar uma hemorragia, segurar um penso ou uma tala no lugar
Folheto de instruções de primeiros socorros	Para consulta

Discussão

- *Há pessoas na sua comunidade com competência para tratar de ferimentos ligeiros? Essas pessoas poderiam partilhar as suas competências com outros? Nalgumas culturas, poderá até ser possível encontrar pessoas especializadas em endireitar ossos partidos.*
- *Devem ser sempre incluídos nas provisões para emergências pensos esterilizados para queimaduras e feridas graves. Fale de como poderiam fazer ligaduras e faixas para*



suspensão de braços fracturados a partir de roupas, na eventualidade de não haver ligaduras suficientes na clínica ou em armazém. Pense em como poderiam produzir pensos limpos para queimaduras e feridas numa situação de desastre.

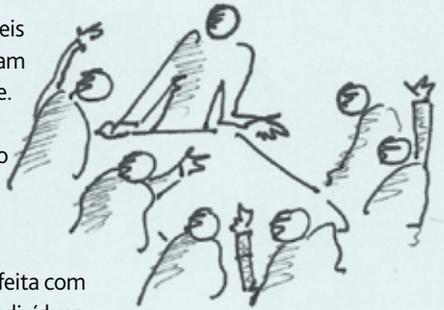
- *Alguma vez usou permanganato de potássio? Há reservas disponíveis na clínica local ou no armazém de provisões para emergências? Basta uma quantidade muito pequena para fazer uma grande quantidade de líquido que ajudará a evitar infecções. Aprenda a medir e usar este químico útil.*
- *O que faria se, ao chegar ao local de um desastre, deparasse com três pessoas inconscientes e dez pessoas feridas a gritar por ajuda? Quem ajudaria primeiro?*

ESTUDO BÍBLICO

Delegação de liderança Actos 6:1-7

Contexto

Na igreja primitiva havia pessoas vulneráveis de diversos grupos étnicos que necessitavam de ser tratadas com compaixão e equidade. Surgiram queixas, porque um dos grupos achava que não estava a receber o quinhão de comida que lhe era devido. A igreja seleccionou indivíduos que se responsabilizassem por satisfazer as necessidades destas pessoas vulneráveis. A selecção foi feita com base no carácter e na integridade desses indivíduos.



Poderá talvez ser útil fazer a dramatização da história para que as pessoas possam visualizar o que se passa.

Pontos-chave

- A principal responsabilidade de um pastor consiste em ensinar, pregar e oferecer cuidados pastorais aos membros da sua igreja. Haverá provavelmente outras pessoas na igreja com os talentos e competências necessários para a liderança do trabalho relacionado com desastres.
- Essas pessoas deverão ser seleccionadas com base nas suas qualidades espirituais, bem como pelas suas habilitações e competências.
- As pessoas escolhidas para tal responsabilidade necessitam do apoio e das orações dos outros membros da igreja.

Perguntas

- 1 *O que acontece nesta história?*
- 2 *Qual é o problema que surgiu? Pensa que um problema como este poderia surgir na sua comunidade? Na eventualidade de um desastre, que grupos de pessoas poderiam ser esquecidos e o que poderá ser feito a esse respeito?*
- 3 *O que é que os 12 apóstolos decidem fazer? Acha que essa é uma boa decisão? Por que razão?*
- 4 *Quem é que escolhe as sete pessoas responsáveis por olhar pelas viúvas? Que conselhos dão os apóstolos relativamente ao tipo de pessoa que deverá ser escolhido?*
- 5 *O que é que esta história nos diz sobre como organizar a igreja e a comunidade para nos prepararmos para um desastre e lhe respondermos? Que responsabilidades podem ser delegadas em membros da igreja seleccionados?*
- 6 *Quem deverá seleccionar as pessoas apropriadas para realizar estas tarefas delegadas? Que qualidades importantes deverão ter essas pessoas?*

Revisão deste capítulo

- *Quais são algumas das coisas que os voluntários podem fazer para sensibilizar a comunidade para os riscos de um desastre e para responder quando ocorre uma emergência?*
- *Quais são as melhores formas de motivar os voluntários e de os apoiar durante uma emergência?*
- *Porque é que é importante que as mulheres estejam bem representadas na comissão de gestão de desastres e nas equipas de voluntários?*
- *Indique algumas das questões essenciais que podem ajudar a igreja e a comunidade a planear um projecto simples.*
- *Quais são alguns dos recursos que a maioria das igrejas possui e que podem ser usados numa emergência?*
- *Indique alguns dos benefícios e desafios do trabalho com grupos diferentes, fora da igreja.*
- *Descreva as principais funções da comissão de gestão de desastres e as responsabilidades dos seus membros.*
- *Quais são alguns dos sinais de stress e o que pode ser feito para minimizar o stress?*

3

Avaliações de riscos, necessidades e capacidades

Introdução	70
Avaliação de riscos (antes de um desastre)	70
Mapeamento de riscos em áreas rurais	70
Mapeamento de riscos em áreas urbanas	77
Avaliação de necessidades	80
Avaliação de capacidades	85
Utilização dos edifícios da igreja e da comunidade em situações de emergência	89
Estudo bíblico: Avaliação da situação da cidade	91
Revisão deste capítulo	92
Próximas etapas	93

1

2

3

4

5

6

7

8

Introdução



Esta secção trata de três tipos de avaliação que são realizados em diferentes pontos do ciclo do desastre. Estes três tipos são necessários para a preparação e resposta a um desastre.

AVALIAÇÃO DE RISCOS (ANTES DE UM DESASTRE) Identifica os perigos na área local e as pessoas e bens mais vulneráveis a esses perigos.

AVALIAÇÃO DE NECESSIDADES (APÓS O DESASTRE) Identifica as necessidades das pessoas afectadas pelo desastre, que necessitarão de diferentes níveis de assistência consoante a sua carência.

AVALIAÇÃO DE CAPACIDADES (ANTES E DEPOIS DO DESASTRE) Identifica as competências e os recursos de uma igreja (e da comunidade circundante). Estes recursos ajudam a igreja a preparar-se para um desastre e a responder-lhe.

Avaliação de riscos (antes de um desastre)

Mapeamento de riscos em áreas rurais

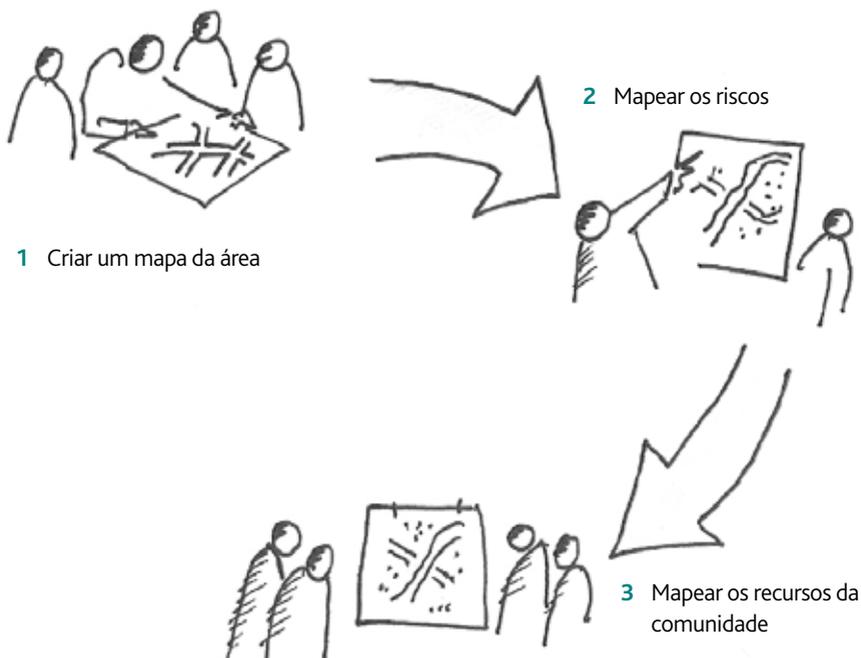
As pessoas locais conhecem melhor que ninguém vindo do exterior a sua comunidade e as pessoas que lá vivem. E, contudo, mesmo com este conhecimento, há sempre mais para descobrir. O processo de mapeamento a seguir descrito ajudará a esta descoberta e à identificação dos riscos e recursos existentes na comunidade.

Benefícios

O mapeamento dos riscos de uma comunidade ou área pode trazer vários benefícios:

- Ajudará a identificar os elementos geográficos (como rios ou encostas instáveis) susceptíveis de se transformar em perigos na sequência de chuva ou vento forte.
- Identificará os edifícios, pontes, mercados, etc. mais vulneráveis aos perigos.
- Porá em relevo os riscos para as pessoas, os seus locais de residência e meios de subsistência.
- Proporcionará às autoridades e às organizações locais informação para a tomada de decisões e planeamento.
- Pode mostrar as áreas afectadas por desastres anteriores.
- Pode ajudar a comunidade a identificar os recursos que possui para enfrentar um desastre, como sejam zonas altas, floresta e fontes de água alternativas.

O mapa pode ser usado inicialmente para mostrar perigos e riscos e depois para mostrar recursos.



FASE 1 Criar um mapa da área

Organize uma reunião e convide os membros da igreja, outros membros da comunidade, as autoridades e organizações locais a comparecer. Explique o objectivo de produzir um mapa de riscos.

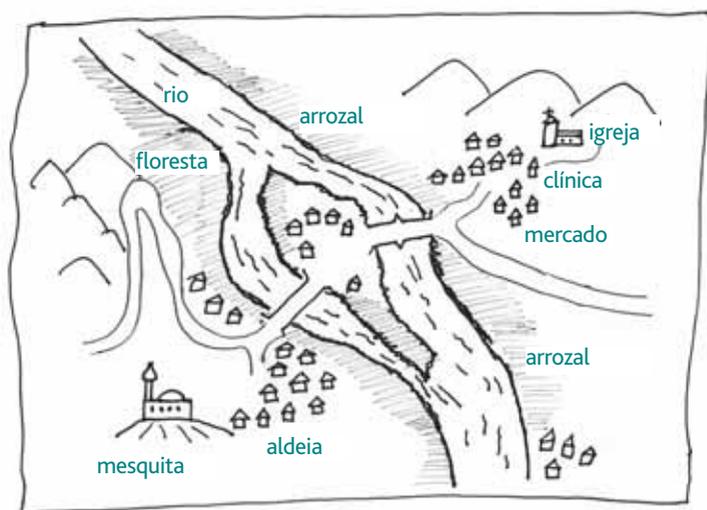


Peça ao grupo que escolha uma pessoa para traçar um mapa grande da área local, utilizando folhas de papel grandes e canetas. Em alternativa, o mapa poderia ser traçado num terreno limpo com paus, folhas, cinza e pedras, ou usando giz num quadro ou na parede de um edifício. Certifique-se de que um mapa deste tipo é devidamente copiado para papel, para referência futura. O mapa deverá mostrar:

- recursos naturais – rios, florestas, pastagens, recursos hídricos
- elementos físicos – edifícios, estradas, pontes, igrejas, mesquitas, escolas, clínicas, mercados, etc.
- repartições governamentais ou as sedes de grupos comunitários
- as casas de pessoas chave, como sejam trabalhadores de saúde e líderes.

O grupo deverá ser dividido em grupos mais pequenos, de acordo com o género e a idade. Cada grupo poderá traçar o seu próprio mapa. Os diferentes resultados podem ser muito reveladores. Dê a cada grupo a oportunidade de explicar o seu mapa e encoraje o diálogo. Use toda a informação para fazer um mapa final detalhado.

Fase 1: Mapa da comunidade numa área rural



FASE 2 Mapear os riscos

Uma vez concluído o mapa de base, as pessoas podem pensar nos diversos perigos e nos riscos por eles criados em áreas específicas. Comece por fazer uma lista dos tipos de desastre que são comuns na sua área, por exemplo, tempestades, tremores de terra, incêndios, deslizamentos de terras, cheias ou conflito.

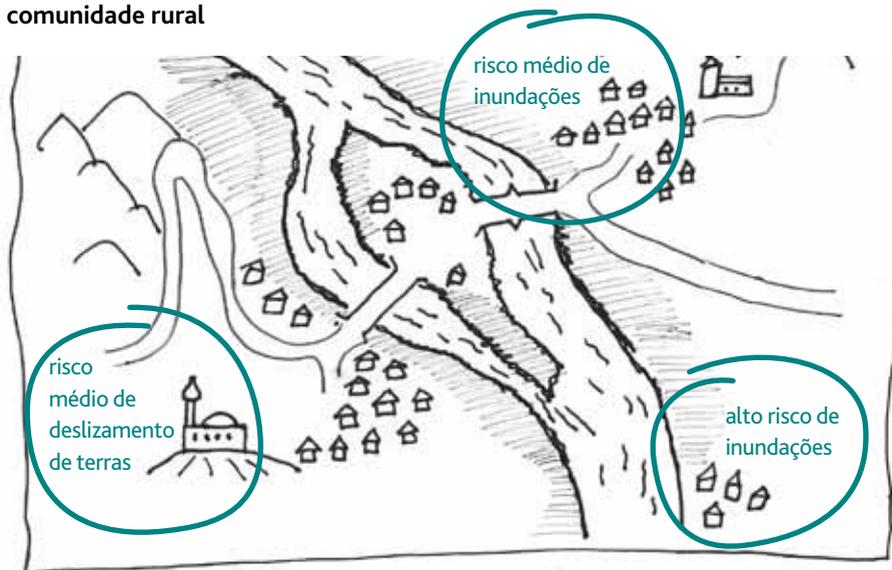
Relativamente aos tipos de desastre que podem ocorrer na sua comunidade, coloque as seis perguntas seguintes:

- Quais as áreas que estariam mais em risco?
- Que edifícios ou estruturas estariam mais em risco?
- Quais as pessoas que, em determinadas áreas, estariam mais em risco?
- Que impacto haveria nos meios de subsistência, nas colheitas e no gado?
- Que impacto haveria na água e nas reservas alimentares?
- Que impacto haveria nas comunicações (estradas, pontes, telefones)?

Depois de discutir todas estas questões, use cores diferentes para marcar edifícios, áreas ou casas no mapa sujeitos a diferentes níveis de risco. Poderia, por exemplo, usar o vermelho para áreas de alto risco, amarelo para risco médio e verde para áreas de risco reduzido.

Esta é uma actividade importante. Sensibiliza a comunidade para potenciais riscos e pode também ser usada para gerar ideias sobre formas de reduzir esses riscos.

Fase 2: Mapa de riscos de uma comunidade rural



FASE 3 Mapear os recursos da comunidade

Esta fase envolve a identificação dos elementos que ajudarão a comunidade a preparar-se para um desastre, a enfrentá-lo e a recuperar dele.

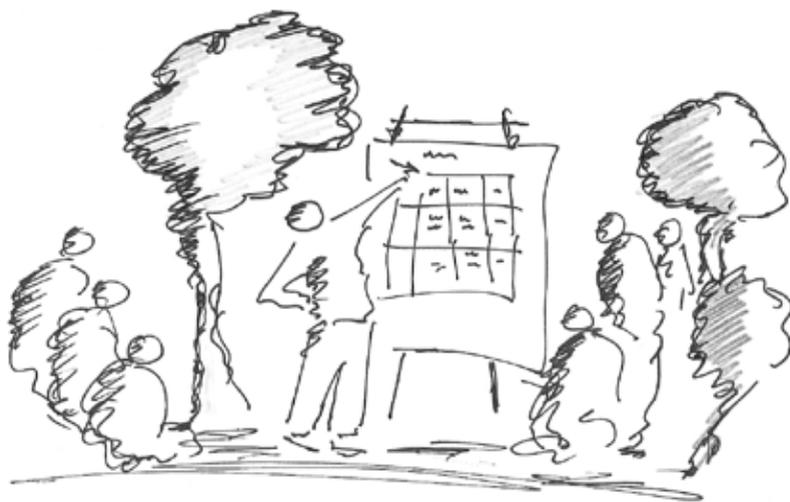
Olhe para o mapa e identifique edifícios grandes, como sejam uma igreja, uma escola, uma mesquita, um edifício de escritórios ou um armazém de cereais, que poderiam ser usados para abrigo comunitário na eventualidade de um desastre. As igrejas e as mesquitas poderão ser consideradas locais sagrados, mas são muitas vezes o único edifício sólido disponível como local seguro temporário. Debata este tema com os líderes da igreja e decida se deverá ou não ser dada autorização para usar o edifício da igreja como abrigo temporário numa situação de desastre.

Pense também nas competências existentes na comunidade. As pessoas competentes poderiam incluir enfermeiros, construtores, motoristas e electricistas. Os grupos comunitários e as organizações locais são igualmente importantes para organizar uma resposta. Indique no mapa o local das respectivas reuniões.

Marque também no mapa as zonas altas e os recursos naturais (fontes de abastecimento de água, floresta, etc.) que ajudarão à sobrevivência. Pense em recursos adicionais, como veículos que poderiam ser alugados para recolher provisões ou transportar as pessoas para áreas seguras.

Fase 3: Mapa de recursos de uma comunidade rural





Da avaliação à redução de riscos

Quando o mapa estiver concluído, é bom que os líderes da igreja e os líderes comunitários, juntamente com os representantes das autoridades e organizações locais, visitem as áreas assinaladas como de risco elevado ou médio e vejam que alterações poderiam ser feitas para reduzir os riscos associados com os diferentes tipos de desastre.

Pense em maneiras de reforçar ou melhorar todos os edifícios sólidos. Existem recursos básicos, como abastecimento de água e sanitários? Seria possível armazenar provisões para emergências – por exemplo, velas, fósforos, lanternas, pastilhas de cloro, cobertura plástica, painéis, lenha e artigos médicos – num canto do edifício, ou em armários ou caixas? Seria possível guardar aqui registos da comunidade?

Deve também ser elaborado um plano de resposta comunitária, com atribuição de responsabilidades – como comunicações, gestão do abastecimento de água ou da evacuação de pessoas vulneráveis – às pessoas apropriadas. Este plano deve ser actualizado todos os anos.

Os mapas devem ser guardados em local seguro para referência futura.

Consulte o capítulo 2, páginas 37 a 68, para mais informação sobre como planear a resposta a um desastre e como seleccionar e gerir voluntários.

A igreja prepara-se para as cheias anuais no nordeste da Índia

A NEICORD, uma organização parceira da Tearfund, trabalhou com três associações locais da igreja e comunidades ao longo do rio Bramaputra, para ajudar comunidades vulneráveis a lidar com as cheias anuais de forma mais eficaz. Usaram comunidades da igreja pequenas, dispersas e isoladas, para influenciar este processo.



As etapas fundamentais consistiram em:

- criar um mapa de riscos das áreas mais afectadas
- identificar as igrejas locais capazes de responder e reforçar os métodos locais de lidar com as cheias anuais
- recrutar uma equipa central de voluntários das diversas igrejas para realizar trabalho de sensibilização e elaborar planos de preparação
- distribuir a ajuda às vítimas das cheias através da rede de igrejas, comissões e voluntários locais
- introduzir medidas de mitigação, incluindo bombas manuais e poços elevados que não fossem contaminados pela água das cheias
- organizar programas de trabalho em troca de comida para melhorar barragens de aterro, limpar canais de drenagem e plantar tecas e coqueiros.

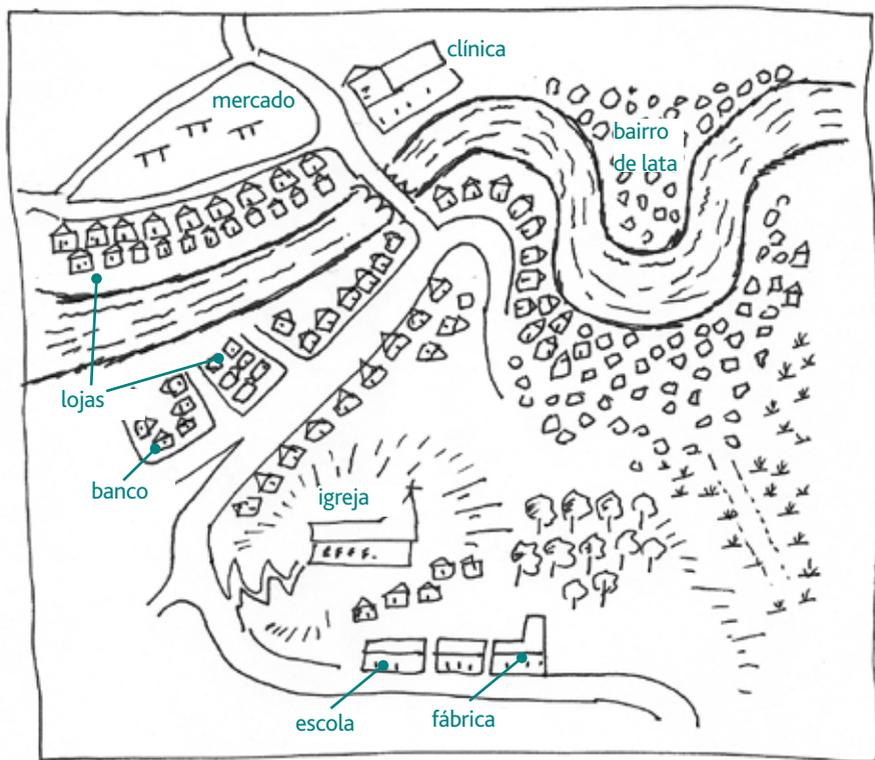
Mapeamento de riscos em áreas urbanas

FASE 1 Criar um mapa da área

O processo de mapear uma comunidade numa área urbana é semelhante ao descrito para as áreas rurais. O mapa deve mostrar os locais mais importantes na comunidade e a infraestrutura, que será provavelmente mais desenvolvida que nas áreas rurais. Isto pode incluir casas, lojas, escolas e mercados. É também importante distinguir os diversos tipos de casas, como bairros de lata, que são temporários e vulneráveis, por oposição a áreas de habitação mais permanentes e planeadas.

É apresentado a seguir um exemplo de um mapa de riscos da comunidade elaborado numa área urbana:

Fase 1: Mapa da comunidade numa área urbana



FASE 2 Mapear os riscos

A fase seguinte consiste em marcar no mapa os perigos que os membros da comunidade identificaram e as áreas que estão em risco de sofrer danos. Os bairros de lata encontram-se muitas vezes situados em terrenos próximos de rios que são facilmente inundados. As casas são construídas muito juntas, frequentemente com acesso por ruelas estreitas: isto cria um grande risco de incêndio, que se espalha rapidamente. Às vezes, as casas são construídas em encostas íngremes, que são vulneráveis a deslizamento de terras.

Este processo de mapeamento oferece uma oportunidade para convidar os funcionários governamentais locais, que podem contribuir com a sua própria experiência. Pode também ajudá-los a compreender melhor os riscos enfrentados por essas populações urbanas.

As áreas podem ser designadas como sendo de alto, médio ou baixo risco, tal como no mapa rural.

Fase 2: Mapa de riscos de uma comunidade urbana



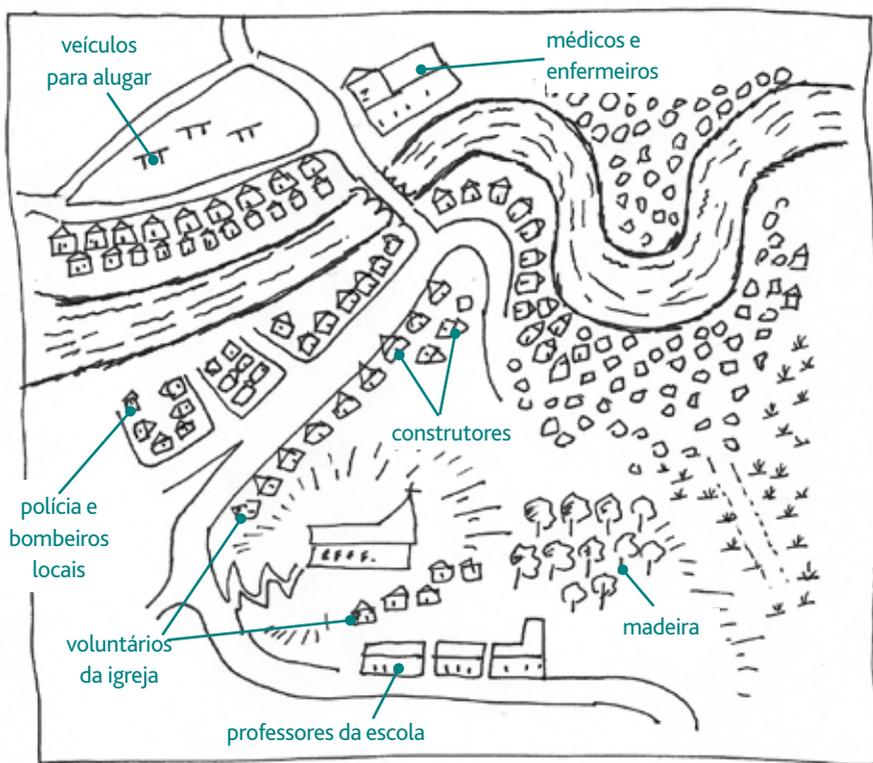
FASE 3 Mapear os recursos da comunidade

Assinale no mapa todos os recursos da comunidade que estão disponíveis para ajudar à preparação e resposta a um desastre local. Isto deve incluir não apenas os recursos e competências humanas, mas também recursos físicos e financeiros. Deve incluir apoio formal, como instalações médicas e polícia, bem como apoio informal, como comerciantes locais que possuam veículos e armazéns. Algumas localidades poderão não ter todas as instalações e serviços ilustrados, mas essas instalações e serviços são mais comuns que nas áreas rurais.

Consulte também as tabelas das páginas 86 a 88 para uma lista de recursos da comunidade que poderão estar disponíveis para ajudar à preparação para um desastre e à resposta ao mesmo.

3

Fase 3: Mapa de recursos de uma comunidade urbana



Avaliação de necessidades

Na sequência de um desastre, a sua igreja poderá ser o primeiro grupo a responder. Necessitará de uma pequena equipa de pessoas que possam realizar uma avaliação simples das necessidades, competências e recursos. Isto ajudá-lo-á a compreender o tipo de ajuda necessário e a quantidade de bens ou materiais que são precisos. Para qualquer pedido de ajuda externa, será necessária esta informação.

Para assegurar que a avaliação das necessidades é realizada de forma equitativa e é tão exacta quanto possível, aplique os seguintes princípios:

- Consulte as pessoas afectadas e envolva-as na avaliação.
- Certifique-se de incluir os grupos mais vulneráveis e marginalizados.
- Sempre que possível, cruze a informação obtida, para a comparar.
- Evite favoritismos ou complacência relativamente a quaisquer grupos específicos.
- Prepare-se para o imprevisto! As necessidades poderão não ser aquelas que esperava encontrar.



1 Planear a avaliação



2 Encontrar-se com os grupos afectados pelo desastre



3 Obter informação adicional de funcionários locais

Há cinco etapas fundamentais numa avaliação



5 Planear uma resposta



4 Cruzar e comparar a informação

Recolher informação

ETAPA 1 Planear a avaliação

- Leia as listas de verificação nesta secção e adapte-as, se necessário.
- Acorde nas formas de recolher a informação (entrevistas, discussão em grupo, observações, discussão com outras agências).
- Forme uma pequena equipa. Deverá haver uma mistura de homens e mulheres e alguém que possa anotar por escrito todos os resultados.



3

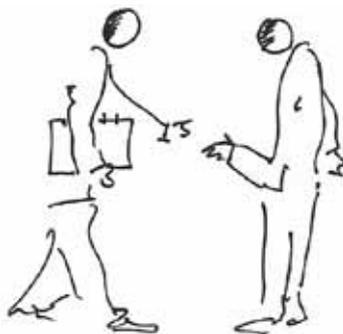
ETAPA 2 Encontrar-se com os grupos afectados pelo desastre

- Tente encontrar-se com o maior número possível de grupos afectados pelo desastre, incluindo os grupos mais vulneráveis (mulheres, crianças, pessoas idosas, etc.) e os grupos marginalizados (por exemplo, minorias étnicas).
- Tente descobrir as necessidades destes grupos no que respeita a comida, abrigo, água, saneamento e apoio emocional. Use a lista de verificação seguinte; certifique-se de registar separadamente a informação relativa a homens e mulheres.



ETAPA 3 Obter informação adicional de funcionários locais

- Se apropriado, visite funcionários locais e informe-se sobre reservas governamentais de ajuda humanitária e planos para distribuição (de alimentos, água, materiais de abrigo).
- Estes funcionários deverão ter também dados de saúde e informação sobre recursos médicos.
- Os funcionários poderão também saber quais as ONG que estão a trabalhar em que aldeias e quais os recursos de que dispõem.



Lista de verificação da avaliação de necessidades básicas para utilização após um desastre

Esta lista de verificação é usada na Etapa 2, durante as entrevistas e discussões com os grupos afectados, e ajudá-lo-á a descobrir as necessidades prioritárias desses grupos após um desastre. Poderá também precisar de criar e usar um formulário de inquérito aos agregados familiares.

1. Qual é a estimativa do número total de pessoas afectadas pelo desastre?	Famílias
	Crianças com menos de 5 anos
	Rapazes de 6 a 14 anos
	Raparigas de 6 a 14 anos
	Homens
	Mulheres
2. Aproximadamente, quantas pessoas morreram?	Crianças com menos de 5 anos
	Rapazes de 6 a 14 anos
	Raparigas de 6 a 14 anos
	Homens
	Mulheres
3. Quantas pessoas estão feridas?	Crianças com menos de 5 anos
	Rapazes de 6 a 14 anos
	Raparigas de 6 a 14 anos
	Homens
	Mulheres
4. Quem são as pessoas mais vulneráveis afectadas por este desastre (por exemplo, pessoas idosas, pessoas portadoras de deficiência, doentes crónicos, mulheres grávidas, etc.) e aproximadamente quantas pessoas se incluem em cada categoria?	a)
	b)
	c)
	d)
	e)
	f)
5. Quais são os ferimentos comuns causados pelo desastre?	
6. Que outros problemas de saúde e doenças existem em consequência do desastre?	
7. Danos às casas: Quantas casas foram...	a) parcialmente danificadas pelo desastre?
	b) totalmente destruídas pelo desastre?

8. Disponibilidade de alimentos:	Quantas famílias há sem reservas alimentares restantes? Há comida no mercado local a preços acessíveis?
9. Quantas famílias perderam utensílios de cozinha?	
10. Quantas famílias estão impossibilitadas de obter combustível para cozinhar?	
11. O que é que as pessoas estão a fazer com respeito a saneamento (ou seja, existem alguns sanitários disponíveis após o desastre)?	
12. Quantas famílias estão impossibilitadas de obter água limpa em quantidade suficiente?	
13. A que distância fica a fonte de água limpa mais próxima?	
14. Quantas famílias há sem recipientes para recolher e guardar água?	
15. Há algum risco de outro desastre no futuro próximo (por exemplo, tremores secundários ou mais cheias)?	
16. Há alguns grupos que não consigam receber assistência?	
17. Que assistência está a ser recebida do governo, de qualquer ONG ou de outras igrejas?	
18. Com respeito a meios de subsistência:	
a) Quais eram os principais meios de subsistência das pessoas afectadas (por exemplo, agricultores, pescadores, etc.) antes do desastre?	
b) Qual foi o impacto do desastre nesses meios de subsistência?	
19. Que recursos de saúde estão disponíveis para as pessoas afectadas?	
20. Como é que o desastre afectou o sistema educativo?	

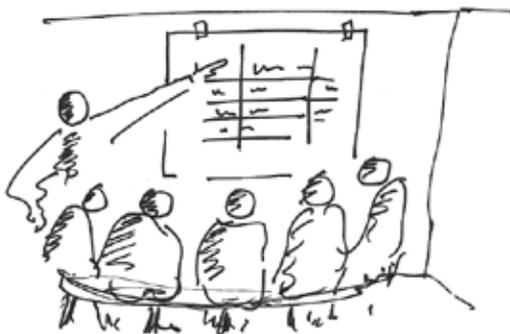
ETAPA 4 Cruzar e comparar a informação

- Organize uma reunião dos seus avaliadores para partilhar todos os resultados e comparar a informação para detectar possíveis inconsistências.
- Se houver inconsistências, procure obter mais informação de novas fontes ou de fontes já existentes antes de finalizar a avaliação de necessidades.

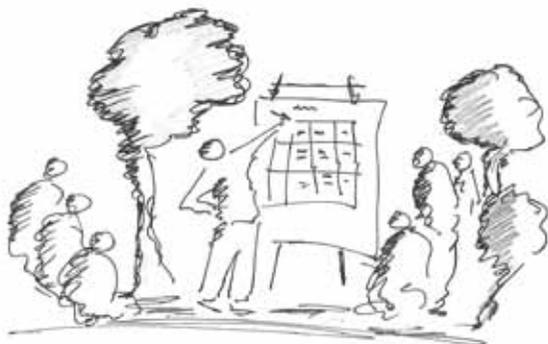


ETAPA 5 Planear uma resposta

- Defina, em grupo, prioridades para as principais necessidades.
- Identifique os recursos disponíveis (da igreja, do governo, de ONG) para satisfazer essas necessidades.
- Decida quem será responsável pelas diversas partes da resposta.
- Decida onde e quando começará a resposta e qual a ordem das diferentes actividades.



Encontrará mais informação sobre como planear uma resposta no capítulo 2: “Como podemos organizar-nos”, páginas 37 a 68.



Definir prioridades para as necessidades

A seguir, faça uma lista das principais necessidades que encontrou e das formas como as pessoas estão a tentar satisfazer essas necessidades. Poderia usar uma tabela como esta:

Necessidade identificada	Nível de prioridade	Recursos locais disponíveis ou em uso	Recursos externos ainda necessários
Famílias sem comida; preços muito altos no mercado.	1	Algumas bananas existentes; algumas raízes e frutos selvagens; algumas pessoas têm legumes.	Arroz e lentilhas.
Falta de utensílios para cozinhar ou comer.	2	Algumas panelas partilhadas; folhas de bananeira como pratos.	Jogos de panelas, pratos, canecas.
Bomba manual contaminada; a água limpa fica a 5 km.	3	As pessoas estão a usar a água das cheias para se banharem; algumas famílias apanham a água da chuva usando plásticos.	A bomba manual local necessita de ser limpa e reparada.

3

Uma vez feita a lista das principais necessidades, fale com a comunidade, ou com um pequeno grupo de líderes da comunidade, para decidir quais as que deverão ter prioridade máxima. Não se esqueça de ouvir tanto as mulheres como os homens, porque poderão ter prioridades diferentes. A última etapa consiste em elaborar um plano para satisfazer essas necessidades prioritárias (consulte o capítulo 2, páginas 54 a 59).

Avaliação de capacidades

As listas de verificação seguintes ajudá-lo-ão a identificar os recursos de que dispõe na sua igreja e na comunidade para se preparar para um desastre e para lhe responder. Estas listas de verificação centram-se nas competências e na experiência de que poderá necessitar, bem como nos recursos físicos que poderiam ser usados, como edifícios, veículos e equipamento.

O ideal seria que as listas de verificação fossem consideradas em reuniões da igreja e da comunidade antes de um desastre. Se, no entanto, isto não for feito, as listas podem ser usadas em adição ao processo de avaliação de necessidades, após a ocorrência de um desastre.

Consulte também o mapeamento de recursos nas páginas 74 e 79 deste capítulo.

Avaliação de recursos (para a igreja e a comunidade)

Recursos úteis durante ou após um desastre	Localização e proprietários
<p>Edifícios</p> <p>Principal local de reunião da igreja:</p> <ul style="list-style-type: none"> - capacidade de lugares sentados - capacidade de lugares para dormir - capacidade de armazenamento (alimentos e artigos não alimentares) - sanitários disponíveis - água disponível - quaisquer outros edifícios da igreja 	
<p>Transportes</p> <ul style="list-style-type: none"> - carrinhos de mão - carroça ou carro de bois - bicicleta ou riquexó - canoas, ferries ou barcos de pesca - motorizadas - carrinhas abertas e carros 	
<p>Centros de saúde</p> <ul style="list-style-type: none"> - recursos médicos básicos - instalações para pequenas cirurgias - número de camas para internamento 	
<p>Escolas</p> <ul style="list-style-type: none"> - escola primária (quantas pessoas poderiam viver e dormir temporariamente ali?) - escola secundária/colégio (quantas pessoas poderiam viver e dormir temporariamente ali?) - capacidade de armazenamento de comida e outras provisões - instalações de cozinha para preparar alimentos - acesso a água - acesso a sanitários 	

Recursos úteis durante ou após um desastre	Localização e proprietários
<p>Outros edifícios sólidos</p> <ul style="list-style-type: none"> - abrigos contra ciclones - armazéns de cereais - pavilhões comunitários - edifícios de escritórios - outros 	
<p>Comunicação</p> <ul style="list-style-type: none"> - acesso à rádio nacional - acesso à televisão - telemóveis e cobertura de sinal - métodos sociais de comunicação, por exemplo, reuniões da aldeia, reuniões da igreja, outros grupos religiosos - sinos da igreja - outros métodos locais 	
<p>Abastecimento de água</p> <ul style="list-style-type: none"> - acesso a pontos de água limpa - capacidade de guardar água em segurança - capacidade de distribuir água - capacidade de filtrar ou esterilizar água 	
<p>Roupas</p> <ul style="list-style-type: none"> - roupas adicionais para crianças e adultos mais vulneráveis - capacidade de oferecer roupas quentes e cobertores em locais frios - capacidade de oferecer protecção impermeável 	
<p>Transporte e comunicação</p> <ul style="list-style-type: none"> - estradas acessíveis até à área afectada - acesso a pistas relvadas - acesso a pistas alcatroadas - acesso a cais fluviais ou desembarcadouros - acesso a pontos de travessia de rios, sejam eles pontes, ferries ou áreas de baixa profundidade 	

Avaliação de competências (para a igreja e a comunidade)

Competências úteis durante ou após um desastre	Nomes de membros da igreja e da comunidade
Área médica <ul style="list-style-type: none"> - Primeiros socorros - médicos/enfermeiros - parteiras 	
Salvamento <ul style="list-style-type: none"> - uso de cordas/escadas - elevação, transporte de pessoas - barqueiros/pescadores 	
Construção <ul style="list-style-type: none"> - carpintaria (construção em madeira) - alvenaria (construção em tijolo ou blocos de pedra) - abastecimento de água (canalização, mecânica de poços tubulares, construção de depósitos de água) - construção de telhados (usando chapas metálicas, telhas ou colmo) - saneamento (construção de sanitários) 	
Logística <ul style="list-style-type: none"> - capacidade de gerir e armazenar provisões - capacidade de gerir a distribuição de alimentos - capacidade de gerir artigos não alimentares (como sejam utensílios, cobertores, sabão e artigos sanitários, bidões de água) - abastecimento de combustível para cozinhar - capacidade de conduzir ou de pedir veículos emprestados 	
Preparação de alimentos <ul style="list-style-type: none"> - preparação de alimentos básicos, de acordo com a preferência da comunidade - alimentação especial para crianças pequenas, pessoas idosas ou doentes 	
Aconselhamento e apoio emocional <ul style="list-style-type: none"> - competências de aconselhamento - aconselhamento em situações de luto e trauma - equipa de oração 	
Educação <ul style="list-style-type: none"> - professores da escola, professores da escola dominical - educação de adultos, alfabetizadores 	

Utilização dos edifícios da igreja e da comunidade em situações de emergência

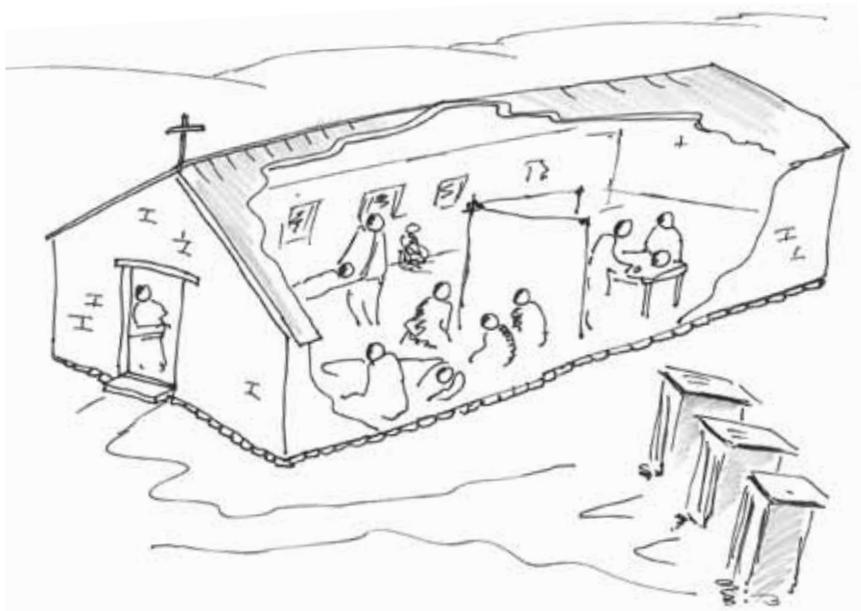
Os edifícios são um recurso importante de que muitas igrejas dispõem.

Antes de usar o edifício da igreja como local de refúgio ou de armazenamento, certifique-se de que o edifício é seguro e capaz de resistir a ventos, cheias ou tremores de terra. Verifique igualmente se os líderes da igreja estão de acordo em utilizar os edifícios da igreja para este fim. Poderá haver algum transtorno para outras actividades da igreja. Algumas igrejas não querem usar o seu edifício para emergências, mas em situações de desastre poderá não haver muitas alternativas.

A secção seguinte descreve algumas das formas como os edifícios da igreja podem ser usados e adaptados em resposta a uma emergência. Sugerimos vários tipos de utilização para os edifícios e alguns pontos-chave a ter em conta para cada utilização possível.

3

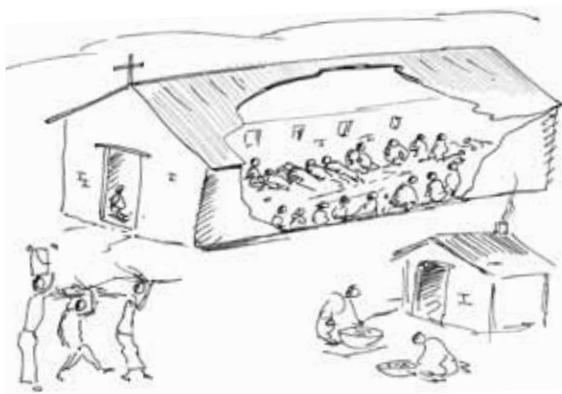
Centro de tratamento e saúde numa emergência



- acesso a água limpa
- recursos para esterilizar (fervêr) e limpar instrumentos
- acesso a um número de sanitários adequado
- áreas separadas para o tratamento de doentes e para casos de maternidade.

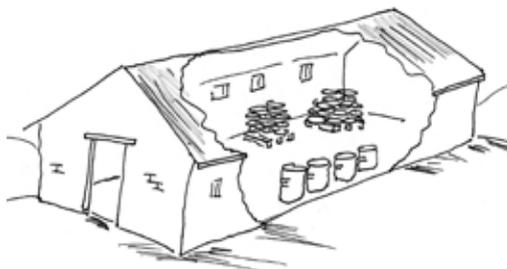
Abrijo temporário numa emergência

- um número acordado de pessoas que podem ser alojadas com segurança
- alojamento separado para homens e mulheres
- camas básicas (por exemplo, esteiras e cobertores)
- sanitários adicionais
- acesso a água limpa
- instalações para preparar e cozinhar alimentos
- área exterior designada para o gado.



Armazém de comida e provisões para emergências

- área de armazenamento a seco
- sacos de alimentos armazenados sem contacto com o solo (em paletes ou blocos)
- sacos de alimentos protegidos contra pestes
- um sistema de controlo de existências para registar a entrada e saída de sacos
- medidas de segurança, de dia e de noite.



Planeamento e preparação

No capítulo 2, páginas 54 a 59, são dadas algumas sugestões para o planeamento de uma resposta, com tabelas e modelos sugeridos. É importante atribuir tarefas a pessoas específicas e estabelecer um calendário claro.

O papel do pastor não é necessariamente o de liderar todas estas actividades, mas sim o de identificar as pessoas adequadas para a realização das várias tarefas.

Em áreas onde são frequentes desastres, a comunidade deve elaborar as listas de competências e recursos das páginas anteriores antes do desastre, para estar pronta a responder num curto espaço de tempo.

ESTUDO BÍBLICO**Avaliação da situação da cidade** Neemias 2-4**Contexto**

O exército da Babilónia tinha cercado e destruído a cidade de Jerusalém, incluindo as muralhas, e a população de Jerusalém foi deportada, na sua maioria, para a Babilónia.



Neemias era um judeu cativo na Babilónia que trabalhava como servidor de confiança do rei Artaxerxes. No capítulo 1, ele fica muito triste ao receber a notícia do estado em que Jerusalém se encontra. As suas muralhas e portas continuam em ruínas. Ora fervorosamente a Deus e começa a planear o seu regresso à cidade para a reconstruir.

Pontos-chave

- Neemias recebe autorização e assistência do rei, que não é crente. Isto mostra a importância de trabalhar com autoridades seculares e o potencial para aceder a recursos adicionais (2:4-9).
- Neemias faz uma avaliação dos danos infligidos às muralhas, portanto, o projecto baseia-se numa compreensão clara do problema. São necessários dados de avaliação fiáveis para que a igreja e a comunidade possam embarcar num projecto de resposta a um desastre (2:11-16).
- Neemias ilustra bem uma abordagem ordenada à reconstrução, visto que cada uma das etapas é claramente definida com planos e revista regularmente (2:11-18). Desde o início, ele enfrentou oposição e as pessoas fizeram troça dele e ridicularizaram-no por aquilo que estava a tentar fazer (2:19-20). Ele encontrou maneiras de contrariar e resistir a isto, confiando em Deus.

Perguntas

- 1 *Como é que Neemias obtém autorização para voltar a Jerusalém? Que importância atribui ele à oração? (2:1-6)*
- 2 *Como é que ele obtém os recursos de que necessita para iniciar o seu projecto de construção? Quais são as vantagens e desvantagens de trabalhar com as autoridades governamentais? (2:7-9)*

- 3 *O que é que ele faz quando chega à cidade? Porque é que ele espera três dias para inspeccionar as muralhas? Porque é que ele vai de noite, só com um pequeno grupo de pessoas? (2:11-16)*
- 4 *O trabalho de construção é cuidadosamente planeado. Quais são alguns dos pontos do plano de Neemias? (3:1-32, 4:16-18) Quanto tempo e esforço dedicamos nós à oração e ao planeamento antes de iniciarmos um projecto?*
- 5 *Aquilo que Neemias faz é apoiado por todos? (4:3, 7-9) Porque é que algumas pessoas são contra o seu trabalho de construção? Que tipo de oposição poderíamos nós esperar como igreja?*

3

Revisão deste capítulo

- *Porque é que é importante fazer uma avaliação dos riscos?*
- *Como é que a igreja e a comunidade podem ser envolvidas na realização de uma avaliação de riscos?*
- *Como é que um mapa de riscos pode ser usado para a preparação e resposta a um desastre?*
- *Quais são as principais formas de recolher informação para uma avaliação das necessidades após um desastre?*
- *Quais são algumas das competências possuídas por membros da igreja que poderiam ser úteis após um desastre?*
- *Como é que é possível assegurar que as necessidades e competências específicas das mulheres são incluídas na avaliação?*
- *Quais são as principais formas de utilização do edifício da igreja na preparação e resposta a um desastre?*



Próximas etapas

Estas são algumas sugestões práticas de coisas que poderá fazer se vive numa área propensa a desastres:

- *Fazer o estudo bíblico como igreja. Quais são as lições fundamentais tiradas deste estudo?*
- *Fazer um mapa de riscos. Quais os problemas identificados pelo mapa?*
- *Fazer uma avaliação de capacidades. Que medidas necessitam de ser tomadas agora para aumentar a capacidade de resposta da igreja e da comunidade?*



4

Pessoas deslocadas

Introdução	96
A resposta da igreja às pessoas deslocadas	98
Código de Conduta para as igrejas	99
Estudo de caso: A resposta ao tsunami nas Ilhas Andaman	100
Responder às pessoas deslocadas	100
Avaliar a situação	101
Registar as pessoas deslocadas	101
Satisfazer as necessidades físicas	104
Alimentos	104
Água	106
Saneamento	113
Abrigo	119
Satisfazer as necessidades espirituais	124
Recuperar o ambiente	128
Estudo de caso: Trabalhar conjuntamente	129
Estudo bíblico: Vencer o preconceito	130
Revisão deste capítulo	131

1

2

3

4

5

6

7

8

Introdução



As pessoas deslocadas são aquelas que deixaram a área onde viviam habitualmente, porque as suas vidas ou os seus meios de subsistência se encontravam em perigo. Foram para outra área para evitar mais perdas de vida e de bens e por causa do risco de mais desastres.

Os desastres naturais são uma das principais causas de deslocamento. Perigos como tsunamis, terremotos, erupções vulcânicas, cheias, tempestades de vento e secas podem destruir ou danificar casas e meios de subsistência a ponto de deixar de ser seguro ou praticável que as pessoas permaneçam na sua área habitual.

Um conflito civil pode significar que a área de residência habitual deixa de ser segura para as pessoas trabalharem e fazerem a sua vida, mesmo quando as colheitas e o gado continuam a prosperar. Quando há uma ameaça à vida humana, as pessoas deslocam-se para evitar possível violência.

A igreja local é muitas vezes a única organização e estrutura comunitária capaz de responder imediatamente à chegada de pessoas deslocadas. O objectivo deste capítulo é equipar a igreja



para responder rápida e eficazmente às necessidades básicas das pessoas deslocadas nos primeiros dias, para reduzir as ameaças imediatas à vida e à saúde.

São a seguir apresentados alguns dos problemas que as pessoas deslocadas enfrentam tipicamente – problemas que poderá descobrir quando estas pessoas chegam.

Problemas enfrentados pelas pessoas deslocadas

- Podem encontrar-se em mau estado de nutrição ou de saúde.
- Podem não ter sido capazes de trazer consigo artigos domésticos essenciais ou comida.
- Podem não ter quaisquer bens por terem sido roubadas ou obrigadas a vender tudo para fazer dinheiro.
- Podem não ter documentos de identificação e/ou de viagem.
- Podem não ter acesso à terra ou a emprego.
- Podem ter acesso limitado aos mercados da nova área.
- Podem não ter acesso aos serviços de saúde, de educação ou a outros serviços sociais disponíveis para os residentes locais.
- Podem estar traumatizadas e a precisar de apoio social e/ou de aconselhamento.
- As crianças podem ter sido separadas das respectivas famílias.
- As mulheres e crianças podem ser especialmente vulneráveis a exploração sexual ou a violência.
- As comunidades locais podem ser hostis à chegada das pessoas deslocadas e não estar dispostas a partilhar recursos, especialmente se esses recursos são escassos.
- Os governos locais podem ver as pessoas deslocadas como uma ameaça à paz e estabilidade na área e podem tentar contê-las em campos ou outros espaços limitados.



A resposta da igreja às pessoas deslocadas

A igreja tem recursos significativos para oferecer em resposta às necessidades das pessoas deslocadas.

Instalações e equipamento, tais como os edifícios da igreja, um salão ou uma escola podem oferecer às pessoas traumatizadas abrigo rápido e acessível a curto prazo. O recinto em que se encontram situados oferece protecção adicional. O equipamento e os utensílios (que às vezes são usados para alimentar um grande número de pessoas por ocasião de casamentos ou outras celebrações) podem ser agora usados para alimentar as famílias deslocadas.

Os voluntários oferecidos pela igreja sabem onde encontrar grandes quantidades de comida e outros artigos a preços competitivos. Podem cozinhar comida local que as pessoas deslocadas comam e podem organizar distribuições dentro do campo.

Os líderes da igreja são normalmente capazes de mobilizar e motivar as pessoas para responder rapidamente. A resposta é também motivada pelo desejo instintivo dos crentes de ajudar os que necessitam – uma aplicação de “Amar o próximo”.

Às vezes, é escolhida uma comissão para gerir o trabalho, constituída por membros da igreja sensatos e respeitados. Esta comissão deve incluir homens e mulheres, e pessoas com as competências e conhecimentos relevantes para as necessidades das pessoas deslocadas (consulte o capítulo 2, páginas 39 a 41). O recrutamento e a gestão de voluntários são tratados no capítulo 2, páginas 41 a 45.

Os conhecimentos e o idioma locais podem ajudar a orientar as pessoas na tomada de decisões chave, em momentos críticos, num ambiente social complexo e a que não estão habituados.

A igreja pode oferecer apoio emocional e oração àqueles que estão enlutados e emocionalmente perturbados. Pode ajudar a cicatrizar memórias dolorosas e a restaurar a esperança para o futuro. Para os crentes, pode também oferecer um sentimento de fraternidade e oportunidades de participar na vida de culto e oração da igreja, demonstrando a unidade mais vasta de crentes.



Código de Conduta para as igrejas

Foi elaborado há alguns anos um código de conduta pelo Movimento Internacional da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho. A maioria das principais organizações envolvidas na ajuda humanitária em situações de catástrofe apoia este código. O código foi primeiramente elaborado para ajudar as ONG a oferecer assistência equitativa e eficaz às pessoas necessitadas.

É apresentado a seguir num formato adaptado para o tornar mais apropriado para as igrejas que trabalham com pessoas deslocadas. Todos os membros de uma igreja envolvidos numa iniciativa de ajuda humanitária deverão compreender e seguir este código.

Principais compromissos

As igrejas que seguem esta versão adaptada do código de conduta serão convidadas a observar os seguintes compromissos:

- 1 Numa situação de desastre, salvar vidas e reduzir o sofrimento (físico, emocional, espiritual) devem ser preocupações prioritárias da igreja local.
- 2 A assistência e o apoio da igreja devem ser oferecidos às pessoas, qualquer que seja a sua raça, crença, género, religião ou nacionalidade, sem favoritismo ou preconceito. A definição de prioridades deve ser feita unicamente com base na necessidade. (Consulte o estudo bíblico da página 130.)
- 3 A assistência e a distribuição de ajuda por parte da igreja não devem ser usadas para promover qualquer ponto de vista específico, seja ele de natureza política ou religiosa. (Por outras palavras, não devem ser de forma alguma usadas para obter conversões.)
- 4 As igrejas não devem deixar-se manipular para cumprir os objectivos de um grupo político específico.
- 5 As igrejas devem respeitar a cultura e os costumes, mesmo que estes sejam muito diferentes dos seus.
- 6 As igrejas devem tentar aumentar a capacidade local para responder mais eficazmente a futuros desastres.
- 7 As igrejas devem procurar envolver os beneficiários no planeamento e na implementação de qualquer projecto de ajuda humanitária.
- 8 As igrejas devem procurar oferecer ajuda e apoio de uma forma que evite tornar os beneficiários ainda mais vulneráveis a desastres do que anteriormente.
- 9 As igrejas devem responsabilizar-se, antes de mais, perante Deus, mas também perante aqueles que estão a ajudar e aqueles de quem receberam recursos.
- 10 As igrejas que elaborem materiais informativos e publicitários devem reconhecer que as vítimas de desastres são seres humanos dignos e não meramente objectos sem esperança.

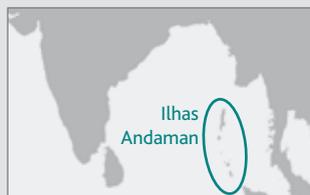
Estudo de caso

A resposta ao tsunami nas Ilhas Andaman

No seguimento do tsunami de 2004, a missão pentecostal das Ilhas Andaman trabalhou em colaboração com algumas agências externas de ajuda humanitária para oferecer ajuda de emergência a 500 pessoas deslocadas internamente e proporcionar 350 abrigos.

Sob a direcção do pastor assistente, a igreja ofereceu utensílios de cozinha e outro equipamento para alimentar um campo de 500 pessoas na escola de Midpoint.

As mulheres da igreja organizaram-se em turnos para oferecer três refeições por dia. Havia até 50 voluntários, homens e mulheres de todas as idades, a ajudar a manter a cozinha do campo em funcionamento. Isto continuou até à chegada de outra ajuda.



Responder às pessoas deslocadas

Numa situação de desastre, a igreja pode ver-se a braços com um súbito influxo de pessoas deslocadas. Poderão ser pessoas vindas da sua própria comunidade (por exemplo, se forem deslocados por uma cheia, ou se as suas casas tiverem sido danificadas por um terramoto) ou poderão ser de um local mais distante (por exemplo, pessoas que se deslocaram em consequência de seca ou conflito). Os pontos a seguir descritos mostram as principais formas como a igreja deverá planear a sua resposta, se bem que possa não ser possível para uma igreja abranger todos estes pontos. Algumas necessidades devem ser satisfeitas com urgência, nas primeiras 48 horas.

Tente seguir estas etapas, procurando na oração a orientação de Deus pelo caminho.

- 1 Faça uma avaliação cuidadosa da situação.
- 2 Registe as pessoas deslocadas.
- 3 Elabore um plano para satisfazer as necessidades físicas, por exemplo, de comida, água, saneamento e abrigo.
- 4 Elabore um plano para satisfazer as necessidades espirituais e emocionais, por exemplo, de oração e aconselhamento.

Nas páginas seguintes, iremos analisar cada uma destas áreas em mais pormenor.

Avaliar a situação

Quando as pessoas deslocadas chegarem, faça uma avaliação inicial das suas necessidades. É sugerido um formato para a avaliação de necessidades no capítulo 3, páginas 82 a 83. O mesmo capítulo apresenta listas de potenciais recursos que uma igreja poderá ter para responder a essas necessidades (páginas 86 a 88). Poderão também ser necessários recursos adicionais – consulte o material sobre “Trabalhar com outros” (capítulo 2, páginas 48 a 53).

A avaliação das necessidades e a avaliação das capacidades da igreja darão resposta às seguintes questões:

- Quem são as pessoas com mais necessidade de assistência? Há pessoas doentes, idosas ou grávidas que necessitem urgentemente de ajuda?
- Quantas pessoas estão em risco e/ou a necessitar de assistência?
- De que tipo de assistência precisam os diversos grupos e por quanto tempo?
- Que recursos temos (pessoas, edifícios, materiais) que possam ser usados?
- O que podemos nós próprios fazer e de que ajuda adicional necessitamos?

Para mais ideias sobre como planear uma resposta, consulte o capítulo 2, páginas 54 a 59.

Além de avaliar as necessidades das pessoas deslocadas, poderá também necessitar de fazer o mesmo para a comunidade de acolhimento, ou seja, a população residente da área, que pode ela própria ser muito pobre. Os recém-chegados irão ter impacto nos recursos naturais (por exemplo, na água, nas árvores e nas pastagens). Poderá haver também competição pelos meios de subsistência. Os esforços para ajudar as pessoas deslocadas poderão precisar de incluir alguma provisão também para a comunidade de acolhimento.

4

Registrar as pessoas deslocadas

A situação que enfrenta pode ser simplesmente que a população local foi desalojada das suas casas e está a viver na igreja ou na escola.



Mantenha um registo de todas as pessoas que chegam – idade, sexo, origem, situação familiar, necessidades de saúde, profissão, etc.

Às vezes, pode no entanto chegar um grande número de pessoas de fora. Pode tornar-se difícil determinar os números exactos, especialmente se as pessoas se estabelecerem entre os residentes locais e não em campos. Sejam quais forem os números, é importante ter um sistema simples para registar os respectivos nomes, de onde são, o seu sexo e idade. Isto ajudará a planear a quantidade de comida de que necessitam, bem como a organizar o abrigo e a satisfazer outras necessidades.

O registo poderá também ajudá-lo a si a decidir quem são os mais necessitados e aqueles que estão genuinamente a precisar de ajuda. É aconselhável envolver os líderes da comunidade local no processo, para reduzir possíveis disputas e conflitos.

Os esforços no sentido de contar as pessoas deslocadas são susceptíveis de erros, pelas seguintes razões:

- A situação pode estar em evolução e poderá haver pessoas a chegar continuamente.
- As pessoas poderão não estar presentes durante o processo de registo. Isto poderá constituir um problema, especialmente se as pessoas deslocadas forem nómadas.
- Alguns deslocados poderão tentar dar informação errada sobre a dimensão do seu agregado familiar, pensando que receberão mais comida ou outros bens se tiverem mais pessoas na família.
- Algumas pessoas poderão tentar inscrever-se duas vezes pela mesma razão.

Em contextos de refugiados em maior escala, o ACNUR e o governo local tentarão provavelmente efectuar um registo. Este registo poderá ser usado como orientação geral para fins de planeamento.

A comunicação clara e a transparência são essenciais para assegurar um processo equitativo e sem problemas (consulte a secção seguinte).

Comunicação

É necessário que os membros da comunidade, os respectivos líderes e os funcionários governamentais compreendam o processo de registo e saibam por que razão está a ser feito. Leve o tempo que seja necessário para explicar claramente as coisas aos líderes e aos funcionários e tente envolvê-los tanto quanto possível. Se o fizer, eles terão mais confiança no processo e haverá mais probabilidades de que o apoiem.



Vá até àqueles que não possam andar ou que estejam doentes e registe a informação, especialmente os dados médicos/de saúde.

O processo deve também ser comunicado numa reunião pública. Dê tempo para cumprimentos, cortesias e explicações. Certifique-se de que estas reuniões públicas são realizadas a horas convenientes para todos, especialmente para as mulheres. Nalgumas culturas, poderá ser necessário efectuar reuniões separadas para homens e mulheres. Assegure às pessoas que o único objectivo do registo é o de planear a assistência à comunidade. Algumas culturas não aceitam a contagem de pessoas. Se, no entanto, o objectivo for claramente explicado e compreendido, a resistência deverá ser mínima.



A reunião pública poderá também oferecer a oportunidade de seleccionar uma pequena comissão para controlar o processo de registo e a subsequente distribuição de materiais. Esta comissão deverá incluir representantes da igreja, dos líderes da comunidade e das pessoas deslocadas.

Além da reunião pública, poderá afixar notificações em locais públicos (por exemplo, em mercados, escolas e igrejas) e dar cópias aos líderes da comunidade e aos funcionários governamentais. É necessário que o processo seja reconhecido como equitativo e transparente (consulte a secção seguinte).

O processo de registo

Um agregado familiar é definido como um grupo de pessoas que comem juntas. As mulheres devem ser registadas como chefes dos agregados familiares. Nas sociedades polígamas, registre cada uma das mulheres como um agregado familiar e inclua o marido como dependente num dos agregados familiares.



Certifique-se de que o formato do registo proporcionará toda a informação necessária para o fornecimento dos bens de ajuda humanitária. Por exemplo, registre todas as crianças e anote os respectivos nomes e idades. As razões dos agregados familiares serão determinadas pela dimensão desses agregados, portanto, tente confirmar a informação se possível.

Se tem mais do que um ponto de registo, dê início ao registo em todos eles ao mesmo tempo e conclua o processo tão rapidamente quanto possível. Isto ajudará a evitar o registo duplicado de pessoas que vão de um lado para o outro.

Satisfazer as necessidades físicas

A avaliação das necessidades ajudou a identificar as preocupações prioritárias das pessoas deslocadas. O processo de registo deu informação de números exactos e identificou as famílias ou indivíduos mais necessitados de assistência. Iremos agora analisar as quatro áreas principais de necessidade física: comida, água, saneamento e abrigo. Poderá também ser necessária assistência médica: esta área foi brevemente tratada na secção respeitante a "Primeiros socorros", no capítulo 2, páginas 63 a 66. Poderá ser possível mais assistência médica se os membros da sua igreja incluírem médicos, enfermeiros ou trabalhadores de saúde, mas essa é uma área especializada que está fora do âmbito desta publicação.

Alimentos

De uma maneira geral, é muito melhor que as pessoas deslocadas recebam comida através daquilo a que muitas vezes se chama um programa de "comida a troco de trabalho". Isto envolve organizar as pessoas deslocadas que se encontrem fisicamente aptas, para contribuir com mão-de-obra para um projecto comunitário. As rações alimentares são dadas no final do dia, de acordo com o trabalho realizado. Os projectos de trabalho podem incluir plantar árvores, construir terraços, abrir canais de irrigação ou reparar uma barragem de aterro. Isto tem diversos benefícios:

- Proporciona às pessoas deslocadas mais dignidade do que uma distribuição gratuita.
- A comunidade beneficia do projecto concreto concluído.
- Pode também ser usado para equipar as pessoas deslocadas com novas competências e conhecimentos que poderão usar no futuro.
- Projectos cuidadosamente escolhidos poderão ajudar a reduzir a vulnerabilidade a futuros desastres (por exemplo, construindo defesas contra as cheias ou fossos de drenagem).



Existem, no entanto, situações em que a distribuição gratuita de comida é necessária, especialmente quando as pessoas deslocadas chegam subitamente e em grandes números, ou se vierem em mau estado de saúde. A necessidade de comida (e água) pode ser muito urgente. A distribuição geral de comida pode também ser apropriada nas situações em que, por motivo de guerra, as pessoas deslocadas são afastadas das suas fontes normais de alimentação. Da mesma forma, se as taxas de subnutrição forem muito altas, poderá ser necessária alguma forma de alimentação terapêutica ou suplementar, especialmente para as crianças.

Existe um livro produzido pelo projecto Sphere, *Carta Humanitária e Normas Mínimas de Resposta Humanitária em Situações de Catástrofe* (2004; nova edição 2010), que contém orientação útil sobre programas de alimentação. Isto volta a ser considerado no capítulo 7, página 182.

Uma regra geral seria calcular 500 g de cereal (por exemplo, sorgo, milho, painço) por pessoa, por dia, mais 100 g de lentilhas (ou semelhante) e um pouco de óleo para cozinhar.

Pormenores de ordem prática

Uma vez concluído o registo, os líderes da igreja (ou a comissão encarregada de gerir o projecto de alimentação) devem comunicar como será distribuída a comida. Isto inclui:

- o local e a data da distribuição
- a quanto cada pessoa terá direito (ou seja, a quantidade de comida por pessoa)
- o processo de distribuição (por exemplo, utilizando pacotes ou medidas de cereal).

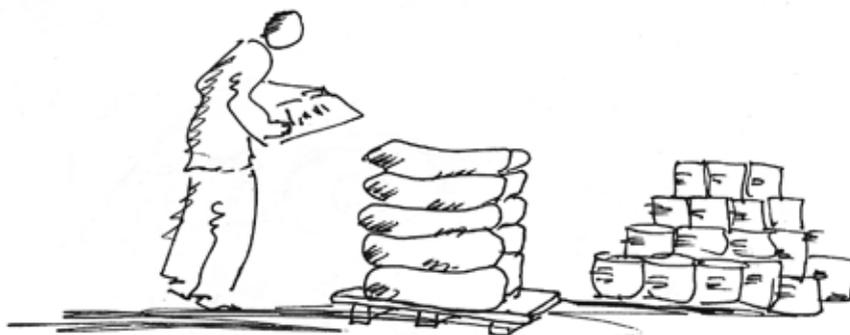


4

Há várias formas de gerir a distribuição, mas o processo tem de ser levado a cabo de forma ordeira e é necessário que seja reconhecido como justo e equitativo. A comida é entregue a cada mulher, como representante do seu agregado familiar e principal prestadora de cuidados aos seus filhos.

Estas são algumas sugestões:

- 1 A comida descarregada de um camião deve ser verificada e registada.
- 2 As medidas de comida (uma medida por pessoa) devem ser demonstradas aos beneficiários.
- 3 As sacas de comida devem ser arrumadas num local aberto mas seguro, de forma a poderem ser vistas por todos.
- 4 Um dos líderes da igreja ou um membro da comissão, ou um monitor, deve ler os nomes do registo, um de cada vez. Ao ouvir o seu nome, cada uma das mulheres avança e é-lhe entregue a quantidade de comida devida ao seu agregado familiar. Basta-lhe contar o número de medidas para ter a certeza que está a receber tudo o que lhe é devido.



- 5 O membro da comissão ou monitor marca o registo para confirmar os agregados familiares que receberam as suas rações.

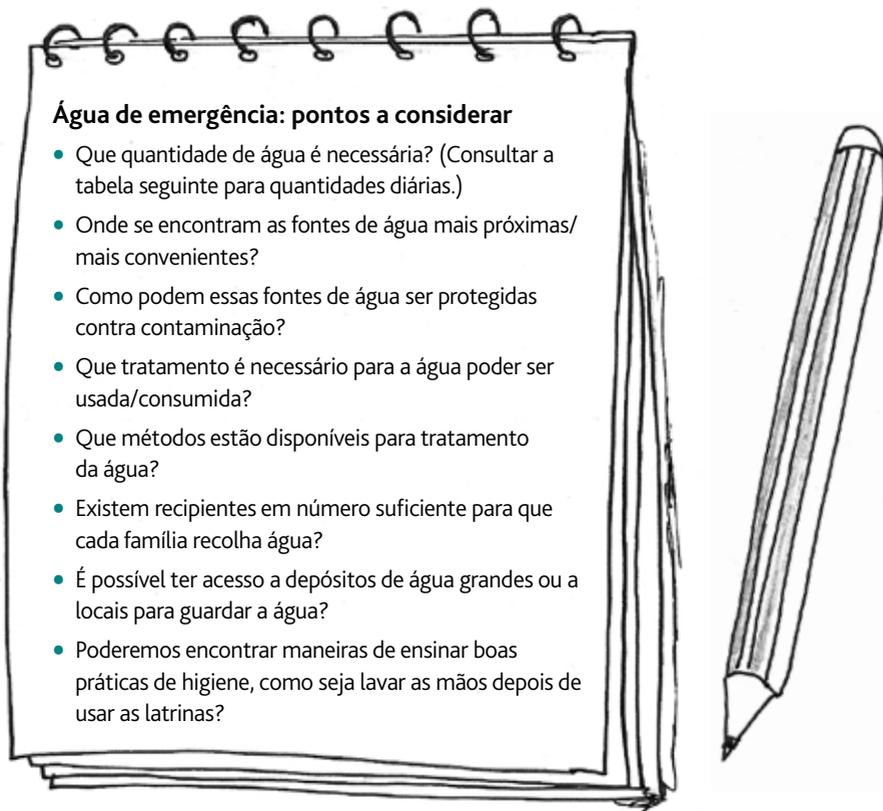
Durante a distribuição, os membros da comissão e os líderes da igreja devem monitorizar o que se passa e tomar quaisquer medidas necessárias, de acordo com as directrizes acordadas, para resolver eventuais dificuldades.

Estas são algumas questões que sugerimos para aqueles que monitorizam o processo de distribuição:

- A informação do registo está correcta?
- As pessoas registadas estão a receber aquilo a que têm direito?
- Os sistemas estão a funcionar como deve ser?
- Os membros da comissão e os voluntários estão a desempenhar as suas funções com confiança e competência?
- Os comentários das pessoas que estão a receber a comida são, de uma forma geral, positivos?
- Existe um mecanismo eficiente para responder aos comentários da comunidade?

Água

Esta é uma descrição geral dos princípios de fornecimento de água em situações de emergência. Não incide na concepção detalhada do processo, mas descreve o planeamento e os procedimentos necessários para assegurar um fornecimento adequado. Juntamente com a comida, o abrigo, o saneamento e a assistência médica, a água limpa é uma das prioridades máximas numa situação de desastre.



Necessidades básicas de água para sobrevivência

A tabela seguinte mostra apenas valores para orientação. É importante realçar que a quantidade de água, por si só, não é suficiente para assegurar a saúde das pessoas deslocadas. A qualidade da água, um bom saneamento e educação sobre higiene e a aplicação destes ensinamentos são também essenciais.

Necessidades para sobrevivência: ingestão de água (bebida e na comida)	2,5 a 3 litros por dia	Dependendo de: o clima e a fisiologia individual
Práticas de higiene básicas	2 a 6 litros por dia	Dependendo de: normas sociais e culturais
Necessidades básicas para cozinhar	3 a 6 litros por dia	Dependendo de: o tipo de comida, bem como normas sociais e culturais
Total de necessidades básicas de água	7,5 a 15 litros por dia	

Fontes e qualidade da água

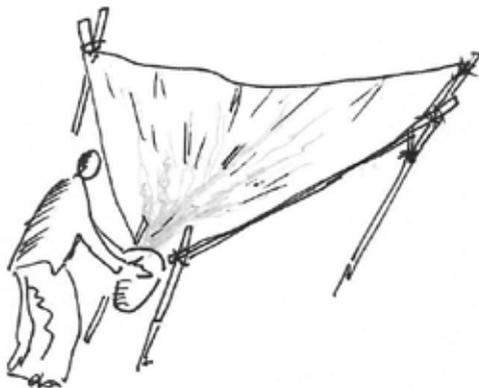
Um desastre pode contaminar ou destruir a fonte de abastecimento de água local. Os poços podem ficar inundados, a canalização pode ser danificada e as nascentes podem secar. O problema é muitas vezes agravado pela escassez de recipientes para a água. A água potável e a capacidade de transportar e armazenar são preocupações prioritárias.

Estas são algumas sugestões:

- Água engarrafada, ou em pacotes plásticos. É uma opção dispendiosa, mas poderá ser necessária nos primeiros dias.
- Abastecimento por autotanques. Os autotanques são geralmente organizados pelo governo ou alugados por ONG. Podem ser uma boa opção se os abastecimentos forem suficientemente frequentes e houver recipientes disponíveis para a água. É mais eficaz se for possível encher também depósitos de plástico, bidões, ou grandes recipientes de barro.
- Carroças ou carrinhas abertas. Este método baseia-se no transporte de bidões de água por carroças tradicionais, ou por carrinhas abertas se a fonte de abastecimento estiver mais longe.
- Fontes alternativas. Poderá haver nascentes, poços ou bombas manuais em aldeias próximas, mas os residentes poderão não ver com bons olhos a competição pela água e a obtenção de água a partir destas fontes poderá ser reduzida se continuarem a ser usadas quantidades crescentes.
- Filtragem ou purificação – isto é geralmente feito a nível do agregado familiar, usando pastilhas de cloro, filtros ou esterilização solar (ver mais adiante).
- Recolha de água da chuva. Se houver chuva, a água poderá ser recolhida de telhados metálicos, ou usando um plástico, preso pelos cantos, para canalizar a água para um recipiente.



A igreja pode tentar obter, em nome das pessoas deslocadas, uma distribuição de água equitativa a curto prazo e, a longo prazo, pode encorajar a criação de fontes de abastecimento de água potável mais permanentes que sejam seguras.



Tratamento de água (fontes de superfície)

Alguns dos métodos acima referidos requerem o tratamento da água para a tornar adequada para beber. A água contaminada transmite doenças e é uma causa importante de mais sofrimento e morte. Se a água estiver límpida e não cheirar mal nem tiver um gosto desagradável, e se for desinfectada, será geralmente aceitável a curto prazo, mas deve ser submetida a ensaios logo que possível. Há várias opções que podem ser consideradas para o tratamento da água, algumas de curto prazo, outras aplicáveis como soluções de longo prazo.

POÇOS DE INFILTRAÇÃO A areia e o cascalho depositados ao longo de um rio funcionam como filtro muito eficaz para a água. Os poços escavados a pouca distância da margem de um rio oferecem geralmente água de melhor qualidade que o próprio rio.



4

PACOTES DE ESTAÇÃO DE TRATAMENTO DE ÁGUA

Os pacotes de estação de tratamento de água são unidades autónomas altamente mecanizadas que, apesar de serem pequenas e fáceis de montar, são dispendiosas e exigem manutenção de rotina por uma pessoa competente.

Têm sido usadas com êxito na Turquia e na República Democrática do Congo, assim como em Moçambique, após grandes cheias. Poderá ser possível obter uma destas estações de uma ONG ou de uma agência governamental, mas é necessário que as pessoas recebam também formação para as usar devidamente. Os pacotes de estação são, realmente, apenas adequados para situações de campo.



FILTRAGEM Os filtros de areia lentos proporcionam uma das formas de tratamento de água mais simples e mais fiáveis, mas ocupam grandes áreas de terreno e exigem uma concepção e manutenção cuidadosas.

Podem ser obtidos pequenos volumes de água potável, apropriada para os agregados familiares, com filtros domésticos (ilustrados à direita) que fazem passar a água por "velas" cerâmicas filtrantes. Estes filtros poderão talvez ser obtidos nos mercados locais ou através de uma ONG.



Desinfecção

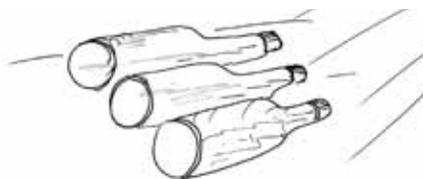
Como última precaução para assegurar a pureza da água, ela deverá ser desinfectada. Isto reduz o número de bactérias presentes na água para um nível seguro. A desinfecção é mais eficaz em água límpida e as pastilhas de cloro encontram-se amplamente disponíveis. Parte do cloro deve permanecer na água, aumentando a probabilidade de que ela se mantenha potável durante a distribuição e o armazenamento. Se a água continuar turva, poderá ser filtrada com um pano ou com um filtro de areia.

Método de desinfecção económico

Em países com muito sol, o calor e a luz solar ultravioleta (UV) podem ser usados para eliminar os organismos causadores de doenças. Este método está a tornar-se muito popular, porque é económico e simples e exige pouco trabalho. A investigação demonstrou que, se este método for usado correctamente, a água tratada é tão limpa como a água fervida. O processo é chamado desinfecção solar (SODIS).

O método requer:

- garrafas plásticas transparentes de aproximadamente 1,5 litros (as garrafas usadas para água engarrafada são ideais)
- água que não esteja muito turva.



É importante não usar garrafas de vidro, dado que estas garrafas não deixam passar luz solar suficiente para a água. As garrafas plásticas têm paredes muito finas que deixam passar a luz solar para a água. Deve deixar-se assentar a água turva e filtrá-la antes de a usar.

Encha uma garrafa limpa até cerca de três quartos da sua capacidade, coloque-lhe a tampa e agite-a vigorosamente durante aproximadamente 20 segundos. Isto assegura que a água tem bastante ar, que vai reagir com a luz solar para ajudar ao processo de purificação. Encha depois a garrafa até cima e deite-a de lado num local onde fique a receber a luz solar directa durante

várias horas e onde o vento não a arrefeça. A luz ultravioleta e o calor matam os germes que possam existir na água.

Quantidade de água e acesso à mesma

Apresentamos aqui mais algumas sugestões relativas à quantidade de água e ao acesso à mesma. As condições locais podem às vezes implicar um valor alvo mais baixo.

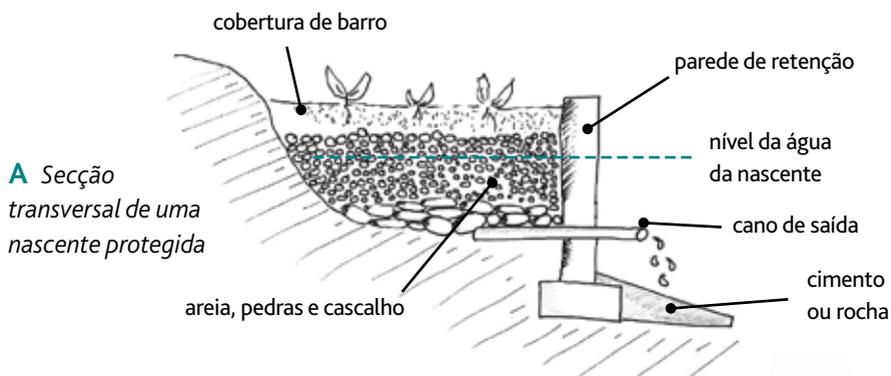
- A quantidade média de água disponível por pessoa (para beber, cozinhar e higiene pessoal) deve ser de pelo menos 15 litros por dia. As pessoas com VIH necessitam de uma quantidade maior.
- A distância máxima de qualquer agregado familiar ao ponto de água mais próximo deve ser de 500 m. Os pontos de água devem ser localizados em áreas seguras, que sejam acessíveis a todos, independentemente da sua classe, género ou etnia.
- O tempo de espera na fonte de abastecimento de água não deve ser superior a 30 minutos.
- O número de pessoas por fonte de água depende da quantidade de água debitada pela torneira ou bomba. Como indicação aproximada, deve haver:
 - Pessoas por torneira: 250
 - Pessoas por poço aberto: 400
 - Pessoas por bomba manual: 500.
- Um recipiente de 20 litros não deve demorar mais de três minutos a encher. Devem ser marcadas horas que sejam convenientes e seguras para as mulheres e outras pessoas que tenham a responsabilidade de recolher a água e todos os utilizadores devem ser completamente informados de onde e quando a água está disponível.
- As fontes de abastecimento de água devem ser devidamente mantidas e protegidas contra contaminação, por exemplo, de animais ou de sanitários próximos.



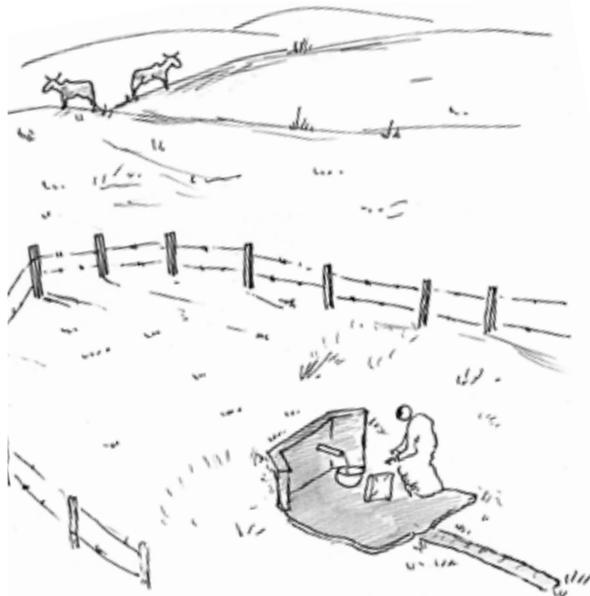
Soluções a mais longo prazo

Há muitas formas de responder às necessidades de água potável a mais longo prazo. Algumas delas são consideradas no capítulo 7: "Seca e insegurança alimentar". De uma maneira geral, estes métodos exigem o contributo de um engenheiro hidráulico, que poderá ser um membro da igreja, uma pessoa do governo local, ou um trabalhador de uma ONG. Algumas ideias incluem:

- cobertura de poços para os proteger de contaminação
- protecção de nascentes através da instalação de filtros de cascalho e areia com barro por cima (A)
- construção de uma cerca em volta das fontes de abastecimento de água para manter o gado afastado (B)



B *Nascente protegida com cerca*



- elevação das bombas manuais (ligadas a poços tubulares) para uma plataforma para não serem contaminadas pela água das cheias (C)
- recolher a água da chuva dos telhados de escolas e igrejas e armazená-la em bidões, depósitos plásticos ou grandes recipientes de barro.



C Poço tubular elevado

Saneamento

O saneamento é outra necessidade física importante das pessoas deslocadas e é essencial para a sua saúde e bem-estar. O saneamento recebe geralmente uma prioridade muito mais baixa que a água potável, mas é igualmente importante para controlar muitas das doenças mais comuns transmitidas pela água. O saneamento é a eliminação eficiente e segura de excrementos, urina e lixo. A defecação em campo aberto é normalmente o principal perigo para a saúde entre as pessoas deslocadas, porque pode contaminar as fontes de abastecimento de água. Práticas de higiene deficientes, como não lavar as mãos, são também um contributo importante para a doença.

Impedir a defecação em determinadas áreas

As pessoas deslocadas podem não ter acesso a sanitários e recorrem muitas vezes à defecação nos campos, entre arbustos ou por trás de edifícios. Até serem organizados sanitários, deve restringir-se a defecação a áreas designadas e não deixar que sejam contaminadas fontes de abastecimento de água ou culturas alimentares. Por exemplo, não deve ser permitida a defecação nas margens de rios, cursos de água ou lagos que possam ser usados como fonte de abastecimento de água. A defecação não deve, tão pouco, ter lugar na proximidade de poços rasos, ou perto de culturas que estejam prestes a ser colhidas.

Poderá não ser fácil manter as pessoas afastadas dessas áreas, especialmente em zonas onde os costumes tradicionais tornem essas práticas comuns. Poderá ser necessário construir uma barreira física, como uma cerca, que pode precisar de ser patrulhada.

As medidas imediatas destinadas a controlar a defecação em campo aberto não devem ser inteiramente negativas: é muito melhor designar áreas onde seja permitida a defecação do que vedar aquelas onde ela não é permitida.



Campos e valas para defecação

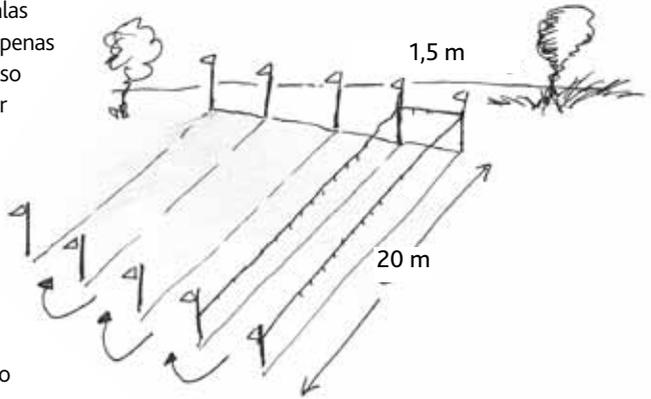
É de notar que os campos e valas para defecação destinam-se apenas a situações de emergência e uso a curto prazo, até poderem ser tomadas outras disposições relativas a sanitários.

Algumas culturas poderão considerar estas práticas inaceitáveis, mas noutras áreas elas poderão ser a única opção disponível.

Os campos para defecação são áreas marcadas com limites fixos que as pessoas deslocadas podem usar

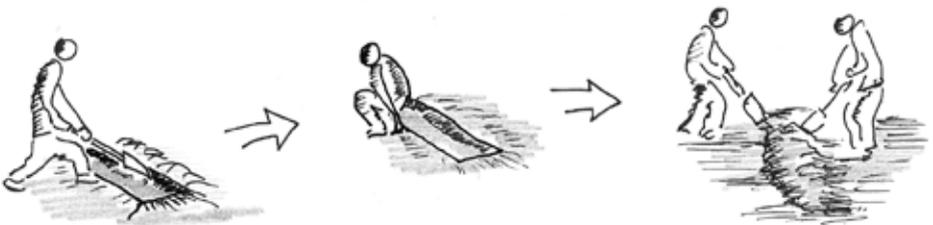
como sanitários. O uso destes campos ajuda a limitar a poluição a uma área e facilita a gestão e limpeza do local. Devem ser cuidadosamente situados de forma a poderem ser facilmente acedidos pela comunidade, mas sem poluírem fontes de abastecimento de água ou comida. Deve haver campos diferentes para homens e mulheres.

O campo para defecação deve ser tão grande quanto possível e dividido em faixas com o auxílio de cordão e estacas. Pode-se usar uma faixa diferente cada dia e tapar os excrementos com terra ao fim do dia. Deve-se começar por usar a área mais longe da zona de habitação, para que as pessoas não tenham de atravessar terreno contaminado para chegar à área designada. A área deve ser suficientemente grande para dar 0,25 metros quadrados por pessoa, por dia.



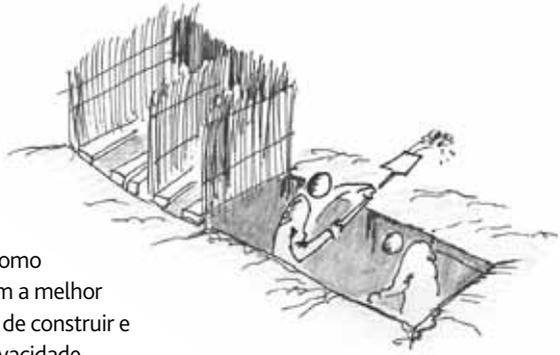
Sanitários de vala pouco profunda

Nalgumas culturas, não é apropriado ter campos para defecação. Nestes casos, abra uma vala com aproximadamente 30 cm de profundidade para defecação. Quando ela tiver sido usada umas quantas vezes, pode ser tapada e ser aberta outra vala.



Latrinas de vala

A solução ideal é ter um sanitário (ou latrina) por família. Contudo, quando as pessoas deslocadas chegam, não se sabe qual é o número de pessoas nem a duração da estadia. Em situações deste tipo, latrinas de vala usadas como sanitário da comunidade constituem a melhor opção. São rápidas, baratas e fáceis de construir e proporcionam um certo grau de privacidade.



Uma latrina de vala é um buraco rectangular no chão. O buraco deve ser aberto com uma profundidade tão grande quanto possível (aproximadamente 2 m) e pode ser revestido com pedra, tijolo ou madeira (se disponível), se houver o perigo de abater. Pode ter qualquer comprimento que seja conveniente, geralmente entre 5 m e 10 m, e uma largura máxima de 80 cm. A vala é atravessada por pares de tábuas de madeira sobre as quais os utilizadores se agacham. Há um espaço aberto entre as tábuas. De preferência, cada par de tábuas é separado por uma divisória simples que dá privacidade.

Em tempo de chuva, é necessário um telhado para impedir que a vala encha com água da chuva. Deve ser construído um fosso de drenagem para desviar as águas de superfície. O conteúdo da vala deve ser coberto todos os dias com uma camada de terra ou cinza de uma queimada de 10 a 15 cm de altura. Isto reduzirá o cheiro e impedirá que as moscas se reproduzam na vala. Quando o fundo da vala chegar a uma distância de 30 cm da superfície, a vala está cheia e a latrina é fechada.

Um sistema de latrinas de vala é trabalhoso e exige um controlo regular. Não só é necessário cobrir o conteúdo de cada latrina todos os dias, como é preciso preparar novas latrinas, fechar as latrinas já cheias e limpar aquelas que são regularmente usadas. Uma latrina que não esteja limpa torna-se rapidamente repugnante e não será usada. Tem de haver latrinas separadas para mulheres e homens.



As latrinas têm de ficar a pelo menos 30 m da fonte de abastecimento de água mais próxima e ser suficientemente fundas para durarem no mínimo duas semanas. Se, no entanto, o lençol de água subterrânea estiver alto, as valas deverão ser menos fundas e deverão ser mudadas com mais frequência. As paredes e divisórias podem ser feitas de esteira ou material plástico para permitir privacidade.

As pessoas devem também poder lavar as mãos depois de usar as latrinas, com água e sabão, se disponível, ou limpá-las com cinza fria de uma fogueira de cozinha.

Latrinas de fossa padrão

As latrinas de fossa são escavadas com uma profundidade máxima de 6 m (menos se o lençol de água subterrânea estiver alto) e têm geralmente uma laje de betão colocada sobre o buraco, com marcas no pavimento para colocar os pés. Há um abrigo semipermanente em volta da laje. Tal como acontece com outros sanitários, estas latrinas têm de ficar a pelo menos 30 m da fonte de abastecimento de água mais próxima, para evitar contaminação.



Sanitários portáteis

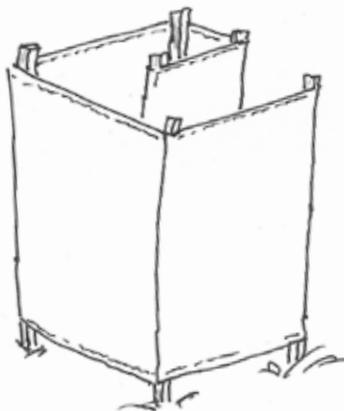
Alguns países usam sanitários portáteis para eventos sociais ou competições desportivas que reúnam um grande número de pessoas, ou na sequência de uma catástrofe. Isto é uma coisa a discutir com funcionários governamentais locais, que talvez possam ajudar. Em áreas urbanas, esta poderá ser a solução mais prática, mas alugar este tipo de sanitários pode ser dispendioso.

Utilização de cobertura plástica no saneamento em situações de emergência

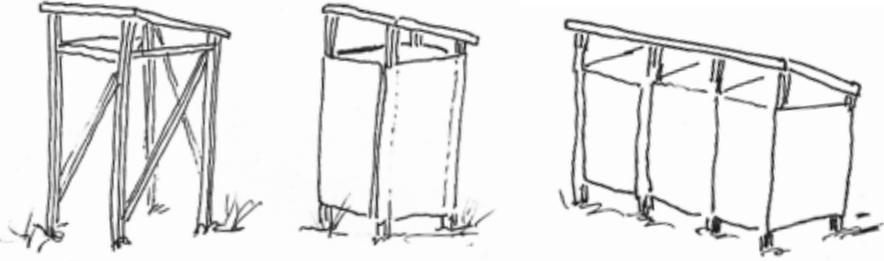
Pode ser usada cobertura plástica para criar divisórias simples, a fim de assegurar a privacidade numa latrina de vala (conforme indicado acima) ou para construir cubículos em volta de latrinas de fossa. A cobertura pode também ser usada como telhado simples. Os abrigos para tomar banho podem ser construídos de forma semelhante.

Os materiais necessários são:

- madeira maciça ou paus de bambu, 3 m (6)
- cobertura plástica 6 m x 3 m (cortada ao meio)
- pregos de cabeça redonda (1 kg) ou pregos e ripas.



São também ilustradas estruturas alternativas de madeira para sanitários/recintos de banho, tapadas por cobertura plástica.



Mobilização da comunidade

A eliminação segura de excrementos resulta sobretudo de uma boa supervisão e gestão e isso só pode ser conseguido com a cooperação total da comunidade. É, pois, essencial que a comunidade seja devidamente consultada em todas as etapas e que sejam tidas em consideração as opiniões, tanto dos homens como das mulheres.

A localização e concepção dos sanitários são muito importantes e têm de ser decididas antes de se iniciarem os trabalhos. As mulheres e as raparigas têm muitas vezes relutância em usar os sanitários se não sentirem que a área é segura. Isto verifica-se especialmente se os sanitários forem situados na periferia de uma zona habitada ou num local escuro.

A construção de blocos sanitários comunitários pode poupar materiais, mas pode ser mais difícil incentivar a responsabilização pessoal e mantê-los limpos. Tente conseguir um mínimo de uma latrina por cada 20 pessoas.



Questões a considerar

Estas são algumas questões para a comissão de gestão de desastres debater, se estiver a planear trabalho de saneamento:

- *Por que motivo devemos construir e usar latrinas?*
- *Os membros da comunidade estão bem cientes da necessidade de saneamento adequado em todas as circunstâncias? Uma comunidade que compreenda a importância de um bom saneamento terá mais probabilidade de entender a necessidade de saneamento de emergência após um desastre.*
- *O que seria necessário para incentivar uma boa higiene (por exemplo, um lugar para lavar as mãos, e medidas de limpeza para as latrinas)?*
- *Na eventualidade de um desastre, quem seria responsável por decidir onde construir as latrinas? Como se poderá assegurar que o local das latrinas para mulheres é privado e seguro?*
- *Onde se poderiam obter materiais de construção (madeira, esteiras para as paredes, etc.)?*
- *Quem seria responsável por escavar fossas e construir paredes temporárias?*
- *Como se poderão encorajar as crianças a usar as latrinas de emergência e manter-se em segurança?*
- *Quais são as dificuldades prováveis no que toca ao fornecimento de latrinas de emergência após um desastre? Como podem essas dificuldades ser ultrapassadas?*
- *Que problemas poderá haver para assegurar que as latrinas se mantêm limpas? Como podem esses problemas ser ultrapassados?*



Abrigo

Outra prioridade para as pessoas deslocadas que chegam a um novo local será provavelmente o abrigo, ou qualquer sítio onde possam proteger-se da chuva e do sol escaldante. Em muitas situações, as pessoas constroem abrigos toscos com vegetação local, consoante o que esteja disponível. Às vezes, são usados os edifícios comunitários.

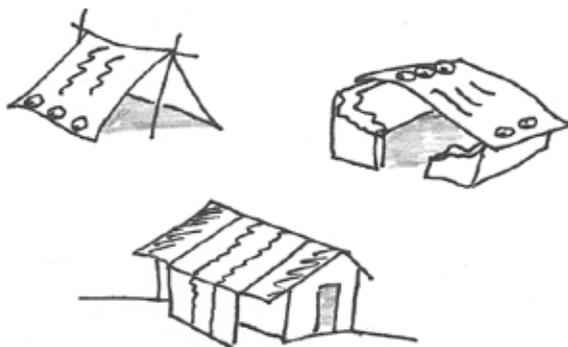
Pense em todos os edifícios da sua comunidade que poderiam ser usados como abrigos de emergência. Tais edifícios poderiam incluir igrejas, mesquitas, escritórios, bancos de cereais e escolas. Poderão ser também necessárias medidas para abrigar o gado.

Se não há edifícios disponíveis, a igreja talvez possa obter cobertura plástica (de fontes governamentais ou de uma ONG) e distribuí-la pelas pessoas, para que possam construir abrigos de emergência.

Usos para cobertura plástica

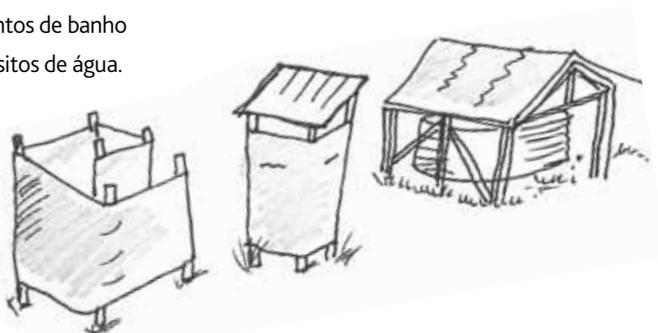
Opções de abrigo para famílias

- criação de estruturas familiares básicas
- reparação de edifícios danificados
- ampliação ou reforço de tendas e abrigos
- criação de abrigos com armação em madeira.



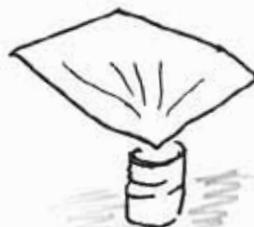
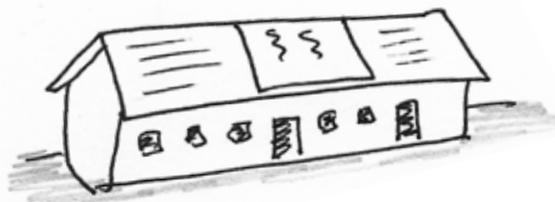
Opções de saneamento e abastecimento de água

- construção de latrinas
- construção de recintos de banho
- protecção de depósitos de água.



Infra-estruturas e outros usos

- vedação
- reparação de escolas e clínicas
- recolha de água da chuva
- fazer camas para doentes com cólera
- construção de bancas de mercado
- armazenamento e secagem de alimentos.



Cobertura plástica combinada com outros materiais de construção

Em qualquer construção, a concepção e os materiais usados têm de ser apropriados às competências, ao clima e à cultura locais. A cobertura plástica poderá não ser o único material disponível para o trabalho em causa. Poderá haver outros materiais mais apropriados disponíveis localmente.

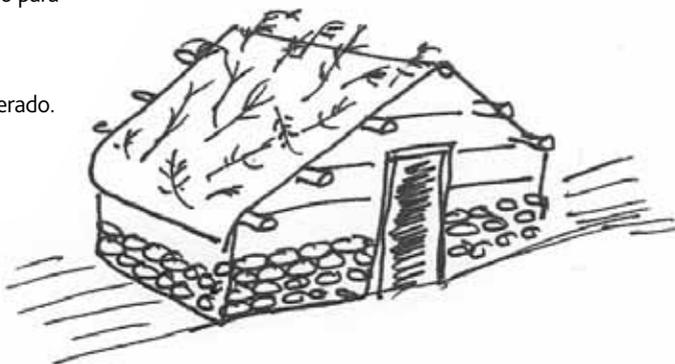
Podem ser criados abrigos básicos em áreas rurais a partir de materiais locais como:

- folhas de palmeira, de bananeira, ou de outra árvore
- colmo ou outro capim
- adobe (tijolo seco ao sol – especialmente para paredes).

Podem ser criados abrigos em vilas e cidades a partir de materiais como:

- lona encerada impermeável
- folha alcatroada (ou feltro para telhados)
- chapa ondulada (CGI)
- contraplacado ou aglomerado.

A imagem à direita ilustra a combinação de cobertura plástica e materiais locais.

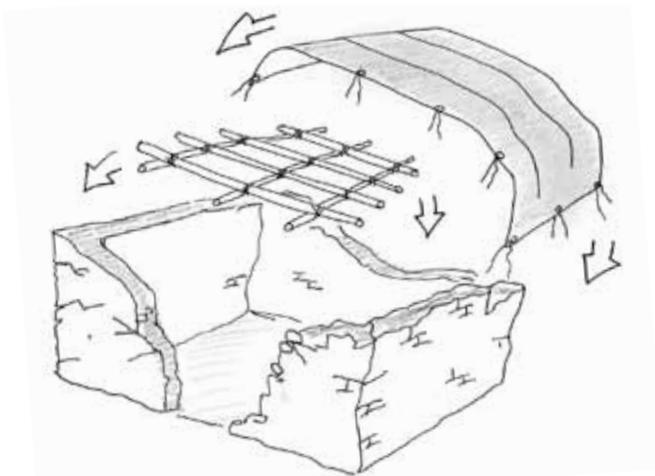


A estrutura tem paredes de pedra, tábuas de madeiras à frente e atrás, paus que sustentam a cobertura plástica e capim e pequenos ramos a cobrir a cobertura plástica para a proteger da deterioração causada pelo sol.

É importante guardar a cobertura plástica num local onde não apanhe sol ou chuva para não perder a sua qualidade e eficácia. Além disto, as folhas de plástico devem ser guardadas de uma forma que facilite a sua contagem e distribuição.



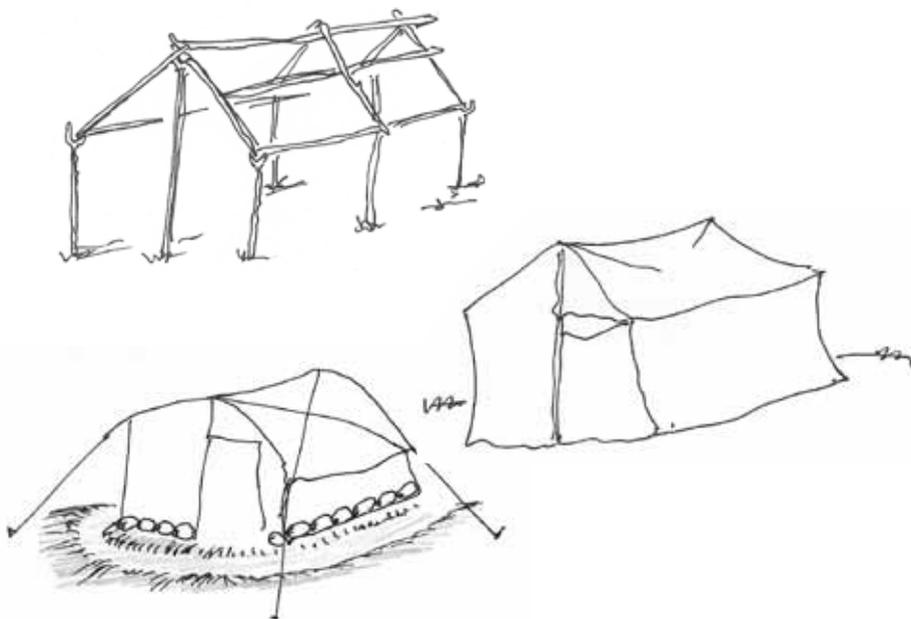
Kit de reparação para abrigo de uma família após um terramoto



4

Telhado, paredes, chão	Uma ou duas folhas de cobertura plástica, dependendo dos danos a cobrir
Materiais de fixação	<ul style="list-style-type: none"> • pregos, de 5 a 12,5 cm (5 kg) • anilhas (500 g) • corda (20 m) • cinta metálica para pregar e reforçar juntas de madeira • arame de atar
Ferramentas	<p>Possivelmente distribuídas à comunidade ou para partilhar entre um grupo de famílias:</p> <ul style="list-style-type: none"> • martelo • serrote

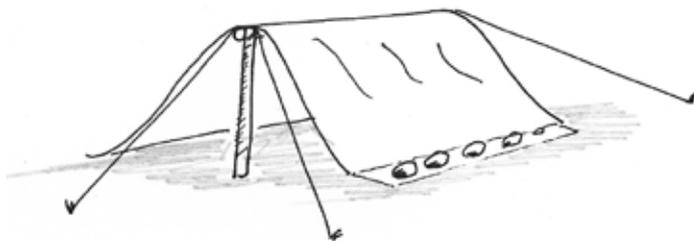
Cobertura impermeável para um abrigo feito com paus obtidos de arbustos



Telhado, paredes, chão	<ul style="list-style-type: none"> • cobertura plástica
Materiais de fixação	<ul style="list-style-type: none"> • corda (20 m) (para prender a cobertura)
Armação básica	<ul style="list-style-type: none"> • paus obtidos de arbustos • arame de atar forte • esteiras • óleo/gasóleo para tratamento dos paus contra térmitas

Esteiras atadas por cima do plástico protegem contra o sol. Podem ser usadas esteiras para as paredes em vez de plástico, se as folhas forem demasiado pequenas.

Abrigo muito básico de cobertura plástica para climas quentes



Este tipo de abrigo de emergência (aberto nas duas extremidades) é um último recurso quando não há outras opções disponíveis. Deve ser melhorado assim que possível.

Telhado, paredes, chão	<ul style="list-style-type: none"> • cobertura plástica
Materiais de fixação	<ul style="list-style-type: none"> • corda (20 m) • arame de atar ou pregos • estacas curtas (em metal ou madeira)
Armação básica	<ul style="list-style-type: none"> • madeira maciça ou pau de bambu para o cume (4 m de comprimento) • escoras verticais de 2,5 m

4

NOTA: Há diversas qualidades de cobertura plástica disponível. O ACNUR tem uma especificação recomendada para a cobertura plástica ideal a ser usada, que tem tiras reforçadas, rebordos e ilhós. O plástico deve ser bem preso ao chão de cada lado.

Prender a cobertura plástica

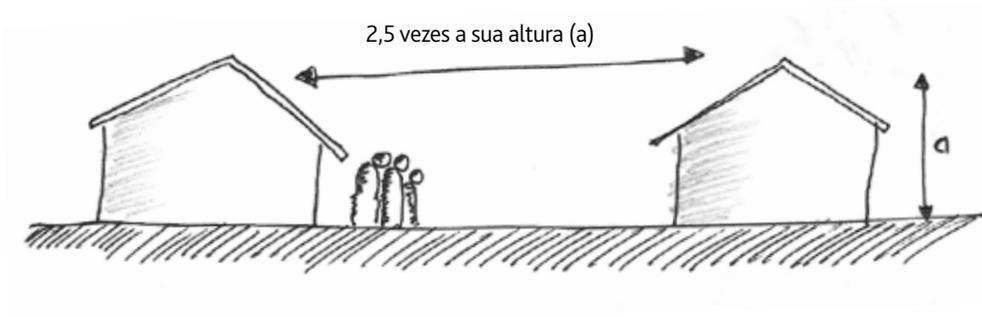
Quando a cobertura plástica fica em contacto directo com o solo, são precisos 50 cm de plástico adicional de cada um dos lados, que devem ser enterrados em regos. Consulte os diagramas (à direita) para os métodos sugeridos.

- As estacas de fixação de tendas não distribuem o peso. Existe um risco elevado de que sejam arrancadas (A).
- Abra um rego e cubra a extremidade do plástico com terra (B).
- Enrole o plástico à volta de pedras e enterre-as (C).
- Enrole o plástico à volta de madeira e enterre-o com pedras (D).



Corta-fogos

As estruturas de emergência devem ser colocadas de forma a deixar uma distância entre elas igual a 2,5 vezes a sua altura, para impedir a propagação de um incêndio. Deve haver também corta-fogos a intervalos regulares.



Satisfazer as necessidades espirituais

Apoio pastoral e espiritual

Para além de levar a cabo várias tarefas práticas, conforme acima descrito, a igreja pode oferecer apoio pastoral e espiritual. Este apoio pode usar os talentos e competências dos membros da igreja que possam não ter a robustez ou capacidade física necessária para realizar alguns dos trabalhos mais pesados.



Os membros da igreja podem encontrar-se com os indivíduos e as famílias que foram emocionalmente perturbadas. Podem ouvi-los e ajudá-los a partilhar as suas experiências e, se apropriado, podem orar com eles.

“Ouvir uma pessoa e a sua dor é uma das melhores ações de cura que um cristão pode realizar.” (Anónimo)

Luto

Estas são algumas sugestões para o apoio a pessoas enlutadas:

- Deixe-as partilhar a sua tristeza e as suas memórias da pessoa que perderam.
- Não tente dar-lhes conselhos ou instruções sobre como se devem sentir ou o que devem fazer.
- Não partilhe as suas próprias experiências de luto.
- Se apropriado, partilhe com elas passagens da Bíblia relevantes.
- Ofereça-se para orar com elas.

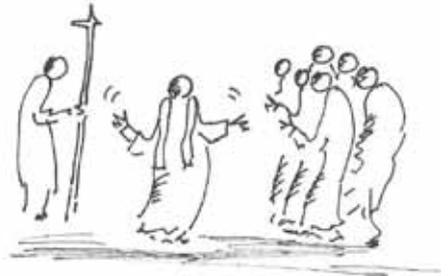


Estas são algumas passagens da Bíblia que sugerimos para usar com cristãos enlutados:

João 17:24, Romanos 14:8, 1 Coríntios 13:12, 2 Coríntios 5:6, Filipenses 1:23-24, 1 Tessalonicenses 4:17-18.

Culto dominical

Entre as pessoas deslocadas poderão estar grupos de cristãos que gostariam de uma oportunidade de culto conjunto. A igreja poderá ser capaz de abrir as suas portas às pessoas deslocadas (se vêm de fora) ou de permitir que os seus edifícios sejam usados para serviços diferentes. Esta oportunidade é importante pelo conforto espiritual e também porque ajuda a restabelecer alguma estrutura nas vidas das pessoas deslocadas.



Partilhar os nossos recursos

Nalgumas situações, os membros da igreja poderão ser capazes de trazer recursos adicionais das suas próprias casas para responder às necessidades das pessoas deslocadas. Isto é mais provável em situações onde o número de deslocados não é muito elevado e, por isso, é praticável a partilha de recursos. Tais recursos podem incluir comida, água, cobertores, panelas e roupas. Nas



situações em que se verifica um influxo de deslocados para uma vila ou cidade, os membros da igreja podem fazer amizade com indivíduos e famílias nas suas próprias casas e nos edifícios da igreja.

Enterros

A igreja pode organizar funerais e enterros. Isto pode significar qualquer coisa, desde a realização do serviço religioso até às tarefas práticas de fornecer caixões, demarcar terrenos para cemitério e cavar sepulturas. Para aqueles que choram a perda de entes queridos, é importante ser capaz de enterrar os seus mortos de uma forma cultural e espiritualmente apropriada.



Ajudar as crianças em situações pós-desastre

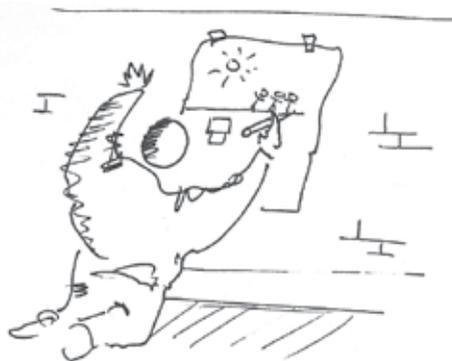
Quase 750.000 crianças são afectadas por desastres todos os anos e podem ficar seriamente perturbadas pela experiência de ficarem deslocadas e de perderem familiares e amigos. A igreja pode agir para assegurar a segurança das crianças e para as ajudar a superar a sua experiência. Para restabelecer alguma regularidade na vida destas crianças, as igrejas podem oferecer

actividades de "clube para crianças", que ajudem a repor a sua capacidade de brincar juntas e a readquirir um sentimento de esperança e o bem-estar social. Os clubes dão-lhes também uma oportunidade de aprender, por exemplo, sobre a saúde. Isto será sobretudo importante nas situações em que as crianças foram separadas das respectivas famílias. Em áreas de desastres frequentes, a igreja poderia considerar a possibilidade de ter uma pequena equipa de pessoas com formação para aconselhar crianças de maneira segura e solidária.



As crianças muito traumatizadas poderão ter dificuldade em expressar – ou até em nomear – os seus sentimentos. Este exercício de desenho poderá ajudar:

- 1 Dê a cada criança uma folha de papel grande e alguns lápis de cera de cor. Convide-as a desenhar uma imagem da viagem que fizeram até ao local onde estão agora e das experiências que tiveram pelo caminho, incluindo momentos em que tiveram medo.
- 2 Se tiver disponível um número suficiente de conselheiros com formação, dê tempo para falar com cada criança daquilo que desenharam e do que sentiram em cada situação. O diálogo num grupo maior, aberto, será demasiado difícil para muitas das crianças, portanto, será preferível ter grupos pequenos. Certifique-se de que os conselheiros deixam que as crianças falem dos seus sentimentos mais profundos ao seu próprio ritmo.
- 3 Nalgumas situações em que as crianças perderam pais ou familiares chegados, poderá ser apropriado juntar uma “caixa de memórias” de todas as coisas de que gostavam na pessoa que perderam. Quando a criança sentir a falta dessa pessoa especial, poderá sentir-se mais próxima dela ao abrir a caixa.



Clubes para crianças no Haiti

Na sequência do terramoto do Haiti, a Tearfund criou aproximadamente 70 clubes para crianças na área de Léogâne, alguns em associação com igrejas locais. Um desses clubes era dirigido pelas irmãs Françoise e Monette. Trabalhavam com 130 crianças, com idades compreendidas entre os três e os 14 anos, duas ou três vezes por semana.

Ensinavam às crianças cantigas sobre cuidados de saúde e prevenção de doenças e ofereciam um local seguro onde as crianças podiam voltar a ser crianças no meio de todas as dificuldades. O entusiasmo de Françoise e Monette pelo clube e a sua paixão pela educação das crianças fez uma enorme diferença; o clube tornou-se um dos locais preferidos pelas crianças de Gressier. Ajudou-as a ultrapassar o trauma do terramoto e a aprender mensagens de saúde importantes.

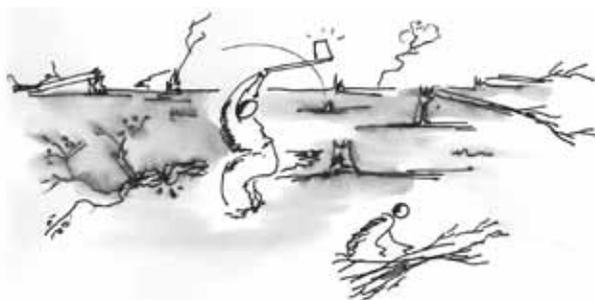


Protecção de crianças

No mundo de hoje, há pessoas que tentam explorar e abusar de crianças, visando muitas vezes aquelas que são vulneráveis após um desastre. As crianças que foram separadas das respectivas famílias encontram-se em risco de serem raptadas, traficadas, exploradas ou lesadas.

As igrejas poderão ser capazes de criar “locais seguros” para essas crianças, em ambientes urbanos ou rurais. Podem assegurar que as crianças são cuidadas, recebem protecção contra pessoas que desejem lesá-las (os “predadores”) e, quando possível, são reunidas com a sua família mais alargada e reintegradas nessa família. É importante que as igrejas tenham implantadas políticas e procedimentos de protecção das crianças para assegurar que criam um local seguro para crianças vulneráveis. (Para assistência, consulte o Resumo da política de protecção infantil da Tearfund: <http://tilz.tearfund.org/Topics/Child+development/Child+Protection+Policy.htm>)

Recuperar o ambiente



Numa emergência, têm de ser satisfeitas as necessidades humanas básicas, mas o ambiente tem de ser tratado com cuidado. Se as pessoas deslocadas fizerem um uso excessivo dos recursos naturais de uma área, isso poderá causar danos graves e impedir a recuperação a longo prazo. A imagem ilustra más práticas!

Se o deslocamento vai durar algumas semanas, é útil fazer alguma avaliação do potencial impacto dos deslocados no ambiente. Isto significa, especialmente, analisar o impacto em florestas locais (se as pessoas deslocadas recolhem lenha e materiais de construção), em pastagens (do pasto do gado) e nas fontes de abastecimento de água. Uma vez feita esta avaliação, a igreja, juntamente com os líderes da comunidade, pode planear o modo como estes recursos poderão ser racionados, ou usados ou repostos de forma a não causar danos permanentes ao ambiente.

Depois de terminada a fase inicial de emergência, deve ser feita uma avaliação mais detalhada do impacto ambiental, para que os recursos locais – as árvores, a água, as pastagens, etc. – possam ser devidamente geridos. (Consulte a publicação *Avaliação Ambiental*, da Tearfund.) A avaliação poderá ter como resultado a adaptação de algumas actividades para as tornar mais

"amigas do ambiente". Por exemplo, poderiam ser usados blocos de lama estabilizados com cimento em vez de tijolos cozidos em fornos de lenha.

A igreja poderá ser capaz de ajudar a restabelecer algumas áreas de terreno, organizando viveiros florestais ou plantações comunitárias de árvores, que podem melhorar o solo e reduzir a erosão. Isto pode ser feito durante ou após a crise, como parte da reabilitação do terreno.

Estudo de caso

O código de conduta sugerido para as igrejas na página 99 diz que a ajuda deve ser dada independentemente da raça, credo, género ou nacionalidade. É apresentado a seguir um exemplo de uma situação em que as pessoas de dois grupos religiosos se ajudaram umas às outras em momentos de necessidade e ajudaram a estabelecer boas relações de longo prazo entre as comunidades:

Trabalhar conjuntamente

No norte do Quênia, na fronteira com a Etiópia, havia uma comunidade que sofria regularmente secas graves. A igreja anglicana local, com a ajuda de uma ONG queniana, fazia frequentemente a coordenação de distribuições de alimentos por toda a área. Isto incluía um grande número de comunidades muçulmanas. Esta acção criou boas relações com a comunidade muçulmana e levou a vários pequenos projectos destinados a melhorar a segurança alimentar, que realizaram em conjunto.

Um ano, os muçulmanos receberam ajuda alimentar de uma agência islâmica de ajuda humanitária, com instruções à comunidade para a distribuírem apenas entre muçulmanos. Contudo, dadas as boas relações que existiam entre os dois grupos religiosos, a comunidade muçulmana local assegurou que todos os não muçulmanos receberiam a mesma quantidade de alimentos que eles.



ESTUDO BÍBLICO**Vencer o preconceito** Lucas 10:25-37**Contexto**

O Bom Samaritano é uma história sobre como lidar com o preconceito.

Jesus apresenta aos seus ouvintes a

história da bondade de um indivíduo para com outra pessoa. A vítima na história é um judeu; o herói é um samaritano. As relações entre estes dois grupos eram más. Os seus ouvintes teriam ficado surpreendidos e a história tê-los-ia feito pensar porque o samaritano revelava bondade para com um judeu.

**Pontos-chave**

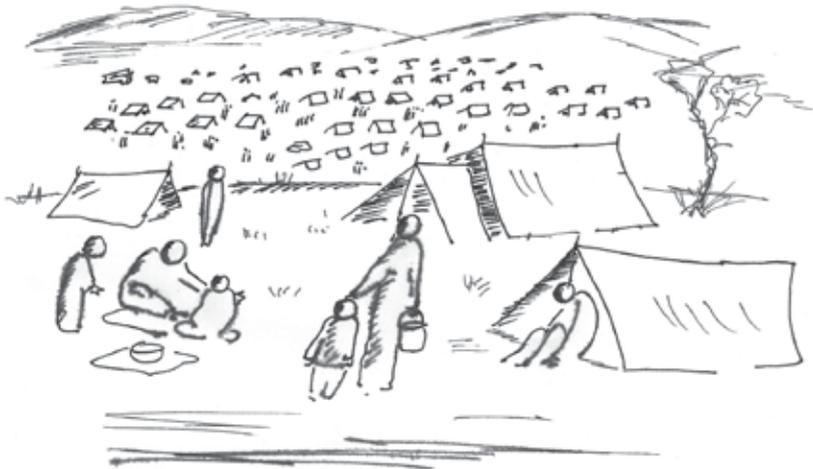
- Jesus usou a história para acentuar a necessidade de ultrapassarmos o preconceito e mostrarmos compaixão para com aqueles que são diferentes de nós. Ele deixa claro que o mandamento de “amar o próximo” continua a aplicar-se, por muito grandes que sejam as diferenças históricas, culturais, étnicas ou religiosas.

Perguntas

- 1 *Explore as reacções das pessoas na história. Porque fizeram aquilo que fizeram?*
- 2 *Porque é que nós às vezes passamos ao largo (ou seja, ignoramos as necessidades dos outros)?*
- 3 *Como é que este incidente poderia ter mudado a vida do viajante?*
- 4 *É capaz de pensar nalguns exemplos semelhantes que pudessem ocorrer na sua comunidade após um desastre?*
- 5 *Como é que nós, enquanto comunidade religiosa, sentimos e expressamos preconceitos? Haverá maneiras subtis pelas quais nós estamos a excluir pessoas?*
- 6 *Como podem as igrejas assegurar uma distribuição justa e equitativa da ajuda a beneficiários que representam vários grupos religiosos e étnicos?*
- 7 *Que desafios se colocam às igrejas se trabalharem juntamente com outros grupos religiosos e como poderiam esses desafios ser resolvidos para poderem trabalhar eficazmente em conjunto?*

Revisão deste capítulo

- *Quais são as causas que levam a que as pessoas sejam deslocadas?*
- *Quais são alguns dos problemas enfrentados pelas pessoas deslocadas numa nova área?*
- *Porque é que é importante o Código de Conduta da Cruz Vermelha adaptado para as igrejas?*
- *Porque é que é importante fazer uma avaliação inicial das necessidades quando as pessoas chegam?*
- *Quais são alguns dos desafios enfrentados no registo de pessoas deslocadas? Como podem esses desafios ser resolvidos?*
- *Porque é que a comida em troca de trabalho constitui uma abordagem preferível à distribuição gratuita de alimentos?*
- *Em que circunstâncias é que a distribuição gratuita de alimentos é a única opção?*
- *No fornecimento de comida, água, saneamento e abrigo, como é que as mulheres devem ser incluídas no planeamento e implementação das actividades?*
- *Que tipos de materiais podem ser usados para a construção de abrigos temporários?*
- *De que várias formas se pode usar cobertura plástica?*
- *Indique algumas das formas pelas quais a igreja pode ajudar as crianças a ultrapassar o trauma e a dor do luto e a protegê-las de abuso e exploração?*
- *Como é que a igreja pode ajudar o ambiente após um desastre? Quais são os factores ambientais a ter em consideração ao fornecer água, ao escolher um local para sanitários e ao construir edifícios?*



5

Cheias

Introdução	134
Preparação para cheias	135
Actividades de sensibilização	135
Sistemas de monitorização e alerta	137
Preparação a nível das famílias	138
Preparação a nível da comunidade	139
Preparar a igreja	140
Resposta de emergência – salvar e preservar vidas	141
Questões para discussão	142
Mitigação de cheias	143
Estudo de caso: A igreja prepara-se para as cheias anuais no nordeste da Índia	147
Estudo bíblico: O Dilúvio	148
Revisão deste capítulo	150

1

2

3

4

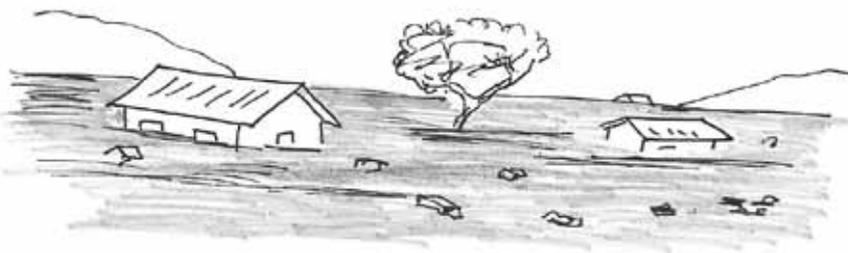
5

6

7

8

Introdução



As cheias encontram-se entre os desastres naturais mais frequentes e mais onerosos em termos de sofrimento humano, danos estruturais e perdas económicas.

Há várias causas na sua origem. A chuva contínua durante vários dias pode levar os rios a transbordar e cobrir as planícies em volta, propensas a inundações. Chuva intensa durante poucas horas pode provocar uma cheia repentina. Uma queda de gelo ou um deslizamento de terras pode bloquear temporariamente um rio e inundar as terras a montante do bloqueio. O degelo pode combinar-se com a chuva no início da Primavera; grandes trovoadas podem trazer chuva forte durante o tempo quente; ciclones tropicais podem trazer chuva intensa para áreas costeiras e interiores.

5

As cheias repentinas são as mais perigosas para a vida humana. Podem ocorrer ao fim de poucas horas de chuva intensa, em resultado do escoamento rápido das águas de superfície. Isto é pior se tiverem sido cortadas as árvores das vertentes a montante, ou se as pastagens tiverem sido excessivamente desgastadas pelo gado. O colapso de uma barragem ou de um dique pode também causar uma cheia repentina, tal como a abertura súbita de comportas para aliviar a pressão sobre a própria barragem o pode fazer. Um bloqueamento temporário a montante, quando resolvido, libertará também um grande volume de água. As cheias repentinas podem apanhar as pessoas desprevenidas – não há, geralmente, um sistema de alerta.

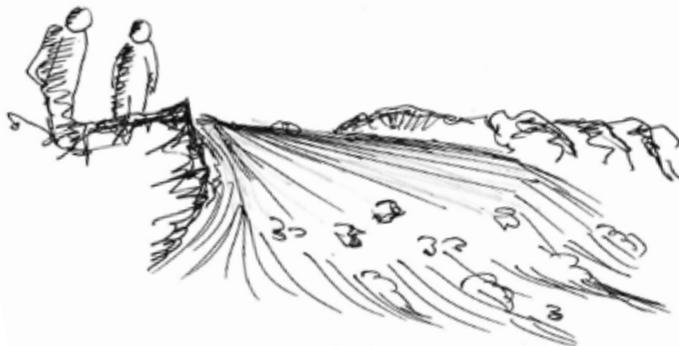
As cheias podem deslocar pedregulhos, arrancar árvores, destruir edifícios, estradas e pontes e abrir novos canais. As águas das cheias podem atingir alturas de três a seis metros e trazem frequentemente uma carga mortífera de ramos de árvores e outros destroços. Períodos prolongados de chuva forte podem também provocar deslizamentos de lamas catastróficos.

Em áreas urbanas, a terra absorve muito menos água; o escoamento superficial pode ser até seis vezes superior ao das áreas rurais. Nas cheias em áreas urbanas, as ruas podem transformar-se em rios de corrente rápida, as caves podem encher-se de água e as sarjetas (os esgotos das bermas) podem entupir, criando lagos.

Maior ameaça de doença

As cheias trazem também surtos de doenças, especialmente doenças transmitidas pela água, como a cólera e a febre tifóide. Estes surtos podem ocorrer quando os esgotos e outros resíduos gerais entram para as águas das cheias e contaminam a água para beber e os alimentos. Para além disto, nas áreas onde existe malária, a água estagnada torna-se um viveiro ideal para os mosquitos.

Quando há cheias, é importante não só evitar a morte por afogamento mas também reduzir estas ameaças de doenças transmitidas pela água.



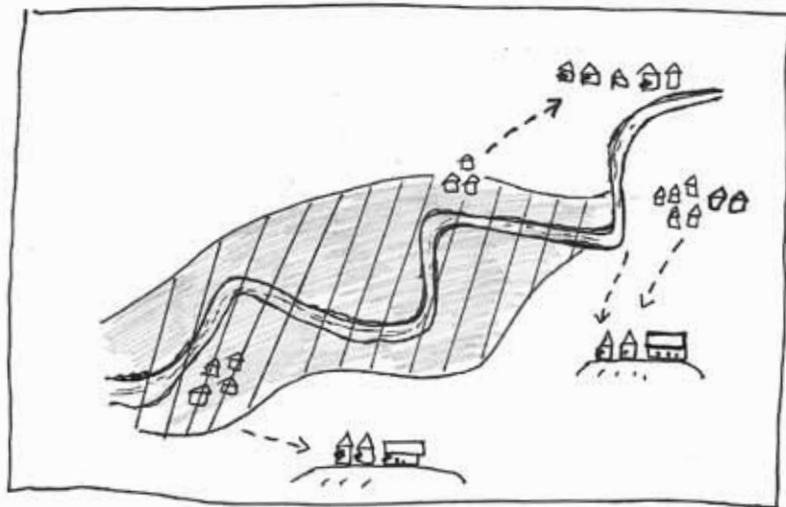
Preparação para cheias

Podem ocorrer cheias no mesmo local quase todos os anos. A melhor maneira de reduzir as perdas provocadas pelas cheias é prepararmo-nos para elas. Esta preparação pode ser feita a nível do agregado familiar, da família e da comunidade e também pode envolver a igreja. Aumentar a sensibilização para os riscos, monitorizar os níveis das águas e ter um sistema que permita dar o alarme são etapas essenciais.

Actividades de sensibilização

Uma forma de aumentar a sensibilização para os perigos das cheias é envolver a comunidade no traçado de um mapa da área afectada. Isto permite às pessoas com conhecimento local identificar os locais e as pessoas que estão mais em risco. Os mapas podem depois ser usados para elaborar planos simples destinados a reduzir os riscos. Estas são algumas sugestões:

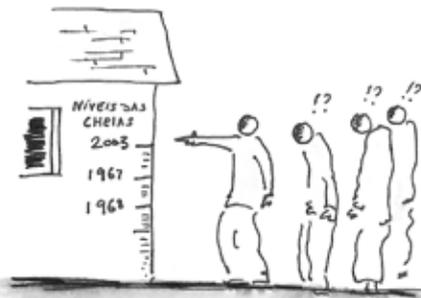
- Fazer um mapa da comunidade. Assinalar os rios, estradas, pontes, casas, outros edifícios, mercados, fontes de abastecimento de água, floresta, etc. (consultar também o capítulo 3, páginas 70 a 79).
- Assinalar as áreas susceptíveis de serem afectadas pela água das cheias.
- Identificar as pessoas com mais probabilidades de serem afectadas e as instalações que serão danificadas ou perdidas.



- Identificar zonas altas para onde a comunidade possa ir, caso seja necessária uma evacuação.
- Identificar percursos de evacuação das áreas de alto risco para as zonas altas.

Outra forma de sensibilizar as pessoas é marcar a altura de cheias anteriores em edifícios públicos ou em árvores ou postes. Isto serve para lembrar a gravidade das cheias e a necessidade de tomar medidas de preparação. Estas marcações podem ser usadas como parte de um programa de formação da comunidade em preparação para cheias.

A sensibilização também pode ser feita usando cartazes ou folhetos, que podem frequentemente ser obtidos de funcionários governamentais ou de ONG. Também as crianças em idade escolar precisam de ser informadas sobre as cheias e o que fazer em relação às mesmas. Isto pode ser discutido com os professores locais e podem ser organizadas aulas. Podem ser usados métodos criativos – por exemplo, cantigas, teatro, poesia, fazer desenhos.



Sistemas de monitorização e alerta

Em áreas sujeitas a inundação, é importante estabelecer um método simples de monitorizar a subida das águas, para que as pessoas possam ser avisadas com alguma antecedência de uma cheia iminente.

Postes de marcação da altura das águas

Nalguns países, as comunidades colocam uma série de paus de bambu num rio, com marcações de altura (como numa régua) ao longo do pau. São frequentemente usadas três cores – verde na base, a indicar

“segurança”, amarelo no meio, a indicar “mantenha-se atento” e vermelho no topo, a indicar “perigo”. Isto dá uma indicação da rapidez com que as águas estão a subir. Em períodos de chuva forte, deve ser dada a alguns membros da comunidade a tarefa de monitorizar o nível das águas e avisar a comunidade se a água atingir o nível de perigo (marcado a vermelho).



Corde e sinetas

Uma comunidade nas Filipinas amarra cordas por cima dos rios, com bandeiras e sinetas. Se o nível do rio subir, as sinetas tocam, alertando as pessoas para o perigo.



Dar o alarme

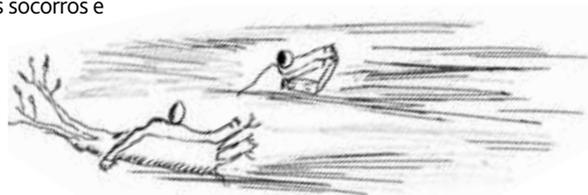
Quando as águas atingem o nível de perigo, é necessário alertar todos os membros da comunidade e dizer àqueles que estão em perigo que devem ir para as zonas altas. Muitas comunidades criaram formas de comunicar os avisos. Entre elas, incluem-se tambores, a campainha da escola, os sinos da igreja, altifalantes de mesquitas, gongos, telemóveis, bicicletas e megafones. Em cheias repentinas, as águas sobem muito rapidamente. Quando existem telemóveis a funcionar, podem ser passadas mensagens de montante para locais a jusante, a alertar as pessoas para as cheias que se aproximam.



Preparação a nível das famílias

As famílias em áreas susceptíveis a cheias podem fazer planos simples que as ajudem a fazer face às águas.

- Quando possível, manter uma pequena reserva de alimentos secos que não precisem de ser cozinhados nem refrigerados – poderá não haver combustível seco ou electricidade.
- Manter, para emergências, um rádio portátil, algum equipamento para cozinhar, uma lanterna e pilhas sobresselentes. Devem ser incluídos fósforos e velas, guardados num saco plástico para se manterem secos. Estes artigos devem estar prontos a ser transportados, para o caso de ser necessário deixar a casa durante as cheias.
- Encher recipientes com água potável e tapá-los.
- Os membros da família que não sabem nadar devem ser encorajados a manter consigo coisas que lhes permitam flutuar, como troncos de bananeira, garrafas de plástico ou cocos.
- Ter prontos artigos de primeiros socorros e medicamentos de que a família possa precisar.



- Guardar alguns artigos essenciais (como sacos de areia ou cobertura plástica) para proteger a casa e fazer reparações de emergência. Se o dinheiro o permitir, algumas tábuas de madeira e um martelo e pregos seriam também úteis.
- As sementes devem ser duplamente embrulhadas em sacos plásticos, ou seladas em recipientes de barro e enterradas num local que possa ser facilmente identificado mais tarde.
- Artigos de valor, como documentos, dinheiro, jóias ou recursos de subsistência, devem ser preparados (de preferência, em sacos plásticos) para serem levados com a família.
- Elaborar um plano de evacuação para a família, com cada membro encarregado de levar consigo artigos específicos, olhar pelo gado ou ajudar os membros da família mais vulneráveis – por exemplo, crianças pequenas, ou pessoas idosas, doentes ou portadoras de deficiência.
- Para o caso de ficarem isolados em cima de telhados, devem pensar em como poderiam alertar outros que os viessem salvar (por exemplo, prendendo roupas de cor a um pau e acenando-as como uma bandeira).

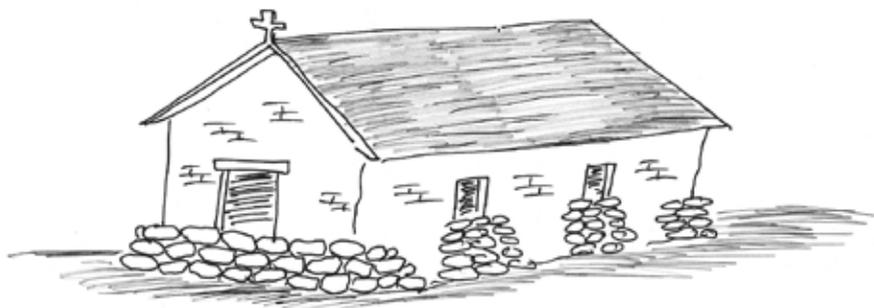


Preparação a nível da comunidade

Há também medidas que a comunidade pode tomar para reduzir o risco de perdas e danos. A igreja poderá ser capaz de ajudar com algumas destas medidas:

- Todos os membros da comunidade devem ter conhecimento das áreas em risco de inundação, especialmente quando se trate das suas próprias casas e bens (consulte as actividades de sensibilização mencionadas acima).
- Todos devem estar a par dos sinais de aviso de cheias e dos percursos de evacuação para zonas altas. Devem também conhecer a localização dos abrigos comunitários e para que abrigos deverão ir numa emergência.
- Os percursos de evacuação devem ser verificados, para ver se todos os podem usar, incluindo pessoas portadoras de deficiência. Coloque postes de madeira pintados de branco ao longo do percurso de evacuação. Isto ajudará as pessoas a ver o caminho, mesmo quando inundado ou à noite.
- Os membros da comunidade devem ouvir a rádio para receber instruções de emergência e passar a informação a outros que possam não ter rádios.
- Pense na possibilidade de recrutar e dar formação a uma equipa de voluntários que ajudem na evacuação e gestão do centro de evacuação. Isto foi considerado no capítulo 2, páginas 41 a 45.
- Deve haver uma liderança clara (consulte o capítulo 2, páginas 39 a 41). Guarde os números de telefone dos funcionários governamentais.

Preparar a igreja



A igreja pode tomar medidas para proteger os seus edifícios e bens. Pode também tornar-se um recurso importante para toda a comunidade. Apresentamos a seguir algumas ideias:

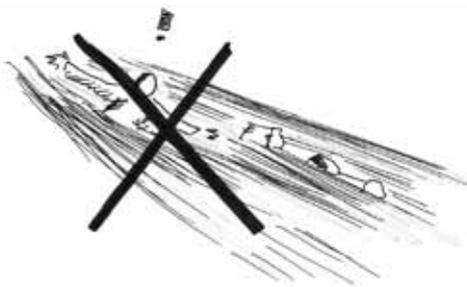
- Se há sacos de areia disponíveis, use-os para criar uma barreira em volta do edifício, ou à frente de entradas e saídas.
- Se está a construir uma nova igreja numa área propensa a cheias, construa-a numa zona mais alta ou sobre uma plataforma elevada.
- Reforce a estrutura da igreja com pilares suplementares e bons alicerces, para que possa resistir à pressão da água corrente.
- Abra uma valeta em volta do edifício para desviar a água das cheias.
- Coloque todo o mobiliário importante acima da altura que se calcule a água possa atingir, ou guarde as coisas no sótão, protegidas por cobertura plástica.
- Coloque todos os documentos importantes em sacos plásticos grandes e feche-os bem.
- Considere se deverá ou não permitir que o edifício da igreja seja usado para abrigo de emergência ou para armazenamento. Tome uma decisão a este respeito antes da próxima estação de cheias. Se isto não for permitido, considere a possibilidade de ter algumas tendas ou cobertura plástica para oferecer abrigo. Deixe que as pessoas acampem no recinto da igreja.

São dadas algumas outras sugestões para o envolvimento da igreja em situações de cheias no capítulo 2: “Como podemos organizar-nos” (por exemplo, formação e mobilização de voluntários), no capítulo 3: “Avaliações de riscos, necessidades e capacidades” (por exemplo, elaboração de listas de competências e recursos úteis existentes na igreja), e no capítulo 4: “Pessoas deslocadas” (por exemplo, medidas para abrigo de emergência, água e saneamento).

Resposta de emergência – salvar e preservar vidas

Apresentamos aqui algumas sugestões básicas para a resposta imediata necessária quando são recebidos avisos de cheias. Estas ideias podem salvar a vida às pessoas apanhadas pelas águas.

- Devem ser activados planos de preparação para cheias (a nível das famílias, da comunidade e da igreja) assim que seja recebida informação da subida das águas. Use os métodos de alerta acordados e incentive as pessoas, especialmente os mais vulneráveis, a ir para os abrigos de cheias.
- Devem ser imediatamente activadas as equipas de voluntários, se anteriormente criadas e treinadas, para preparar os locais de evacuação e ajudar as pessoas mais vulneráveis a ir para esses locais.
- Verifique se todos os membros da igreja e da comunidade estão em segurança. Poderá haver alguns ainda presos em cima dos telhados de edifícios ou em cima das árvores.
- Não entre na água corrente rápida para salvar pessoas, a não ser que esteja seguro por uma corda a uma árvore ou a um grupo de socorristas. Poderá também ser útil ter alguma coisa que possa servir de bóia, como sejam recipientes plásticos fechados, uns quantos cocos juntos ou troncos de bananeira.
- Esteja atento ao desabamento de margens, que cria um risco adicional quando as pessoas entram ou saem da água.
- Se houver canoas, jangadas ou pirogas disponíveis, use-as para chegar às pessoas que se encontrem em edifícios ou árvores ou em áreas isoladas de terreno mais alto.
- Se a igreja está a ser usada como abrigo, talvez os membros da igreja possam emprestar alguns cobertores ou roupas secas, especialmente para as pessoas idosas, ou para as crianças.
- Lembre aos membros da igreja e da comunidade que as águas das cheias podem estar contaminadas com esgotos e cadáveres de animais. A água das cheias não deve ser bebida, a não ser que tenha sido primeiro purificada com comprimidos, filtrada ou fervida (se houver combustível disponível). (Consulte também o capítulo 4: "Pessoas deslocadas", páginas 109 a 111.) Após as cheias, devem ser descartados todos os alimentos que tenham sido tocados pela água, para evitar a propagação de doenças.



Questões para discussão

Depois de ler o material apresentado até agora, debata estas questões com os outros líderes e membros da igreja:

- *Onde pode obter informação fiável sobre cheias iminentes? Esta informação pode ser obtida de funcionários governamentais? Ou de estações de rádio locais? Como poderia esta informação ser melhorada?*
- *O que é que a sua igreja poderia fazer para transmitir avisos de cheias? (Por exemplo, usar os sinos.) Há alguns sons ou ruídos que já sejam usados na sua comunidade para reunir as pessoas ou transmitir avisos? Que outros sons ou ruídos poderiam ser usados?*
- *Pode dar algumas outras sugestões de como poderia ser transmitida informação de sensibilização e preparação para cheias através dos vários grupos da igreja? Como é que a igreja poderia ajudar a comunidade a fazer planos de emergência para cheias?*
- *Algumas pessoas escolhem construir em áreas propensas a cheias. Haverá alguma forma de criar relações entre essas pessoas e outras que vivam em zonas altas, para as famílias poderem transferir-se para essas zonas durante as cheias? A igreja poderá ajudar a estabelecer essas relações?*
- *Como é que as comunidades podem assegurar que toda a gente conhece o caminho mais seguro para as zonas altas e para os abrigos de emergência? Como é que a igreja pode contribuir para isso?*
- *O edifício da igreja poderá ser disponibilizado como centro de evacuação? Quais são os pontos a favor e contra a utilização da igreja desta maneira? O que seria preciso fazer para preparar o edifício da igreja para utilização como abrigo contra cheias?*
- *O que poderia a igreja fazer para assegurar que as pessoas mais fracas da comunidade (as pessoas idosas, as grávidas, as crianças pequenas e as pessoas portadoras de deficiência) serão ajudadas a deslocar-se para um local seguro?*
- *As águas das cheias podem ter muita força e destruir estradas e pontes. Às vezes, tanto como as pessoas, os veículos podem ser levados pela corrente forte das águas. Como se poderá fazer com que as estradas sejam mais seguras em alturas de cheias? (Uma resposta possível seria plantar árvores ao longo das estradas para ajudar a marcar a sua posição, ou colocar uma linha de postes ou paus ao longo da estrada com os respectivos topos pintados de branco.)*
- *Quais são os materiais disponíveis para construir jangadas ou barcos para ajudar a evacuar as pessoas? (Por exemplo, bananeiras.) Que materiais poderiam ser usados para fazer bóias salva-vidas individuais? (Por exemplo, cocos, garrafas plásticas e barris vazios.)*

- *Que métodos poderiam ser usados para assinalar a localização das pessoas mais vulneráveis da comunidade? (Por exemplo, bandeiras nas casas.)*
- *O que é que a igreja pode fazer se algumas pessoas, especialmente pessoas idosas, se recusarem a abandonar as suas casas após um aviso de cheias graves?*

Mitigação de cheias

A longo prazo, há várias actividades de custo reduzido que as comunidades podem levar a cabo para reduzir o impacto de cheias. A estas actividades chamamos *mitigação*: apresentamos a seguir algumas ideias.

Plantação de árvores

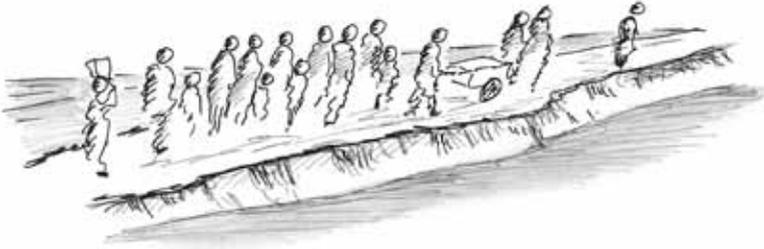
Em planícies sujeitas a inundação, as árvores ajudam a absorver a água e a reduzir a velocidade das águas durante a cheia. Oferecem também protecção contra destroços flutuantes, que podem causar mais destruição à medida que as águas vão ganhando velocidade ao longo da área inundada. O estabelecimento de plantações comunitárias ou “lotes florestais” pode também proporcionar uma fonte de rendimento para financiar pequenos projectos comunitários e outras iniciativas de protecção contra as cheias.

Antes de plantar árvores, aconselhe-se com um perito sobre o tipo de árvore mais apropriado. Evite árvores que absorvam quantidades de água excessivas e não plante árvores junto às casas.



Estradas elevadas

As estradas proporcionam um meio de comunicação vital e, muitas vezes, um importante percurso de evacuação para as pessoas afectadas pela cheia. Em zonas baixas, é bom subir a altura das estradas utilizando terra da área circundante. Isto funciona também como barreira contra as águas da cheia e pode ajudar a retardar a propagação de uma cheia. Além disso, podem ser plantadas árvores ao longo da berma para impedir que a estrada seja destruída pelas águas. Devem passar sarjetas por baixo da estrada para permitir depois a drenagem.



Fossos de drenagem e diques

Certifique-se de que os fossos de drenagem e os diques são devidamente mantidos e não têm detritos. Os diques devem ser verificados durante períodos de chuva forte para ver se têm rachas ou brechas. Sarjetas/esgotos por baixo do dique são uma boa ideia, mas deverá haver um sistema que permita fechá-los para não deixar entrar a água quando os níveis sobem. Quando as cheias baixam, a água deverá passar livremente pela sarjeta, escorrendo para fora da área inundada. Dado que o escoamento superficial é mais rápido em áreas urbanas, certifique-se de que as sarjetas e os esgotos são também limpos de detritos e devidamente mantidos. Podem às vezes ser usados fossos de drenagem para desviar a água de edifícios, casas e áreas de agricultura mais importantes.



Bombas de água elevadas

Nas áreas propensas a inundações, é importante subir a altura da bomba de água acima do nível que se calcula que a cheia possa atingir. Isto impedirá que a fonte de abastecimento de água seja contaminada pela água das cheias, que contém esgotos e cadáveres de pessoas e animais. Estas bombas elevadas devem ser situadas perto de zonas altas, para onde as pessoas evacuadas irão.



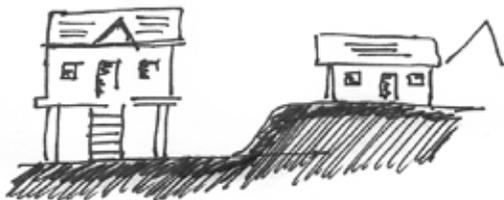
Remoção de lixo

Quando possível, incentive a comunidade e/ou as autoridades locais a recolher regularmente todo o lixo ou a enterrá-lo ou colocá-lo em recintos fechados para que não contamine a água das cheias.



Áreas propensas a cheias frequentes

Nas zonas costeiras, um problema grave é o depósito de areia e lodo em casas e edifícios. É importante que a comunidade adapte as novas casas de acordo com o risco de cheias, por exemplo, construindo sobre estacas, ou criando elevações de terreno sobre as quais as casas possam ser construídas.



As margens dos rios podem sofrer erosão rápida durante as cheias, especialmente se forem quase verticais. Os edifícios – e as pessoas que lá vivem – podem cair ao rio em muito pouco tempo. As casas construídas junto aos rios encontram-se muitas vezes em terrenos baratos ou indesejados e são frequentemente ocupadas por famílias pobres que não têm outro lugar para construir. A igreja pode chamar a atenção para os riscos e defender em nome destas pessoas a construção de novas casas em locais mais seguros.



Não devem ser construídas novas áreas de habitação em planícies sujeitas a inundações que estão continuamente em risco – isto ameaçaria vidas e bens. Nestas áreas, os terrenos são normalmente de baixo valor e o governo pode ter pouco ou nenhum interesse em proporcionar qualquer forma de protecção contra as cheias.



As casas construídas em vales de rios secos, ou perto deles, estão em risco de cheias repentinas. Este tipo de cheias pode ter sido raro no passado, mas poderá tornar-se mais frequente e mais grave no futuro. É provável que as alterações climáticas criem condições meteorológicas mais extremas, como tempestades fortes que originem cheias. A igreja pode usar o mapeamento de riscos para mostrar estes perigos às pessoas e sugerir que elas se mudem para áreas mais seguras (consulte as páginas 70 a 79).



Estudo de caso

A igreja prepara-se para as cheias anuais no nordeste da Índia

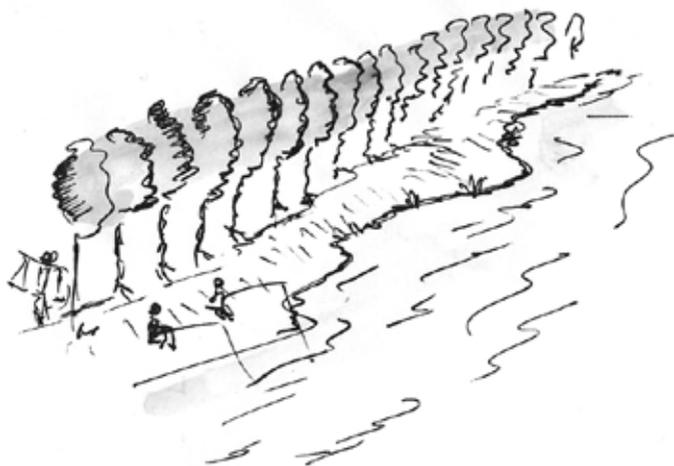
O rio Bramaputra tem cheias todos os anos, de Junho a Setembro, e pode atingir uma largura de 45 km. Há dezenas de milhares de comunidades a viver ao longo de uma faixa de 500 km e estas comunidades ficam rodeadas pela água. Quando a chuva é especialmente forte, desgasta as zonas mais altas e destrói as infra-estruturas.

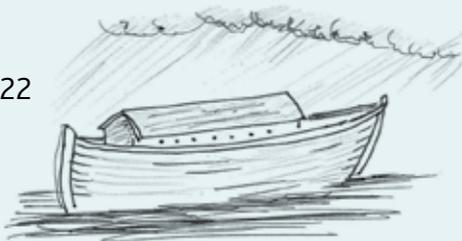
Há comunidades cristãs dispersas por esta área, uma pequena minoria numa população predominantemente hindu. Estas congregações locais tornaram-se o ponto de enfoque de um programa de gestão de desastres que tentou, pela primeira vez, reduzir o poder destrutivo deste rio imponente e proteger as vidas e os bens das pessoas. Este programa desafiou, ao mesmo tempo, visões do mundo que ajudavam pouco – os pensamentos das pessoas estavam dominados por perspectivas negativas do rio.

Esta iniciativa incluiu actividades práticas, como o plantio extenso de árvores, o melhoramento e protecção de poços e fontes de abastecimento de água, bem como o melhoramento de estradas e pontes. Além disto, desenvolveu-se a liderança e a organização da comunidade, através da elaboração de planos locais para desastres e da formação de equipas de voluntários. Foram fornecidos barcos a comunidades que não tinham nenhum.

O governo local reconheceu esta iniciativa como um exemplo que poderia ser replicado noutras áreas da bacia do rio Bramaputra.

5



ESTUDO BÍBLICO**O Dilúvio** Gênesis 6:9–8:22**Contexto**

Uma chuva constante durante 40 dias causou uma inundação universal de toda a superfície da Terra, com uma profundidade mínima de sete metros (Gênesis 7:20) que durou 150 dias. A cheia destruiu completamente a população humana e animal (com exceção daqueles que estavam com Noé).

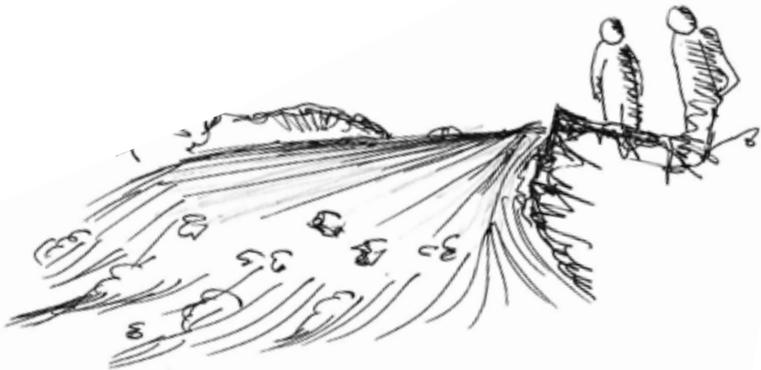
Pontos-chave

- Noé foi avisado por Deus de que haveria uma cheia e respondeu fazendo um plano de preparação e juntando os recursos necessários. As igrejas podem desempenhar um papel chave, reunindo comunidades para se prepararem para uma situação de desastre.
- A preparação de Noé incluiu abastecer-se para a duração da cheia (arranjando comida) e para o período depois da cheia (animais, machos e fêmeas). As igrejas e comunidades devem também ter o cuidado de se preparar para possíveis desastres, incluindo o planeamento para o período de duração do desastre e para o período de recuperação posterior.
- Noé usou métodos apropriados para monitorizar a situação da cheia (enviando um pássaro), para saber quando passar das actividades de sobrevivência para a fase de reabilitação (reinstalação em terra). É importante manter a evolução da situação de desastre sob vigilância constante e adaptar as actividades em conformidade.
- A seguir à cheia, Noé e a sua família restabeleceram-se numa área menos propensa a inundações – as montanhas de Arará (Gênesis 8:4) e retomaram os seus meios de vida. Os desastres devem ser usados como uma oportunidade de reduzir a vulnerabilidade, já que as pessoas estão frequentemente mais dispostas a aceitar mudanças nessas alturas.

Perguntas

- 1 *Este desastre específico foi o resultado de uma desobediência generalizada às leis de Deus. O mesmo é verdade relativamente a outros desastres? Que passagens da Bíblia sugerem que os desastres não são o resultado de pecado?*
- 2 *Noé foi avisado por Deus da cheia que se aproximava. Que sinais existem que nos avisem da iminência de cheias? Que métodos tradicionais conhece, para além das previsões meteorológicas?*

- 3 *Noé recebeu de Deus instruções muito precisas quanto às dimensões da arca a construir, um barco de madeira muito grande. Os engenheiros dizem-nos que as proporções (a relação entre o comprimento e a largura e altura) estão razoavelmente correctas para um navio desta envergadura. Que outras instruções deu Deus a Noé para assegurar que os animais que precisavam de ar para respirar sobreviveriam à cheia e seriam capazes de repovoar depois a terra? Quais são algumas das coisas que temos de fazer para nos prepararmos para uma cheia?*
- 4 *A narrativa do Génesis diz muito pouco sobre a reacção das outras pessoas à actividade de construção do barco por Noé. Como pensa que se terão sentido? Que comentários poderiam ter feito a Noé, dado que o barco estava longe do mar? Que oposição poderemos enfrentar se tentarmos fazer preparativos para um desastre e como poderemos ultrapassar essa oposição?*
- 5 *De que formas podem as igrejas estabelecer uma boa relação com a sua comunidade, para que a igreja possa tomar a liderança na preparação para um desastre?*
- 6 *Como poderemos aprender as lições de desastres anteriores, a fim de nos prepararmos para desastres futuros?*



Revisão deste capítulo

- *Quais são algumas das principais causas das cheias?*
- *Descreva alguns dos modos de sensibilização para os riscos de cheias numa comunidade.*
- *Descreva alguns dos sistemas de alerta precoce que podem ser usados pelas comunidades locais.*
- *Porque é que as mulheres estão às vezes mais em risco que os homens durante as cheias?*
- *Em áreas de cheias frequentes, o que é que as famílias e as comunidades podem fazer para se preparar para elas? O que é que a igreja pode fazer para se preparar?*
- *Quais são algumas das medidas de mitigação que as comunidades podem adoptar para reduzir as perdas durante cheias?*
- *Como podemos proteger as igrejas e outros edifícios contra danos provocados pelas cheias?*

6

Tempestades de vento e deslizamentos de terras

Introdução	152
Impacto das tempestades de vento	153
Preparação para tempestades de vento	154
Medidas de mitigação	160
Localização de novos edifícios	160
Concepção e construção de casas	161
Práticas agrícolas	162
Aterros e diques	165
Deslizamentos de terras e deslizamentos de lamas	166
Estudo de caso: Resposta ao ciclone Nargis em Myanmar	171
Estudo bíblico: Lutar contra a injustiça	172
Revisão deste capítulo	173

1

2

3

4

5

6

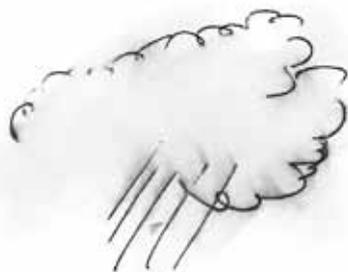
7

8

Introdução

Tempestades de vento

Uma tempestade de vento é um perigo natural altamente destrutivo, capaz de destruir casas e infra-estruturas, arruinar culturas (presentemente e afectando anos futuros) e ceifar as vidas de pessoas e animais.



As tempestades tropicais geram ventos de 63 a 117 quilómetros por hora, mas quando é atingida uma velocidade constante de 119 ou mais quilómetros por hora, o temporal tem então o nome técnico de tempestade de vento. No Atlântico e no Pacífico oriental, uma tempestade deste tipo é chamada um furacão, enquanto no Pacífico ocidental é conhecida como tufão e no Golfo de Bengala e no Oceano Índico como ciclone.

A estas velocidades, os ventos sopram numa grande espiral em volta de um centro relativamente calmo, que é chamado o "olho". O olho é geralmente pequeno, com uma largura de 32 a 48 quilómetros, mas a tempestade em si pode ter um diâmetro de 644 quilómetros. À medida que o furacão se aproxima, o céu começa a escurecer, os ventos aumentam de intensidade e começa a chuva forte. Uma tempestade de vento pode durar mais de duas semanas sobre águas abertas, mudando frequentemente de rumo antes de acabar por atingir terra firme e criar uma forte ondulação destrutiva (ondulação gigante).

Tornados

Os tornados são ventos muito mais fortes, com velocidades de mais de 322 quilómetros por hora. Poderá, às vezes, ser possível avisar as pessoas para se abrigarem, mas, dada a força destes ventos, nem sempre é fácil encontrar um local seguro. Não há defesa possível, visto que todos os sistemas de construção são vulneráveis a forças desta dimensão. Os tornados são, no entanto, de pequena escala, quando comparados com as tempestades tropicais, e a perda de vida é muito reduzida.



Impacto das tempestades de vento

A projecção de destroços pode ser fatal: chapas metálicas de telhado, madeira, artigos domésticos.



As tempestades de vento provocam perda de vidas, casas, culturas, alimentos, animais e terras. Os danos provocados pelos ventos afectam sobretudo edifícios e árvores, mas a maioria das mortes resulta de afogamento devido à forte ondulação provocada pelas tempestades e às cheias que as acompanham. Quando uma tempestade se aproxima da costa, gera uma ondulação fortíssima e faz subir a maré, às vezes até cinco metros acima do nível normal. Esta subida pode ser rápida e produzir cheias repentinas nas zonas costeiras baixas. As ondas e as correntes arrastam a areia das praias, abalam os alicerces de edifícios e destroem estradas e valas de irrigação. A chuva torrencial pode provocar cheias e deslizamentos de lamas mais para o interior.



Podem ruir edifícios em consequência dos ventos fortes, ferindo ou matando as pessoas que lá estão dentro e danificando bens.

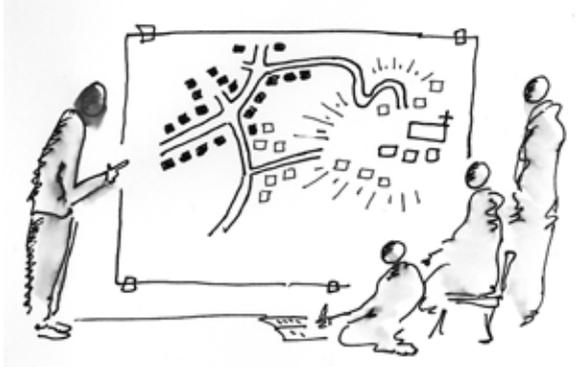
Outros impactos incluem:

- pessoas presas em telhados, sem comida ou água
- danos à agricultura, provocados pelo vento, pela água salgada ou por cheias prolongadas
- perigos para a saúde, visto que a água é muitas vezes contaminada por esgotos.



Preparação para tempestades de vento

Alguns dos preparativos são semelhantes aos das cheias. Comece por fazer um mapa de riscos da área, assinalando nele as casas mais em risco, e criando percursos de evacuação para zonas mais altas ou mais seguras. Assinale no mapa a localização de edifícios seguros e locais onde se encontram fontes de abastecimento de água de emergência em zonas mais altas.



A etapa seguinte consiste em elaborar um plano de emergência – pelo menos para a igreja, mas de preferência para toda a comunidade. Cada pessoa deve estar a par do sinal para evacuação e saber exactamente para onde ir e o que levar consigo. Deve haver reuniões de sensibilização para toda a comunidade: certifique-se de que, tal como os homens, as mulheres são totalmente envolvidas e que as escolas e os hospitais sabem também o que fazer como preparação para a tempestade. Tal como mencionado no capítulo 2, páginas 41 a 45, deve considerar a possibilidade de organizar uma equipa de voluntários com formação.

Sistemas de alerta precoce

Os métodos de aviso incluem emissões locais de rádio e televisão. Em locais mais desenvolvidos, poderá haver sítios da Internet disponíveis. As autoridades governamentais têm normalmente a responsabilidade de avisar com antecedência as comunidades ameaçadas, mas as mensagens nem sempre chegam às zonas mais remotas. Se as igrejas tiverem redes de contacto alargadas, podem contribuir eficazmente para a transmissão destes avisos.



Além da previsão meteorológica científica, podem ser usados alguns métodos tradicionais, por exemplo, a observação de algumas espécies de aves que migram antes de uma tempestade. Outro indicador é o comportamento dos animais, que pode alterar-se dramaticamente quando a pressão atmosférica se altera.

Outros métodos incluem a observação de padrões meteorológicos e a identificação de alterações nas nuvens, que indicam a formação de uma tempestade de grandes dimensões.

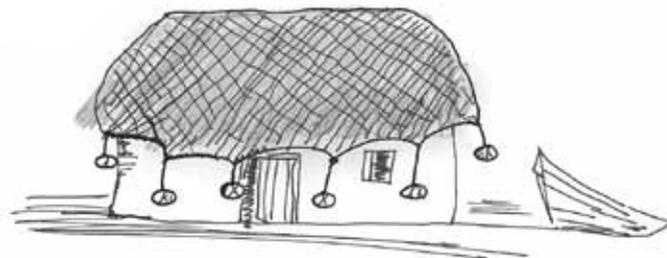
Uma vez reconhecidos os primeiros sinais de uma tempestade, podem ser usados os métodos locais para alertar o resto da comunidade. Isto poderá incluir o içar de bandeiras especiais e a utilização de megafones em bicicletas. Na zona costeira do Bangladeche, uma bandeira verde indica a aproximação de um ciclone; uma bandeira amarela indica que as pessoas devem juntar os bens e haveres de que necessitam em preparação para uma evacuação e enviar as pessoas idosas e as pessoas doentes para locais seguros; uma bandeira vermelha indica a necessidade de evacuação urgente de todas as pessoas para local seguro. Um método mais técnico de transmitir avisos é enviar mensagens para telemóveis em áreas de alto risco.

Reduzir os prejuízos materiais

Numa tempestade de vento, as comunidades respondem aos ventos fortes de diversos modos. Alguns abrem portas e janelas para deixar circular o vento. Outros pregam taipais sobre as portas e janelas para não deixar entrar o vento!



Os pescadores protegem por vezes as suas casas deitando-lhes redes por cima, com pedras nas redes a fazer peso, para proteger os telhados de colmo. Outras comunidades costeiras adaptaram-se ao risco elevado, vivendo em casas que podem ser facilmente desmanteladas. Pegam simplesmente nos materiais de construção e levam-nos para o interior, para uma área mais abrigada!



Outro método consiste em amarrar as casas de madeira, com cordas, a rochas ou estacas grandes. Todas as juntas principais da estrutura de madeira devem ser presas desta forma.

Manter seguros os artigos de valor

Guarde artigos pessoais como passaportes, cartões de identidade, certificados, títulos de propriedade de terrenos, dinheiro e medicamentos, num local seguro.



Coloque as sementes a plantar em sacos plásticos pequenos e depois – se possível – embrulhe-as num plástico grande para protecção.



Desligue toda a electricidade e tire as fichas dos aparelhos das tomadas de alimentação. Desligue também os aparelhos a gás e feche a válvula das botijas de gás: isto reduz o risco de incêndio. Coloque todos os artigos eléctricos num local mais alto, para evitar que sejam inundados.



6 Junte comida suficiente para alimentar a família durante cinco a sete dias e alguns recipientes de água potável.



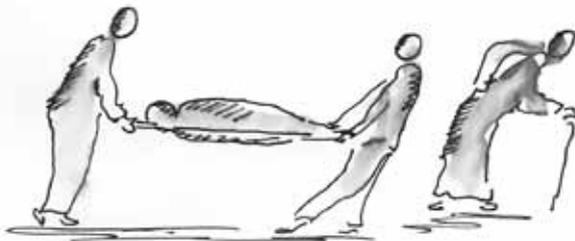
Recolha os medicamentos essenciais, fósforos secos, uma lanterna de pilha e um lampião. Se tem um telemóvel, certifique-se de que está carregado e contém os números de telefone para contacto mais importantes (incluindo os números para contacto do governo local).



Certifique-se de que todo o gado foi recolhido e levado para um local seguro, numa zona mais alta. Os animais são frequentemente deixados à solta para que possam salvar-se a si próprios.



Certifique-se de que as pessoas doentes, as pessoas idosas e as pessoas mais vulneráveis têm acesso a um abrigo seguro e quente e a comida adequada. Estas pessoas devem ser evacuadas para um local seguro, assim que sejam recebidos avisos.



Abrigos de emergência

Nas áreas ameaçadas por tempestades de vento e cheias, deve haver um local seguro designado onde as famílias possam abrigar-se durante a tempestade. Este local deve ficar numa zona alta e deve ter capacidade suficiente para receber os membros da comunidade. Nalguns países, o governo, a Cruz Vermelha e as ONG construíram abrigos robustos contra ciclones sobre pilares.

Mais frequentemente, são usadas escolas, igrejas, mesquitas, edifícios governamentais ou armazéns de cereais. Estes abrigos têm de ser limpos e preparados antes da chegada da tempestade. Se já foi formada uma comissão de gestão de desastres (consulte o capítulo 2: “Como podemos organizar-nos”, na página 39), ou se foi seleccionada e treinada uma equipa de voluntários, a preparação do abrigo deve ser responsabilidade deles.



Uma igreja poderá decidir oferecer o seu edifício como abrigo temporário. Neste caso, certifique-se de que estão disponíveis instalações básicas, como uma fonte de abastecimento de água e sanitários, luzes de emergência e um kit de primeiros socorros.

Sinais para o percurso de evacuação

Uma vez identificado um abrigo para evacuação, a comunidade deve marcar uma série de percursos de evacuação até ao abrigo com sinais bem visíveis, montados em postes com o topo pintado de branco, ou pintados nas paredes das casas ou nos troncos das árvores. Estas marcas brancas ajudarão as pessoas a encontrar o caminho para o abrigo, até mesmo na escuridão ou em situações de cheia.



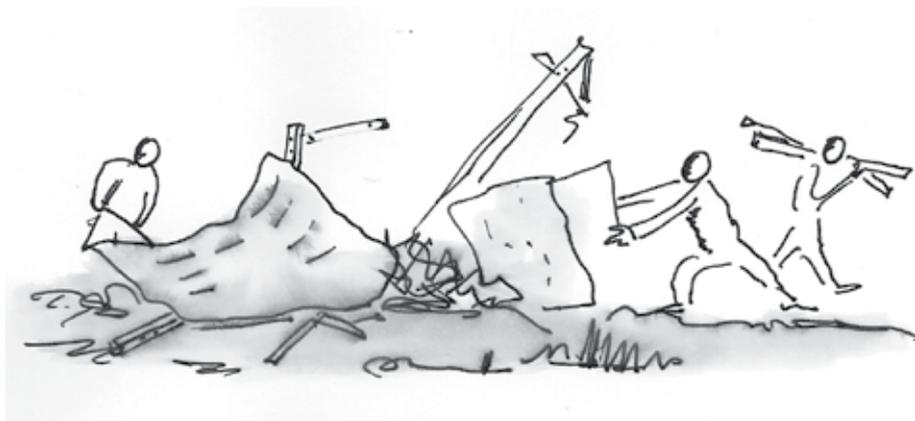
Deve ser dada uma atenção especial às pessoas idosas, pessoas portadoras de deficiência, grávidas, doentes crónicos e crianças pequenas. Estas pessoas devem ser rapidamente evacuadas, com o apoio dos voluntários.

O que fazer durante tempestades fortes

- Mantenha-se alerta e acordado. Ouça os boletins meteorológicos na rádio. Tenha em atenção o facto de que aguaceiros fortes de curta duração podem ser especialmente perigosos, sobretudo depois de períodos prolongados de chuva forte.
- Se está numa zona montanhosa, propensa a deslizamentos de terras, considere a possibilidade de ir para outro lado, se for seguro fazê-lo. Se tem carro, lembre-se de que conduzir durante uma tempestade intensa pode ser perigoso. Se ficar em casa, vá para um andar superior, se possível.
- Mantenha-se atento a quaisquer sons diferentes dos habituais que possam indicar destroços em movimento, como o estalar de árvores ou choques de pedregulhos. Um pequeno fluxo de lama ou de destroços pode ser o princípio de um maior deslizamento de terras. Os destroços em movimento podem correr rapidamente e às vezes sem nada que o faça prever. Manter-se fora do seu caminho salvará vidas.



O que fazer após uma tempestade forte



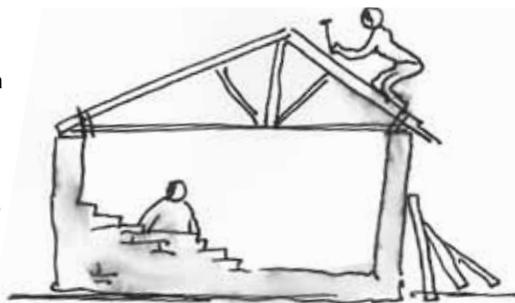
Após uma tempestade forte, os membros da igreja podem ajudar os indivíduos e as famílias a reparar e reconstruir as suas casas, especialmente os mais necessitados, como as viúvas e as pessoas idosas. A igreja poderá ser capaz de defender os interesses das pessoas mais pobres, para assegurar que recebem ajuda do governo, do exército ou das ONG. Isto poderá incluir compensação por perdas ou danos.

A igreja pode juntar a comunidade para planear a reconstrução de casas e edifícios comunitários. Os programas comunitários podem incluir tarefas como a limpeza de pedras das propriedades danificadas e de terrenos agrícolas e a remoção da água salgada dos campos. Ao trabalharem juntas na recuperação, as pessoas poderão também ser capazes de explorar maneiras de aumentar a sua capacidade para fazer face a futuras tempestades. Isto inclui casas mais sólidas, um melhor sistema de escoamento das águas, alterações aos sistemas agrícolas e talvez grupos de auto-ajuda e mecanismos de poupança e empréstimo. Um desastre pode tornar-se uma oportunidade para "reconstruir melhor".



Medidas de mitigação

As secções anteriores centraram-se na preparação para tempestades e na recuperação posterior à sua ocorrência. Esta secção fala de modos de reduzir o impacto de tempestades futuras e de algumas oportunidades para a igreja assistir nesta área. A cooperação e o sentimento de união da comunidade é uma base importante para muitas das ideias de mitigação que se seguem.



Há várias maneiras de mitigar os efeitos de tempestades. Elas incluem:

- melhorar ou mudar a localização de edifícios e casas para que fiquem menos expostos a danos provocados pelas tempestades
- reforçar o método de construção das casas, para as tornar menos vulneráveis a danos provocados por ventos e a destruição geral
- adoptar práticas agrícolas melhoradas, para reduzir os danos infligidos às culturas e introduzir plantas mais resistentes a tempestades
- melhor gestão da água, por exemplo através de barragens de aterro e melhor escoamento.

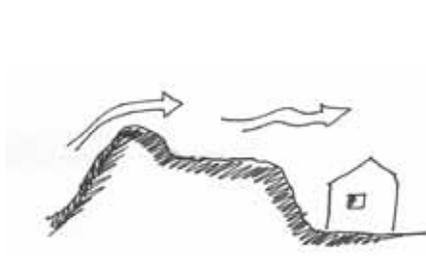
Localização de novos edifícios

As árvores e os relevos naturais oferecem alguma protecção contra ventos fortes. Os edifícios que não dispõem deste tipo de protecção ficam mais expostos à força de uma tempestade de vento.

Uma cintura de árvores absorve parte da força do vento e redirecciona-a por cima dos edifícios. As árvores têm de ser em número suficiente e não devem ser plantadas demasiado próximas das casas – a queda de ramos pode causar danos. Quando possível, plante árvores com raízes profundas, que terão menos probabilidades de ser derrubadas pelo vento.



Evite construir numa cumeeira ou numa zona alta exposta, visto que estas áreas estão mais sujeitas a danos provocados pelo vento. A construção em vales abrigados ou em áreas protegidas por colinas pode reduzir o impacto do vento.



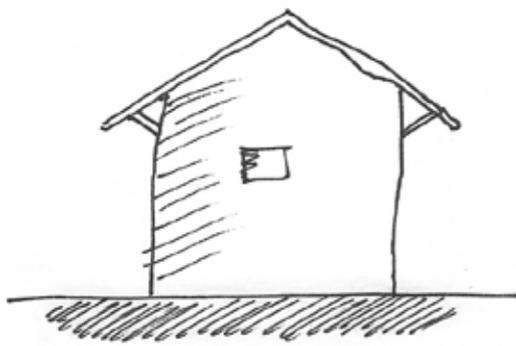
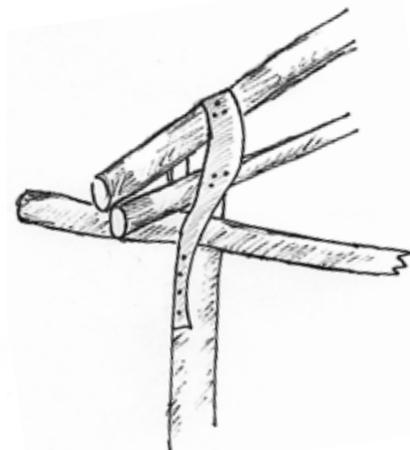
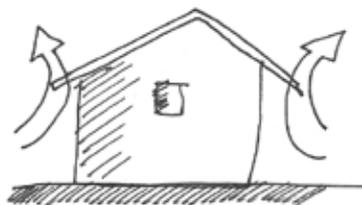
Às vezes, a falta de terreno pode levar as pessoas a construir em locais expostos. A igreja poderá ser capaz de interceder junto das autoridades locais no sentido de estas disponibilizarem terrenos alternativos para casas em locais mais seguros.

Concepção e construção de casas

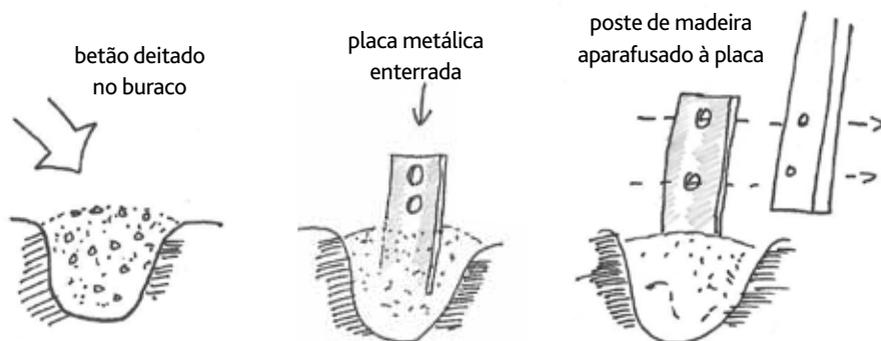
Quando há ventos fortes, as partes do telhado salientes (os beirais) podem ser levantadas e partidas.

Para evitar isto, prenda o telhado com amarras de beiral. Estas amarras devem ser usadas se o beiral tiver uma saliência superior a 45 cm.

Também podem ser usadas cintas metálicas para fixar bem os telhados às respectivas vigas e para fixar as vigas aos postes verticais. Isto pode reduzir significativamente os danos infligidos aos telhados.



Outra razão que pode levar uma casa a ruir é a falta de bons alicerces. Uma forma de ultrapassar isto é abrir buracos com pelo menos um metro de profundidade na base de cada poste vertical. Enchem-se estes buracos com betão e enterra-se uma placa metálica (com 40 a 50 cm de comprimento) no betão, deixando aproximadamente metade da placa de fora. A parte da placa que fica exposta deve ter dois ou três orifícios. Depois de seco o betão, os postes verticais da casa, em madeira, são aparafusados à placa metálica. Isto proporciona uma resistência ao vento muito maior.



A igreja não é uma empresa de construção! Poderá, no entanto, haver um construtor ou um carpinteiro entre os seus membros, que possa adoptar estas práticas. Seria possível reforçar o edifício da igreja usando os métodos descritos acima? Poderia a casa do pastor tornar-se uma “casa modelo” que os outros vissem e copiassem? Desta forma, a igreja pode assumir a liderança para assegurar que as novas casas são construídas de forma correcta e segura.

6

Práticas agrícolas

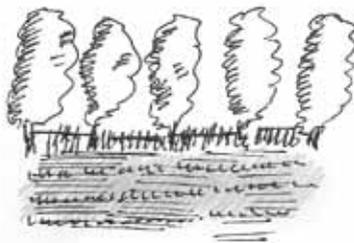
As culturas podem ser afectadas por tempestades de vento das seguintes formas:

- Podem ser arrasadas pela enorme força da chuva e do vento.
- Podem ficar encharcadas a ponto de apodrecerem nos campos.
- Podem ser mortas pela água salgada e por depósitos de lodo e areia trazidos da costa pela ondulação violenta.

As respostas seguintes são formas de reduzir o impacto das tempestades na produção agrícola.

Cortinas de abrigo e quebra-ventos

Para proteger as culturas mais frágeis e vulneráveis, podem plantar-se cinturas de árvores como cortinas de abrigo ou quebra-ventos.



Mangais e dunas de areia oferecem uma protecção excelente contra as tempestades ao longo da costa.

Podem ser usados arbustos, árvores e herbáceas para estabilizar dunas de areia que poderiam desmoronar-se durante as tempestades e deixar entrar mais as marés.



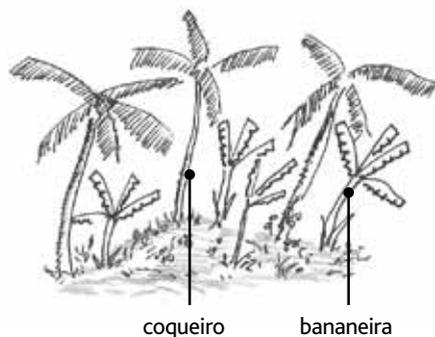
Diversificação de culturas e culturas intercalares

Outro método para reduzir o impacto de tempestades consiste em proteger as culturas vulneráveis, misturando-as com outras mais resistentes. Um exemplo é misturar linhas de abacaxi, resistente a tempestades, com legumes mais fracos como tomates, couves e culturas sachadas.



Nas zonas costeiras, podem intercalar-se coqueiros com bananeiras. Dependendo dos métodos usados para colher os cocos, poderá ser possível cultivar pimentos nos troncos dos coqueiros. Da mesma forma, podem intercalar-se cafezeiros com leguminosas, o que tem a vantagem adicional de melhorar o solo.

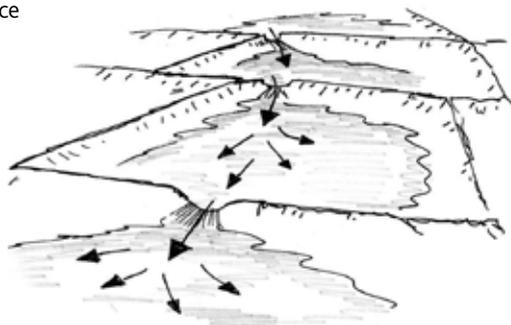
As igrejas rurais têm quase sempre agricultores entre os seus membros. Alguns dos métodos acima poderiam ser adaptados e usados por eles para reduzir os prejuízos causados aos seus meios de subsistência em tempestades futuras.



Impedir a contaminação dos terrenos pelo sal

Quando as concentrações de sal no solo são superiores ao normal, como seria o caso após um tsunami, a água é retirada das células da raiz das plantas e as plantas morrem.

A maneira mais eficaz de resolver isto é irrigar completamente o terreno com água doce e assegurar que existe um bom sistema de drenagem que deixe sair o sal da área afectada. Se não for possível a irrigação, o melhor a fazer é usar técnicas simples de captação da água das chuvas, como covas de captação e banquetas. Poderá ser necessário decompor a camada superior do solo através do cultivo para melhorar a drenagem.



Algumas outras técnicas, como sistemas de cultivo, a utilização de composto e de químicos (se disponíveis e acessíveis em termos de preço), poderão ajudar a reduzir a salinidade do solo, mas nenhuma delas poderá substituir a lavagem profunda do solo com água limpa. Os funcionários agrícolas do governo local poderão ser capazes de oferecer aconselhamento adequado para a sua localização específica.

Culturas tolerantes ao sal

Durante o processo de recuperação, as culturas tolerantes ao sal podem ser uma opção prática. É apresentada a seguir uma lista breve destas culturas (fonte: FAO). Não é, no entanto, fácil introduzir novas culturas e será essencial obter aconselhamento especializado.

	Tolerância elevada	Tolerância média
Culturas arvenses	<ul style="list-style-type: none"> • cevada • algodão 	<ul style="list-style-type: none"> • centeio • trigo • tremoço • soja • painço • sorgo • arroz • amendoim
Fruta	<ul style="list-style-type: none"> • tamareira 	<ul style="list-style-type: none"> • romã • figo • azeitona • uva
Legumes	<ul style="list-style-type: none"> • beterraba • couve crespa • espargos • espinafre 	<ul style="list-style-type: none"> • tomate • brócolos • couve-tronchuda • couve-flor • milho doce • fava • abóbora-cabaça • abóbora-menina • pepino
Plantas forrageiras	<ul style="list-style-type: none"> • capim de rhodes • grama • quicuío • alium • capim pangola • azevém • Wimmera • luzerna • feijão-de-rola • siratro • buffel • sabi • capim-guiné 	<ul style="list-style-type: none"> • trevo egípcio • medicago scutellata • medicago truncatula • blycine • azevém perene • trevo-morango • paspalum • erva-do-sudão • phalaris • caniço-malhado

As *plantas forrageiras* são ervas que podem ser cultivadas para alimentação do gado. O funcionário do governo local encarregado da agricultura ou pecuária poderá ser capaz de o ajudar a encontrar algumas destas plantas.

Aterros e diques

Estes são geralmente projectos governamentais de grande envergadura, destinados a proteger contra marés tempestuosas. As comunidades podem, no entanto, ser organizadas para os reparar ou reforçar com mão-de-obra voluntária. A igreja pode também pressionar o governo para tentar obter melhores defesas contra as cheias.



Deslizamentos de terras e deslizamentos de lamas

As grandes tempestades provocam frequentemente deslizamentos de terras.

A chuva forte e prolongada satura o solo e faz deslocar as vertentes instáveis, criando deslizamentos de terras. Em 1998, os deslizamentos de terras associados ao furacão Mitch mataram 18.000 pessoas em quatro países. Os deslizamentos de terras são frequentemente mais destrutivos nas áreas urbanas, onde a falta de terrenos levou as pessoas a construir em vertentes íngremes e instáveis. São comuns os bairros de lata em encostas nas cidades.



Alguns deslizamentos de terras têm uma movimentação lenta e causam danos gradualmente, enquanto outros ocorrem rapidamente, destruindo bens e ceifando vidas. A gravidade é a força que leva a um deslizamento de terras. Os deslizamentos de terras e as inundações ocorrem muitas vezes ao mesmo tempo, resultando ambos de chuva forte.

Os factores que podem levar a deslizamentos de terras incluem:

- a saturação pela água (após chuva forte ou degelo rápido)
- o aumento da inclinação das vertentes em resultado de erosão ou construção
- o alternar de formação de gelo e degelo
- tremores de terra
- erupções vulcânicas.

Os fluxos de detritos, às vezes designados como deslizamentos de lamas, também ocorrem geralmente durante períodos de chuva intensa ou degelo rápido. Começam geralmente em encostas e a sua composição pode variar, desde lama aguada até lama espessa pedregosa, capaz de arrastar consigo pedregulhos, árvores e carros. Quando o deslizamento de lamas atinge terreno mais plano, os detritos espalham-se por uma área maior e causam prejuízos avultados.

Os deslizamentos de terras e os deslizamentos de lamas podem bloquear rios e causar inundações a montante. Quando a barragem temporária rebenta, desce pelo vale uma cheia repentina destruidora.

Reduzir o risco de deslizamento de terras

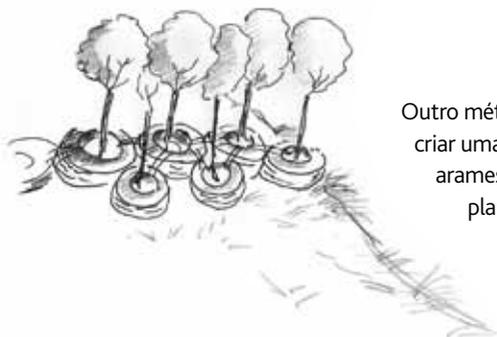
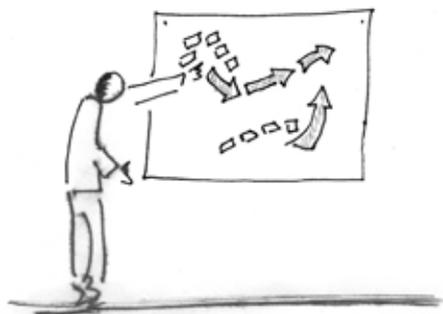
A primeira coisa a fazer é familiarizar-se com o terreno à sua volta. Informe-se sobre se houve deslizamentos de terras e fluxos de detritos anteriormente na sua área, perguntando a alguns dos residentes mais idosos.

As áreas geralmente mais propensas ao perigo de deslizamento de terras incluem áreas que resultaram elas próprias de deslizamentos anteriores, o sopé de vertentes íngremes, as bases de canais de drenagem e áreas com elevado teor de dispersão subterrânea de resíduos sanitários.

Para estar preparado, dê atenção aos padrões de drenagem da água das chuvas nas vertentes perto da sua casa, reparando especialmente nos locais onde a água de escoamento se junta. Antes da estação dos furacões, certifique-se de que todos os esgotos e valetas são devidamente limpos e que são abertos outros novos (consulte a seguir).

Tal como acontece nas áreas em risco de cheias e ciclones, é boa ideia criar mapas de riscos que mostrem as áreas com mais probabilidade de serem afectadas por deslizamentos. Devem ser criados percursos para evacuação, mostrando às pessoas como fugir de potenciais áreas de deslizamento de lamas. Os mapas são uma boa forma de sensibilizar a comunidade. Trabalhe em colaboração com as autoridades locais e as organizações comunitárias para planear um programa de sensibilização.

As vertentes sobranceiras a povoaamentos e a terrenos agrícolas podem ser estabilizadas de diversos modos – por exemplo, usando uma combinação de árvores e ervas que retenham o solo.



Outro método para estabilizar encostas consiste em criar uma cadeia de pneus ligados uns aos outros por arames transversalmente à encosta. São depois plantados pés de árvores no centro de cada pneu. Prenda os pneus com estacas para não se deslocarem. Os pneus e as árvores juntos ajudarão a estabilizar o solo.

Ao construir casas novas, devem ser evitadas áreas que tenham um risco elevado de deslizamento de terras.

Em zonas em que foi feita a desflorestação de encostas com terrenos muito íngremes, é frequente a construção ilegal de barracas. A combinação de encostas desprotegidas e construções de má qualidade deixa comunidades deste tipo muito vulneráveis a deslizamentos de terras súbitos e violentos. A igreja pode ajudar a sensibilizar para o risco de deslizamentos de terras e mobilizar a comunidade para reflorestar as encostas.



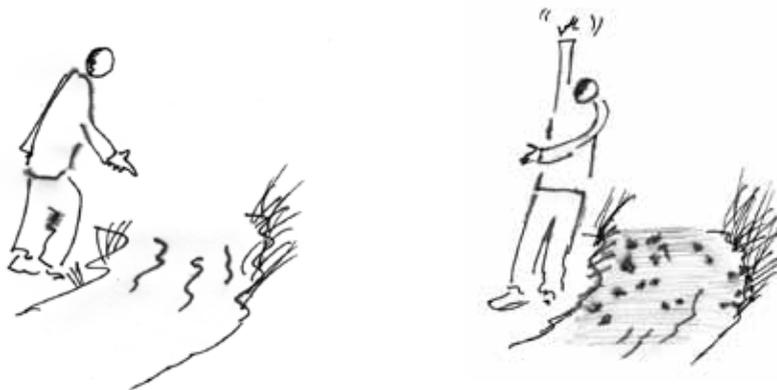
A importância de boa drenagem

Uma das principais causas de deslizamento de terras é a infiltração de quantidades de água excessivas numa vertente. É importante limitar a quantidade de água que se infiltra no solo, porque a terra molhada é mais propensa a deslizamento que a terra seca. Se há esgotos na encosta, os residentes devem ser incentivados a mantê-los limpos para evitar inundações, erosão do solo e deslizamentos de terras. Devem ser escavadas mais valas de drenagem transversalmente à encosta, acima das casas, para desviar a água. A chuva que cai nos telhados deve ser canalizada para barris de armazenamento da água ou para os esgotos. Uma forma de reduzir a infiltração da água para o solo é revestir estes esgotos com plástico, coberto por rede metálica ou pedras.

A igreja poderá ser capaz de promover alguns destes métodos entre os seus membros e avisar os residentes para não tornarem o terreno acima das suas casas excessivamente íngreme, visto que isto pode provocar pequenos deslizamentos.

Sinais de aviso

Os sinais de aviso incluem postes ou árvores inclinados, rachas no solo, alterações no fluxo de nascentes e perturbações no fornecimento de água canalizada. Se está perto de um riacho ou de um canal, mantenha-se atento a qualquer aumento ou redução súbita no volume de água e a uma alteração da água de límpida para turva. Alterações deste tipo podem indicar um deslizamento de terras a montante, portanto, prepare-se para se deslocar rapidamente. Não espere – salve-se a si e não aos seus haveres.



Mantenha-se especialmente atento durante a condução. Os aterros ao longo das estradas são especialmente susceptíveis a deslizamento. Veja se há abatimento do piso, lama, pedras caídas ou outras indicações de possíveis fluxos de detritos.

Se suspeita que esteja iminente um deslizamento, informe imediatamente os seus vizinhos. Avisando-os de uma potencial ameaça poderá ajudar a salvar vidas. Ajude os vizinhos que possam necessitar de assistência a sair das suas casas. Abandone a área – sair do caminho de um deslizamento de terras ou fluxo de detritos é a melhor maneira de se proteger.

O que fazer durante e após um deslizamento de terras

Se ocorrer um deslizamento de terras na sua área, responda imediatamente. Saia imediatamente do caminho do fluxo de terra ou de lama. Se não for possível fugir, agache-se curvando o corpo numa bola e proteja a cabeça. Esta posição enrolada é a que protegerá melhor o corpo.



Após um deslizamento de terras, deve fazer o seguinte:

- Mantenha-se fora da área do deslizamento. Poderá haver o perigo de mais deslizamentos.
- Veja se há pessoas feridas ou presas perto do deslizamento, sem entrar na própria área. Tome nota do ponto em que se encontram e informe as equipas de salvamento.
- Ajude os vizinhos que possam precisar de assistência especial – as crianças pequenas, as pessoas idosas e as pessoas portadoras de deficiência.
- Ouça a rádio local ou veja a televisão.
- Esteja atento à possibilidade de cheias após um deslizamento de terras.
- Veja se há linhas de electricidade e canos de gás ou água cortados e, se os houver, participe às autoridades apropriadas. A participação de potenciais perigos permitirá desligar rapidamente a electricidade ou o gás, evitando assim mais perigos e ferimentos.
- Verifique se estão seguros os edifícios próximos do deslizamento de terras.
- Volte a plantar os terrenos danificados tão cedo quanto possível, já que a erosão causada pela perda das plantas de cobertura pode levar a cheias repentinas.
- **Não** volte a construir as casas nos locais onde estavam antes.



Estudo de caso

Resposta ao ciclone Nargis, em Myanmar

O ciclone Nargis foi um ciclone tropical forte que provocou o maior desastre natural de que há memória na história da Birmânia (também chamada Myanmar). O ciclone atingiu o país a 2 de Maio de 2008, causando uma destruição catastrófica e pelo menos 138.000 mortes.

Apesar da devastação, foram espontâneos os actos de compaixão por parte da igreja. Um pastor acolheu 30 vizinhos na sua própria casa antes de ela ruir. Abrigaram-se depois temporariamente na sua igreja e respectivo recinto pessoas de todas as etnias e grupos religiosos, durante muitos meses. Expressaram mais tarde a sua gratidão contribuindo com dinheiro e mão-de-obra para a reconstrução da torre da igreja, que tinha caído durante o temporal.

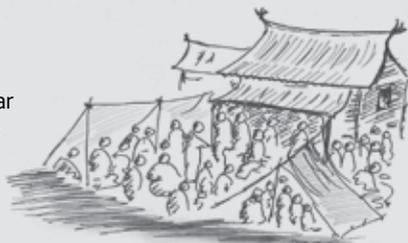
Outro pastor acolheu mais de 300 pessoas, permitindo que se abrigassem na sua igreja, onde os membros da igreja cuidaram deles o melhor que puderam.

A igreja deu rapidamente assistência na fase inicial da crise. "A igreja sabia onde estava a sua gente e estava em posição de assistir imediatamente", disse um sobrevivente do ciclone. O pastor, que perdeu a sua própria casa, andava a atravessar a lama e os escombros logo na manhã seguinte. Arranjou seis barcos e 16 pessoas de uma aldeia próxima e começou a salvar as pessoas de áreas isoladas do delta.

Os beneficiários do projecto (crentes e não crentes) sabiam que a igreja pertencia a uma rede de pessoas mais alargada e não deixaria a sua comunidade. Isto deu-lhes um sentimento de segurança mais forte e uma oportunidade de aprendizagem continuada. "Ficámos a conhecer melhor a igreja e estamos gratos", disse um beneficiário.

Alguns pontos-chave:

- resposta rápida ao desastre
- acção compassiva para ajudar pessoas de todas as religiões
- utilização da igreja e do seu recinto para abrigo temporário
- auto-sacrifício e assumir riscos para salvar outros.



ESTUDO BÍBLICO**Lutar contra a injustiça** Neemias 5**Contexto**

A situação deste capítulo ocorreu durante a reconstrução da muralha de Jerusalém (consulte também o estudo bíblico sobre Neemias 2, no capítulo 3, página 91). Lembra-nos que, mesmo num processo de reconstrução e reabilitação, os ricos podem usar a situação para explorar os pobres. Além da oposição de Sambalate, de Tobias e dos seus amigos, o povo estava a ser maltratado pelos seus próprios nobres e funcionários. Depois de pensar um pouco, Neemias interpelou-os sobre o seu comportamento (versículos 6-11) e conseguiu corrigir a situação.



A liderança de Neemias é um exemplo para as igrejas, para que falem sem medo contra a injustiça e chamem a atenção para os problemas que estão a empobrecer as pessoas.

Pontos-chave

- Os pobres queixam-se de que são oprimidos pelos ricos (Neemias 5:1-5).
- Neemias elimina a opressão (Neemias 5:6-13).
- Ele dá um exemplo de compaixão pelas pessoas pobres (Neemias 5:14-19).

Perguntas

- 1 *Em Neemias 5, como é que os ricos exploravam os pobres? Como responde Neemias? Como poderiam os pobres ser explorados durante a fase de reconstrução a seguir a uma tempestade de vento ou a um deslizamento de lamas?*
- 2 *A igreja pode ajudar a assegurar que, em todas as fases da recuperação do desastre, os pobres são protegidos contra a exploração e ajudados a encontrar maneiras de sair da pobreza. Que medidas práticas poderia a sua igreja tomar para assegurar que as pessoas pobres não são exploradas?*
- 3 *Como pode a igreja assegurar que as pessoas mais pobres não são deixadas para trás quando há uma distribuição de ajuda humanitária pelo governo ou por ONG?*
- 4 *De que precisa a sua igreja para se tornar mais confiante e eficaz na defesa das pessoas pobres?*

Revisão deste capítulo

- *Quais são as principais características de uma tempestade de vento de grandes dimensões e quais são os efeitos comuns que tem na comunidade?*
- *O que é que uma comunidade pode fazer para se preparar na prática para uma tempestade de vento de grandes dimensões?*
- *Como é que uma comunidade pode identificar aqueles que são mais vulneráveis aos danos causados por uma tempestade de vento e como pode a comunidade assegurar que são protegidos e evacuados a tempo?*
- *Se a igreja ou o seu salão, ou a escola, está a ser usada como centro de evacuação, como poderá assegurar que serão satisfeitas as necessidades das mulheres e crianças, bem como as necessidades dos homens (por exemplo, no fornecimento de latrinas)?*
- *O que é que a igreja e a comunidade podem fazer para proteger os edifícios e as casas do impacto de tempestades de vento?*
- *Quais são alguns dos indícios de uma ameaça de deslizamento de terras?*
- *O que é que a igreja e a comunidade podem fazer para reduzir os danos infligidos às culturas pelo impacto de uma tempestade de vento?*
- *Como podemos reduzir o risco de deslizamentos de terras?*



Seca e insegurança alimentar

Introdução	176
Causas de seca e insegurança alimentar	177
Avaliação da segurança alimentar dos agregados familiares	179
Distribuição alimentar de emergência	182
Mitigação de seca	184
Métodos de cultivo	184
Gestão da água	189
Gestão de culturas	189
Armazenagem de alimentos e bancos de cereais	191
Estudo de caso: O banco de cereais de Ateli, Burkina Faso	194
Segurança alimentar em áreas urbanas	195
Gestão da pecuária numa situação de seca	197
Estudo bíblico: A fome e um futuro rei	200
Revisão deste capítulo	202

Introdução

Este capítulo trata do impacto da seca e da insegurança alimentar nas comunidades e nos agregados familiares. Analisa também as diversas abordagens que uma comunidade pode adoptar para se tornar mais resiliente e eficaz na gestão dos efeitos da seca a longo prazo. O capítulo examina várias ferramentas de avaliação que podem ser usadas, tanto para a resposta de emergência como para o planeamento da mitigação a longo prazo.



O que é a seca?

No sentido mais geral, qualquer falta de água para as necessidades normais da agricultura, da pecuária, da indústria ou da população humana pode ser chamada seca. Se bem que a seca esteja normalmente associada a climas semiáridos ou desérticos, pode ocorrer também em áreas que têm normalmente níveis de precipitação e de humidade adequados. Um atraso nas chuvas sazonais pode igualmente criar condições de seca. As áreas que dependem da água de outras regiões (por meio de rios, canais de irrigação ou aquíferos subterrâneos) podem enfrentar uma seca se as chuvas falharem nessa região, que poderá estar a muitos quilómetros de distância.

A seca, por si só, não é necessariamente um desastre – algumas pessoas têm bens ou mecanismos de defesa tradicionais que lhes permitem sobreviver. Estes mecanismos incluem a venda do gado e de artigos domésticos, a redução do número de refeições, a partilha dos alimentos com vizinhos, ou a apanha de frutos, folhas ou raízes silvestres. Tais mecanismos podem ajudar a curto prazo, mas, quando as pessoas vendem os seus bens, isso aumenta o seu grau de pobreza e, a longo prazo, aumenta também a sua vulnerabilidade.

O que é a segurança alimentar?

A segurança alimentar existe “quando todas as pessoas têm sempre acesso a alimentos suficientes, saudáveis e nutritivos que lhes permitam manter uma vida sã e activa”. (Cimeira Mundial da Alimentação, 1996.) De uma maneira geral, o conceito de segurança alimentar é definido como incluindo o acesso físico e económico a alimentos que satisfaçam tanto as necessidades como as preferências alimentares das pessoas. A segurança alimentar assenta em quatro pilares:



DISPONIBILIDADE DE ALIMENTOS: Quantidades suficientes de alimentos disponíveis, através da agricultura, de importações ou da ajuda alimentar.

ACESSO A ALIMENTOS: As pessoas têm dinheiro para comprar a comida (a preços acessíveis) e têm acesso aos mercados.

QUALIDADE DOS ALIMENTOS: A comida é adequada para o consumo humano e de bom valor nutritivo, promovendo uma boa saúde.

ESTABILIDADE DO ABASTECIMENTO ALIMENTAR: Provisões de alimentos asseguradas, mesmo numa situação de desastre ou crise familiar.

Causas de seca e insegurança alimentar

Sabe-se que a seca ocorre desde os tempos bíblicos, mas está a tornar-se um perigo mais grave devido às alterações climáticas. As actividades humanas, como a queima de combustíveis fósseis e a desflorestação, têm aumentado a quantidade de gases nocivos com “efeito de estufa” na atmosfera. Estes gases retêm grande parte do calor que, de outro modo, escaparia do planeta, produzindo um mundo geralmente mais quente. Isto está a afectar os padrões meteorológicos de diversos modos. Um deles é a alteração na quantidade e distribuição da precipitação em muitas partes do mundo, que resulta num aumento da frequência e duração de secas.

As alterações climáticas têm influenciado também as épocas agrícolas. Alguns agricultores lutam agora com dificuldades porque não há chuva suficiente no início do período de plantio para manter as plantas, ou há demasiada chuva no período tradicional de colheita, que apodrece as culturas. Às vezes a chuva pára prematuramente, o que leva as culturas dela dependentes a enfraquecer e produzir colheitas fracas.

As temperaturas mais altas e a escassez de água têm também provocado um aumento nas doenças do gado, um declínio das pastagens existentes e uma produção pecuária reduzida. Os

padrões de migração sazonal dos criadores de gado estão a mudar, o que aumenta o potencial de conflitos.

O impacto global de um aumento dos períodos de seca e insegurança alimentar traduz-se no deslocamento de populações que ficam potencialmente dependentes da ajuda alimentar de emergência. No passado, quando havia secas, a maioria das comunidades tinha métodos simples de lidar com a situação. Em muitos locais, as secas tornaram-se mais acentuadas e estes mecanismos tradicionais deixaram de ser eficazes.



Outra causa da insegurança alimentar são os conflitos civis, em consequência dos quais as populações são deslocadas e não podem aceder com segurança aos seus próprios campos. Podem também ficar sem acesso a outras áreas e os meios de subsistência secundários (por exemplo, a apanha de lenha) deixam de ser possíveis. Na nova área, poderá não haver bons terrenos disponíveis.

Além disso, a insegurança alimentar pode ser causada pela especulação de comerciantes no comércio transfronteiriço. Os comerciantes compram cereais e géneros alimentícios a baixo preço e vendem-nos lucrativamente num país vizinho. Isto reduz a quantidade de cereal disponível na área de origem e faz subir os preços, impedindo que as pessoas mais pobres possam comprá-lo. Os preços dos alimentos podem também ser inflacionados por tendências do mercado global.

Outros factores que contribuem para a insegurança alimentar incluem: má governação, desigualdades sociais, discriminação contra grupos minoritários (políticos, étnicos ou religiosos), o impacto do VIH e políticas globais de agricultura e comércio. A igreja poderá encontrar maneiras de resolver algumas destas causas e de responder às necessidades dos que têm fome.

Avaliação da segurança alimentar dos agregados familiares

Quando as chuvas falham e se espera uma colheita fraca, é boa ideia levar a cabo uma avaliação da situação alimentar. Devem também ser efectuados inquéritos alimentares após uma colheita má, para avaliar o impacto na comunidade do fracasso da colheita e o período de fome esperado. Fazer perguntas sobre comida gera, no entanto, frequentemente a expectativa de uma distribuição de alimentos, pelo que é necessário ter o cuidado de não fazer promessas e de tentar não alimentar esperanças (a não ser que haja promessas firmes de comida de uma ONG).

Formulário fotocopiável para a avaliação

A ferramenta de avaliação das páginas seguintes identificará necessidades imediatas e contribuirá para o planeamento a longo prazo. É ideal para utilização num inquérito casa-a-casa e abrange meios de subsistência assim como reservas alimentares. Os resultados devem ser analisados por uma pequena comissão, incluindo líderes da igreja, que poderá então detectar as principais tendências na população e identificar os agregados familiares mais em risco de insegurança alimentar.

O formulário recolhe informação sobre gado e sobre fontes de abastecimento de água. Ambos ficarão ameaçados se a seca se prolongar.

Este formulário de avaliação deve ser fotocopiado e deve ser preenchida uma cópia por família. Será necessária uma equipa de voluntários para visitar os agregados familiares. Os membros da equipa devem ter recebido uma boa formação sobre a finalidade do inquérito e o método de preenchimento do formulário. O inquérito pode também ser anunciado e explicado no curso normal das notificações feitas pela igreja.



Informação sobre o agregado familiar

	Número
Quantas pessoas vivem neste agregado familiar?	
Quantas crianças há com menos de cinco anos?	
Quantas raparigas há com idade compreendida entre os cinco e os 15 anos?	
Quantos rapazes há com idade compreendida entre os cinco e os 15 anos?	
Quantas pessoas com doenças crónicas, idosas ou portadoras de deficiência?	
Principal meio de subsistência ou ocupação que suporta a família	

Consumo de alimentos

Descreva aquilo que os membros do agregado familiar comeram nas últimas 24 horas.

	Manhã	Tarde	Noite
Crianças pequenas (menos de 5 anos)			
Raparigas (5–15 anos)			
Rapazes (5–15 anos)			
Homens			
Mulheres			

Propriedade de animais

	Número
Vacas	
Porcos	
Cabras e ovelhas	

	Número
Camelos	
Galinhas	
Outros (especifique)	

Reservas alimentares e (se o inquérito é anterior à colheita) colheita esperada

Alimentos	Reservas no agregado familiar*	Colheita esperada		Número de campos	Estado das culturas (bom/razoável/fraco)
		Mês	Quantidade*		
Milho					
Feijão					
Sorgo					
Trigo					
Outro					

* **Reservas no agregado familiar e quantidade de colheita esperada:** indique o número e as unidades (kg, sacos, latas, etc.)

Período de fome

Quais os meses que serão provavelmente de fome este ano?	
Após uma boa colheita, quais são os meses de fome?	

Abastecimento de água

	Disponível S/N	Comentários sobre o estado da água	Distância até esta fonte
Água canalizada/torneiras			
Poço ou furo artesiano			
Rio, ribeiro ou nascente			
Barragem, reservatório ou lago			
Sistema de recolha de água da chuva			

Preços do mercado

comparados com os da mesma altura do ano anterior

	Mais altos	Iguais	Mais baixos	Tendência a subir/descer
Principal cereal aliment. humana				
Animais de criação grandes (ex. vacas)				
Animais de criação pequenos (ovelhas/cabras)				

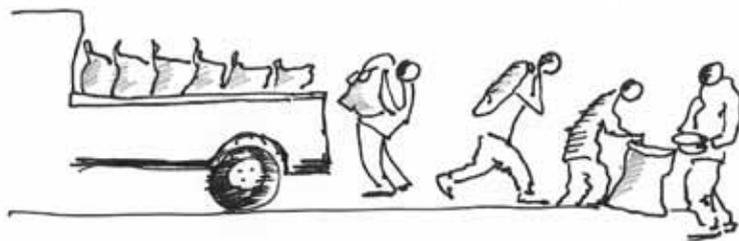
Distribuição alimentar de emergência

Se a avaliação da segurança alimentar revelar carências graves (actuais ou esperadas para breve), poderá ser necessário algum tipo de distribuição alimentar de emergência.

A distribuição de alimentos é descrita em pormenor no capítulo 4: "Pessoas deslocadas", páginas 104 a 106. Estes são alguns princípios fundamentais:

Princípios fundamentais

- 1 O método de distribuição e o tipo de alimentos específicos devem ser decididos de acordo com o estilo de vida e a cultura das pessoas. Por exemplo, a distribuição será diferente de áreas urbanas para áreas rurais, ou de comunidades nómadas para comunidades agrícolas.
- 2 A distribuição alimentar deve ser totalmente transparente, sabendo cada pessoa quais os critérios para receber alimentos e também aquilo a que tem ela própria direito.
- 3 Os beneficiários da distribuição devem ser tratados com respeito e dignidade.
- 4 Os beneficiários devem ser activamente envolvidos na gestão e distribuição dos alimentos, bem como na decisão relativa aos critérios de selecção.
- 5 As mulheres devem tomar a responsabilidade de recolher os alimentos – geralmente, são as mulheres que recebem a comida para as suas famílias.
- 6 Cada beneficiário tem o direito de receber uma ração justa, independentemente do género, idade, religião ou etnia.
- 7 Se não houver uma quantidade suficiente para todos, deve ser dada prioridade às pessoas mais vulneráveis da comunidade.
- 8 A distribuição deve ser vigiada por membros da comunidade de confiança, ou por líderes da igreja.



Rações

A comida dá energia e a energia é medida em quilocalorias (kcal). Um guia internacionalmente aceite, do projecto Sphere, *Carta Humanitária* e *Normas Mínimas de Resposta Humanitária em Situações de Catástrofe*, recomenda 2.100 kcal por pessoa, por dia, para rações de emergência. Este valor deve provir de diversos tipos de alimentos:

- Dez a doze por cento da energia total deve vir de proteínas (por exemplo, leguminosas, peixe, leite em pó).
- Dezassete por cento da energia total deve vir de gorduras (por exemplo, óleo para cozinhar).
- O restante deve vir de cereais, como arroz, milho ou trigo.

Se tem um nutricionista entre os membros da igreja, ele/ela poderá ser capaz de fazer alguns cálculos mais exactos, mas a regra geral é que todos os dias cada pessoa deve ter 500 g de cereal (por exemplo, arroz, sorgo, painço) e 100 g de lentilhas (leguminosas), mais um pouco de óleo para cozinhar.

A quantidade de comida distribuída a uma família deve estar de acordo com o número de membros dessa família. Às vezes, poderá não haver comida suficiente para satisfazer as directrizes acima. Se não for possível aumentar a comida disponível, terá de ser feita uma escolha difícil – reduzir a ração alimentar por pessoa ou reduzir o número de pessoas abrangidas pelo programa de alimentação (dando prioridade aos mais necessitados).

Obter alimentos

Poderá ser capaz de obter alimentos para o seu programa de distribuição de diversas fontes, por exemplo:

- De membros da igreja. Aqueles que têm mais comida poderão estar dispostos a partilhá-la com os que têm menos.
- De outras igrejas ou de estruturas denominacionais. Às vezes, outros ramos da sua associação de igrejas ou dioceses poderão ser capazes de fornecer alimentos.
- De fontes governamentais. O governo local poderá organizar distribuições de reservas alimentares. Os líderes da igreja poderão ser capazes de assegurar que são incluídos os membros mais pobres da igreja.
- De ONG. Poderá haver ONG locais ou internacionais a operar na sua área. Contacte-as e partilhe com elas a informação que recolheu com o inquérito.

Água

Encontrará ideias para o fornecimento de água no capítulo 4: "Pessoas deslocadas", páginas 106 a 113.

Mitigação de seca

Em áreas afectadas por secas frequentes, há vários métodos de agricultura e gestão da água que podem maximizar o uso de qualquer precipitação que haja e reduzir as perdas por evaporação. O líder da igreja poderá não ser agricultor, mas poderá haver alguém na igreja capaz de ajudar os agricultores a adoptar uma ou mais das seguintes sugestões. As ideias agrupam-se em quatro categorias principais:

- métodos de cultivo
- gestão da água
- gestão de culturas
- armazenagem de alimentos e bancos de cereais.

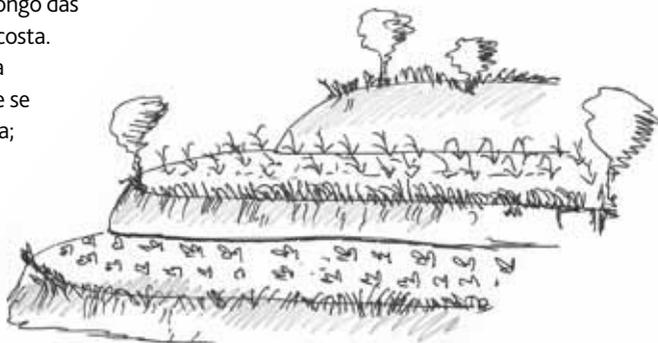
Todas estas são soluções agrícolas destinadas a reforçar o primeiro pilar da segurança alimentar – a **disponibilidade de alimentos** (página 177). Uma igreja poderá ter oportunidades de ajudar os seus membros a desenvolver meios de subsistência alternativos, como pequenas criações de gado, pequenas empresas ou artesanato. Estas actividades aumentariam o **acesso a alimentos** (o segundo pilar) proporcionando às famílias mais rendimentos. O terceiro pilar (a **qualidade dos alimentos**) poderia ser abordado com a introdução de aulas de saúde básica e nutrição para as mães, talvez utilizando os serviços de uma ONG ou de um trabalhador de saúde. A **estabilidade do abastecimento alimentar** (o quarto pilar) é considerada a seguir, no âmbito dos bancos de cereais.

Métodos de cultivo

Se a terra vai ser cultivada em áreas de seca, é necessário que seja usada ou armazenada toda a água da chuva disponível, até à última gota. Há diversas formas de conservar ou reter a água.

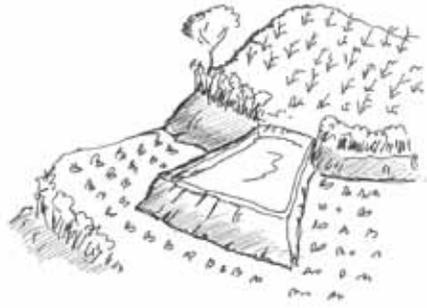
Terraceamento

O terraceamento envolve a criação de terraços, ou socalcos, ao longo das curvas de nível de uma encosta. (Uma curva de nível é uma linha que junta pontos que se encontram à mesma altura; um terraço ou socalco cria, portanto, faixas de terreno plano.) Isto ajuda a evitar a perda de água pela vertente abaixo e significa que fica mais água

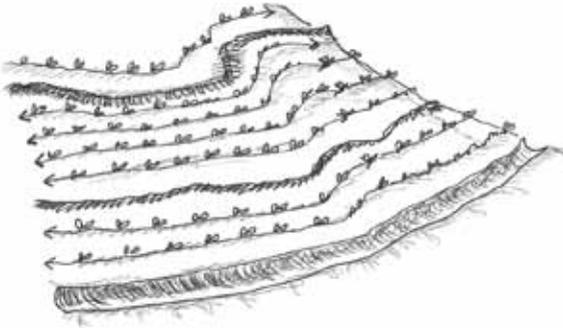


disponível para as plantas. Um terraço pode ser reforçado plantando árvores ou plantas perenes ao longo da respectiva beira: isto reduz a erosão do solo e retém mais humidade.

O terraceamento pode ser combinado com a recolha de água se a água de escoamento superficial do terraço for desviada para um pequeno reservatório ou lago. Esta água pode ser usada para regar culturas mais frágeis ou legumes.



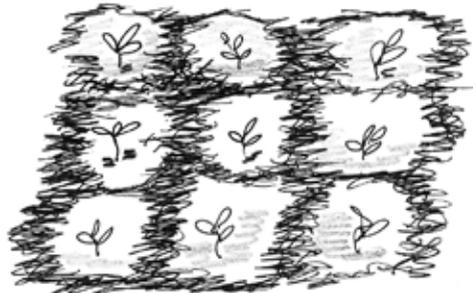
Terraceamento com sulcos largos



De uma maneira geral, é preferível cultivar transversalmente à encosta e não ter de andar para cima e para baixo ao longo da vertente. O terraceamento pode ser aperfeiçoado escavando sulcos largos a intervalos de três a quatro metros, dependendo da inclinação da vertente. Estes sulcos largos são úteis para quando cai chuva forte. Os sulcos retêm a água de escoamento superficial e desviam-na, impedindo assim que ela danifique as culturas que estão mais abaixo na vertente. A chuva menos forte é retida pelos terraços ou socialcos como anteriormente.

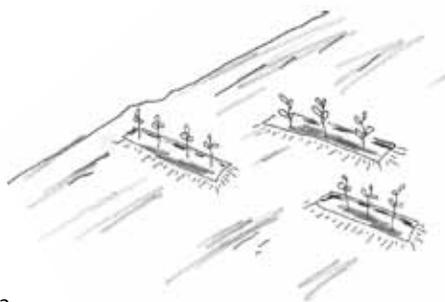
Mobilização mínima

Mobilização mínima (ou *reduzida*) significa plantar as sementes em pequenos buracos, sem lavrar ou sachar todo o campo. Podem ser colocados resíduos de plantas (a que se chama uma *cobertura morta*), entre as plantas que estão a crescer, para reduzir a perda de água e controlar as ervas daninhas.



Valas transversais

Valas transversais são pequenos grupos de valas escavadas transversalmente a uma encosta que fazem a recolha da água. São mais fáceis de abrir que os terraços (que exigem muita mão-de-obra), mas também ajudam a recolher a água de escoamento para as culturas. Cada uma destas valas pode ser cheia com esterco e resíduos de plantas para melhorar o rendimento e a fertilidade do solo. As valas podem ser usadas para uma cultura diferente cada ano.

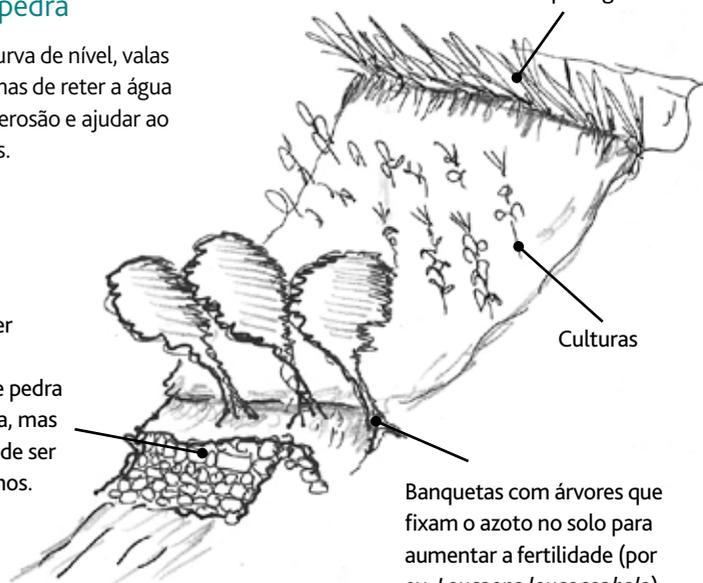


Banqueta com erva para forragem que pode ser usada quando não há acesso a pastagens.

Banquetas segundo a curva de nível, valas e muros de pedra

Banquetas segundo a curva de nível, valas e muros são outras formas de reter a água em vertentes, reduzir a erosão e ajudar ao crescimento das plantas.

Muro de pedra para reter a humidade no solo. A construção de muros de pedra exige mais mão-de-obra, mas os muros não precisam de ser substituídos todos os anos.



Culturas

Banquetas com árvores que fixam o azoto no solo para aumentar a fertilidade (por ex. *Leucaena leucocephala*)

Covas de captação

As covas de captação são pequenas bacias escavadas no solo onde se colocam plantas semeadas. As bacias recolhem o orvalho da manhã, bem como a chuva ocasional. Podem ser aperfeiçoadas espalhando uma cobertura de folhas secas em volta da planta para reduzir a perda de humidade por evaporação. Numa



Cova de captação

vertente, podem ser adaptadas, acrescentando-lhe um aterro em forma de meia-lua que actua como barreira para reter qualquer água que escorra. São às vezes chamadas covas de meia-lua.



Cova de captação em meia-lua

Quebra-ventos e cortinas de abrigo

Os quebra-ventos ajudam a reduzir a perda de água por evaporação quando o vento sopra à superfície do solo e das plantas. São formados por árvores plantadas em volta do perímetro de um campo, ou por uma série de linhas de árvores paralelas às culturas. Nalguns casos, é apropriado plantar tipos de árvores que fixam o azoto e beneficiam o solo.



Plantio em faixas (ou sistema agro-florestal)

O plantio em faixas é uma técnica para combinar árvores e culturas que ajuda a melhorar solos pobres adicionando-lhes nutrientes e melhorando a estrutura do solo. Proporciona forragem para o gado e protege o solo contra chuvas fortes.

São plantadas filas de árvores apropriadas a intervalos de aproximadamente 5 m, geralmente colocando as sementes directamente no solo durante a estação das chuvas. As culturas ou legumes são plantados entre as filas de árvores. Em terreno inclinado, as filas têm de ser plantadas ao longo da linha de nível – transversais à vertente. O plantio em faixas pode também proporcionar uma certa protecção em alturas de chuva irregular, visto que as filas de árvores ajudam a reter a água das chuvas no solo.

As sementes das árvores são plantadas a pouca distância umas das outras para que as árvores novas formem uma sebe. Se possível, é bom tentar misturar vários tipos de árvores diferentes. Quando as árvores chegarem à altura do ombro (aproximadamente 1,5 metros de altura) devem ser cortadas para uma altura de 20-30 cm. As folhas podem ser deixadas no chão como cobertura que vai apodrecer e adicionar nutrientes ao solo. Em alternativa, as folhas podem ser apanhadas e usadas como forragem para os animais. Os troncos que ficam voltam rapidamente a crescer e pode repetir-se o corte durante muitos anos.



Se não forem regularmente cortadas, as árvores crescerão muito, ficarão com troncos grossos e irão competir com as culturas.

É boa ideia cortar algumas das raízes laterais das árvores com uma pá, para encorajar o desenvolvimento de um sistema de raízes fibrosas mais eficiente e reduzir a concorrência com as culturas por nutrientes essenciais.

Espécies de árvores recomendadas para plantio em faixas

Nome em latim	Onde se encontra	Alguns nomes comuns
<i>Acacia albida</i>	África, Médio Oriente, Índia e Paquistão	acácia, haraz, kad, winter thorn
<i>Calliandra calothyrsus</i>	América Central e México	calliandra
<i>Cassia siamea</i>	Malásia	cássia, kassod
<i>Gliricidia sepium</i>	América Central e Filipinas	gliricídia, mãe-do-cacau, madre-do-cacau, madriado
<i>Leucaena leucocephala</i>	Ásia e África	leucena, aroma branco, guage lamtoro, ipil ipil
<i>Moringa oleifera</i>	Ásia e África	moringa, moringueiro, acácia-branca, árvore-rabanete-de-cavalo, quiabo-de-quina
<i>Sesbania</i>	Ásia, África e EUA	sesbania, agati, árvore-do-beija-flor, pan hatiya, tuwi

Árvores de crescimento rápido adequadas para áreas semiáridas:
Acacia albida, *Cassia siamea*, *Leucaena leucocephala*, *Moringa oleifera*

Uso de cobertura morta

Uma *cobertura morta* é uma camada que se deita no solo para impedir a erosão pelo vento ou pela água, reduzir a evaporação e controlar o crescimento de ervas daninhas indesejadas. As coberturas mortas podem consistir em ramos e folhas de uma cultura indesejadas, ou em materiais como cobertura plástica. O processo de fazer e usar uma cobertura morta é às vezes chamado *palhagem*.

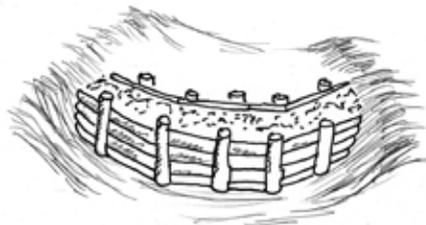


Gestão da água

A segunda categoria de medidas para fazer face à seca inclui diversas formas de captar e usar as águas de superfície.

Barragens de correcção

As barragens de correcção são estruturas temporárias, construídas transversalmente a um curso de água ou a uma ravina, para reter a água. São construídas com materiais locais, como troncos e pedras. É mostrado aqui um exemplo.



Tanques de percolação

Os tanques de percolação armazenam água para o gado e reabastecem as reservas de água subterrâneas. São construídos escavando uma depressão para formar um pequeno reservatório, ou construindo um aterro numa ravina natural para formar uma barreira.

Se pensa bloquear um curso de água, certifique-se de que isto não irá criar conflito com os utilizadores da água a jusante. É geralmente bom ter um vertedouro (uma caleira de transbordo), que deixe passar alguma água pela barragem e evite um excesso de pressão de água após chuva forte.

Gestão de culturas

Em áreas de seca, é necessário maximizar a produção das culturas e minimizar as perdas não relacionadas com a seca.

Problemas com pragas

As pragas podem reduzir muito o rendimento das culturas no campo. Quando possível, tente controlá-las, mas evite usar pesticidas caros e nocivos. A maioria das pragas pode ser controlada por cultura intercalar – plantando diversas culturas juntas no mesmo campo. A plantação de ervas em volta do perímetro da horta ajudará também a repelir pragas. Faça os seus próprios produtos de pulverização seguros usando substâncias com um cheiro forte como gindungo (piri-piri), alho, folhas de papaia e folhas de mamona.



Animais que comem as culturas

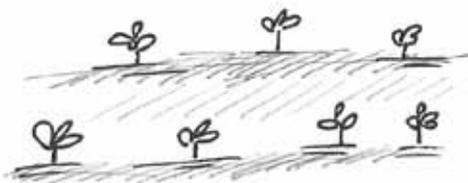
Para impedir que os animais comam as culturas, plante árvores de crescimento rápido que fornecerão uma cerca viva. Se disponíveis, use árvores fixadoras de azoto como a *Leucaena*, que melhoram o solo. Noutras situações, poderão ser apropriadas plantas com picos, como o sisal e acácias espinhosas.



Culturas e legumes resistentes à seca

Quando possível, escolha tipos de culturas conhecidos pelas suas qualidades de resistência à seca. Estas culturas incluem o painço, o sorgo e culturas sachadas como a mandioca, o inhame e a batata-doce. Há também muitas culturas tradicionais que não são necessariamente de alto rendimento mas têm qualidades de resistência à seca. Às vezes, os governos reduziram o cultivo de culturas tradicionais para as substituir por milho ou culturas para comercialização – mas, se ainda for possível obter sementes, essas culturas tradicionais poderão ser mais adequadas para as condições climáticas actuais e futuras. A plantação de legumes fora da estação, chamada *horticultura de mercado*, é uma forma de aumentar o rendimento familiar, mas pode exigir mais água para irrigação.

Espaçamento mais alargado



Os agricultores em áreas propensas a seca necessitam de produzir uma boa colheita, mesmo em terreno seco. Crie espaços maiores entre as fileiras e entre as plantas em cada fileira. Isto reduz o número de plantas e a competição pela escassa humidade do solo.

Aumentar a fertilidade do solo

A fertilidade do solo é essencial para a obtenção de boas colheitas. A utilização de esterco e composto bem apodrecido aumentará a fertilidade e a retenção de água no solo. A fertilidade pode também ser aumentada com a utilização de plantas como leguminosas, misturadas com a cultura principal. As leguminosas ajudam a fixar mais azoto no solo, como alternativa a fertilizantes químicos.



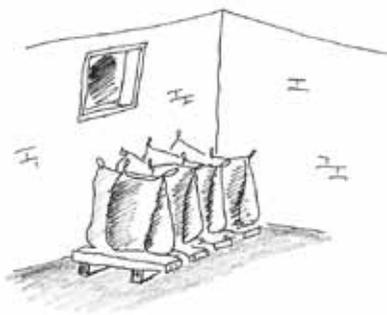
Armazenagem de alimentos e bancos de cereais

As colheitas que não são correctamente armazenadas são atacadas por roedores e insectos e, se armazenadas num local húmido, podem apodrecer rapidamente. Uma estratégia fundamental para a segurança alimentar é assegurar condições adequadas para o armazenamento das colheitas. Muitos métodos tradicionais usados no passado eram eficazes, mas ainda assim sofriam algumas perdas. Essas perdas podem ser minimizadas com alguns melhoramentos.

Armazenagem em arrecadação

O cereal guardado numa arrecadação, varrido para um canto ou ensacado, é muitas vezes atacado por roedores, insectos ou humidade e as perdas podem ser elevadas.

Guardar o cereal ensacado acima do chão, com uma porta bem estanque, ajudará a reduzir as perdas. Voltar os sacos a intervalos de poucos dias ajudará a reduzir o ataque dos insectos.



Armazenagem tradicional em cesto

A armazenagem em cesto é um método tradicional africano de guardar o milho que envolve colocar um cesto de verga grande sobre estacas e tapá-lo com um telhado de colmo. Em cada uma das estacas, há tampas metálicas que impedem os roedores de subir até ao cesto. Se estes armazéns forem devidamente mantidos, podem ser muito eficazes. No entanto, em alturas de crise, não são seguros contra roubos locais.



O recipiente de barro

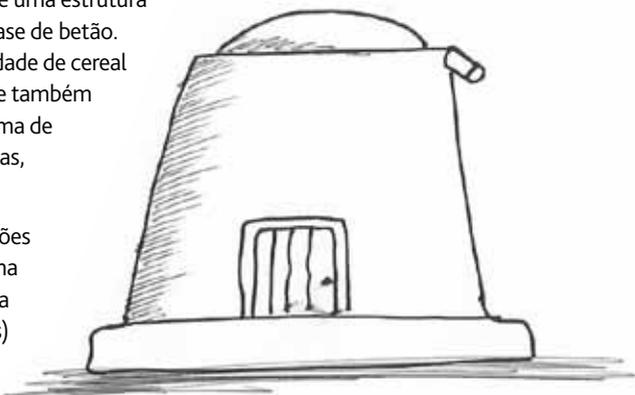
O recipiente de barro é um receptáculo de capacidade reduzida usado para guardar cereais para consumo diário. Os recipientes de barro são secos e à prova de roedores. Os recipientes mais pequenos são apropriados para guardar sementes, especialmente se a tampa for selada depois de ter sido colocada dentro uma vela acesa (a vela usa o oxigénio, matando quaisquer pragas de insectos).



Bancos de cereais

Um banco de cereais é geralmente uma estrutura em tijolo construída sobre uma base de betão. Pode guardar uma grande quantidade de cereal local para a comunidade. Vêm-se também às vezes bancos de cereais em forma de cilindros metálicos com portinholas, abrigados da luz solar directa.

Os bancos de cereais são instituições baseadas na comunidade (ou numa cooperativa administrada por uma aldeia ou por um grupo de aldeias) que compram, armazenam e vendem cereais básicos.



A maioria dos bancos de cereais oferece aos agricultores a oportunidade de guardar a sua colheita num armazém comunitário e esperar até os preços subirem para vender os seus excedentes no mercado. Os agricultores não têm de vender imediatamente a sua colheita, quando os preços estão baixos.

Os bancos de cereais podem também beneficiar as pessoas mais vulneráveis da comunidade. O cereal comprado na época da colheita é revendido durante o período de fome a um preço acessível. As pessoas não têm de pagar os preços excessivos exigidos pelos especuladores.

Um sistema alternativo consiste em fazer com que todos os agricultores contribuam com cereal e depois, em alturas de crise, disponibilizar este cereal aos membros da comunidade. Desta forma, o banco de cereais funciona como uma sociedade mútua de benefícios/seguros. Cada uma das pessoas que contribuiu para o banco pode receber cereal na altura em que ele é mais preciso.

Quando as reservas alimentares se esgotam, um banco vazio pode ser usado para guardar ajuda alimentar de emergência.

O que torna um banco de cereais bem-sucedido?

Há diversos factores que contribuem para o sucesso de um banco de cereais, incluindo os seguintes:

- Um forte espírito comunitário e motivação para trabalhar conjuntamente.
- A elaboração de um bom plano comercial.
- A gestão competente do banco, para assegurar a prestação de contas aos membros e bons sistemas para gerir a compra e distribuição do cereal.
- Manutenção periódica para garantir que os alimentos estão seguros contra pragas e permanecem secos.

- Uma produção local de cereais suficiente para assegurar que é possível reabastecer o banco.
- Disponibilidade de um edifício comunitário com capacidade de armazenamento suficiente e boas condições (ventilação, plataforma de madeira elevada, controlo de pragas, etc.)
- Acordo em pagar uma taxa administrativa na altura do depósito ou da venda. Esta taxa é usada para pagar despesas de protecção contra pragas e para cobrir outras perdas e custos de manutenção.
- Disposições para assegurar que os bancos não perdem dinheiro entre o abastecimento e o reabastecimento, para manter a sustentabilidade económica.

Quais são os benefícios de um banco de cereais bem-sucedido?

Um banco de cereais bem-sucedido:

- oferece melhores serviços de comercialização aos agricultores e aos consumidores a nível da comunidade, em períodos do ano críticos
- protege os agricultores e os consumidores contra as flutuações de preço do mercado e limita a especulação e o açambarcamento
- melhora a disponibilidade de cereais na comunidade e pode criar reservas locais para emergências
- reforça a organização, a coesão e as capacidades de planeamento da comunidade.

Erros comuns a evitar

A experiência revelou alguns erros comuns a evitar, incluindo os seguintes:

- Fornecer cereal a crédito, o que resulta frequentemente em faltas de pagamento.
- Corrupção ao nível da gestão, por uso indevido dos fundos.
- Roubo de dinheiro e cereal dos armazéns, se eles não forem seguros.
- Vender ou emprestar cereal a preços inferiores aos do mercado, num mercado relativamente competitivo.
- Processos de tomada de decisões colectivas inexperientes e lentos.
- Pressões sociais sobre a gestão que levam a más decisões quanto ao momento e preço de compras e vendas.
- Falta de incentivos e motivação para gerir um banco de cereais, que pode ocupar muito tempo e oferecer benefícios privados limitados. Uma igreja poderá ser capaz de fazer com que o sistema funcione, se houver pessoas competentes em quem seja depositada confiança.

Estudo de caso

O banco de cereais de Ateli, Burkina Faso

Ateli é uma aldeia de 1.000 pessoas. Os homens da aldeia organizaram um grupo em 1982, durante uma altura de fome. Um dos seus objectivos era trabalhar conjuntamente para conseguir auto-suficiência alimentar e em 1986 iniciaram o projecto de banco de cereais comunitário para melhorar a segurança alimentar. O grupo pediu ajuda a uma ONG cristã local, que concordou em fornecer o crédito de que precisavam para começar a trabalhar. Foi devidamente construído um armazém comunitário para o cereal com a participação de todos os aldeões.

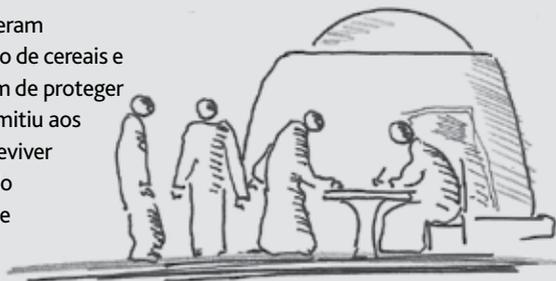
Funcionamento

Foi seleccionada uma comissão para tratar da gestão do banco de cereais. Ateli escolheu bem, formando uma comissão dinâmica. Os membros da comissão receberam formação em armazenamento e comercialização de cereais e foi-lhes dado crédito para poderem comprar o cereal no fim da época das colheitas, quando os preços estavam baixos. O crédito foi fornecido em duas prestações ao longo de dois anos sucessivos, para reduzir o risco no primeiro ano. Ateli comprou cinco toneladas de cereal no primeiro ano e outras cinco toneladas no segundo ano. O reembolso do empréstimo deveria ser feito no prazo de cinco anos.

Desde 1988, Ateli tem guardado diversos tipos de cereal no seu banco de cereais. Os preços do cereal são fixados pelo grupo da aldeia, para conseguir um equilíbrio entre os preços baixos do cereal no final da colheita e os preços altos cobrados pelos comerciantes mais tarde nesse ano. Quando os alimentos escasseiam, o cereal é regularmente vendido aos aldeões. Ateli conseguiu pagar o empréstimo em apenas quatro anos.

Impacto do projecto

Os aldeões de Ateli acolheram entusiasticamente o banco de cereais e compreendem a vantagem de proteger o seu cereal. O banco permitiu aos agregados familiares sobreviver aos três meses de chuva do ano, que são normalmente uma época de escassez.



Alguns problemas

- Uma dificuldade tem sido a contabilidade. Neste ambiente rural, a maioria das pessoas não sabe ler nem escrever. A gestão do banco de cereais exige uma boa manutenção de registos.
- Se o cereal for fornecido a crédito para ajudar as pessoas durante os períodos mais difíceis, a cobrança das dívidas pode ser um problema e a comissão tem de ser muito paciente.
- O empréstimo inicial foi pago e, por isso, os únicos fundos de que o banco de cereais dispunha para as suas operações eram os poucos lucros que tinha feito durante os cinco anos de crédito. Isto tornou difícil comprar antecipadamente cereal suficiente para todos os agregados familiares da aldeia.

Algumas soluções

- As igrejas desempenham um papel importante, ensinando a ler, escrever e contar, para que pudessem ser mantidos melhores registos.
- Para aumentar o poder de compra dos bancos de cereais, a ONG local ofereceu novos empréstimos a todos os bancos de cereais bem geridos, incluindo o banco de Ateli.
- A ONG continuará a fornecer algum acompanhamento e apoio às comissões, mesmo depois de pagos os empréstimos, até considerar que a organização comunitária está suficientemente em controlo e o projecto é sustentável.

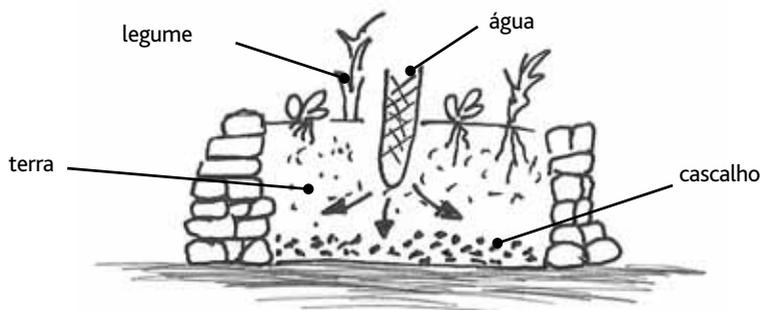
Segurança alimentar em áreas urbanas

As pessoas que vivem nas cidades não têm geralmente acesso a campos para cultivar os seus próprios alimentos e escolheram um meio de vida diferente. Muitos vivem em bairros de lata ou em blocos de apartamentos. Dependem mais da possibilidade de encontrar comida disponível no mercado local a preços acessíveis. Podem sofrer muitas vezes insegurança alimentar, não por as suas próprias colheitas falharem mas por os preços serem muito altos ou os seus rendimentos muito baixos. Contudo, existem algumas oportunidades nas áreas urbanas para as famílias cultivarem os seus próprios alimentos. Isto pode ser feito em hortas elevadas com abertura central ou em recipientes, conforme a seguir descrito. Existe às vezes a possibilidade de aceder a terrenos em escolas, recintos da igreja e outros centros comunitários.

Hortas elevadas com abertura central

Uma horta elevada com abertura central é uma estrutura simples construída com pedras, que funciona como uma bacia grande. É cheia com terra e resíduos de plantas e usada para cultivar

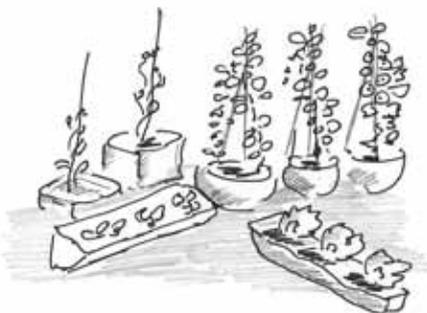
legumes. É mantida uma abertura no centro, que se enche com composto. A vantagem das hortas elevadas com abertura central é que não ocupam muito espaço. Podem ser cultivadas diversas culturas no mesmo local. Os proprietários podem regar a horta com água da chuva recolhida do telhado e com água residual. A água é geralmente adicionada através do composto no centro.



Hortas em recipientes

Outra forma de cultivar alimentos em cidades é usar recipientes velhos descartados, de plástico ou metal. Coloca-se areia e cascalho na base, para ajudar à drenagem, e enchem-se depois os recipientes com terra. A vantagem deste método é que os recipientes podem ser mudados de um lado para o outro e podem ocupar áreas não utilizadas como varandas e telhados rasos.

Outro método ainda é apoiar uma saca plástica entre paus de bambu e enchê-la com terra e composto. Abra buracos dos lados da saca para plantar legumes e plante outros legumes no cimo.

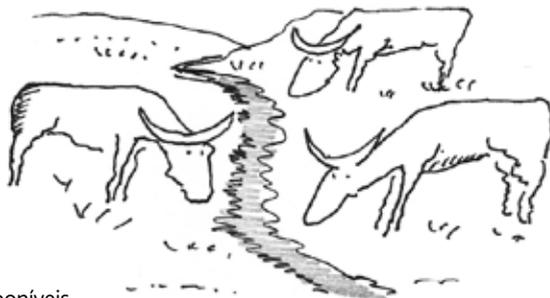


Meios de subsistência alternativos

Para muitos habitantes das cidades, estas opções de horticultura poderão não ser possíveis. As igrejas poderão ser capazes de encontrar apoio de ONG para iniciar programas alternativos de geração de rendimentos, para indivíduos ou grupos – por exemplo, pequenos negócios, lojas de alfaiate ou de chá.

Gestão da pecuária numa situação de seca

A gestão da pecuária é uma estratégia importante para mitigação da seca, porque muitos grupos de pessoas dependem do gado como principal meio de subsistência. Os factores a considerar incluem a duração esperada para a seca, as actuais provisões de água e rações, a composição e saúde do rebanho e os recursos financeiros disponíveis. São a seguir apresentadas algumas sugestões para métodos de gestão de rebanhos.



Redução do número de animais no rebanho

Quando há escassez de pastagens ou de água, uma solução consiste em avaliar os animais e vender aqueles que são menos úteis, por exemplo os animais mais velhos ou os machos excedentes. Outra solução é levar parte ou a totalidade do rebanho para pastagens menos afectadas pela seca – às vezes, estas pastagens podem ficar a muitos quilómetros de distância.

Desmame estratégico de bezerros

Durante uma seca, a produção de leite gasta rapidamente as reservas corporais de uma vaca. O desmame do bezerro dá à vaca mais probabilidades de sobreviver. A decisão de desmamar tem, no entanto, de ser tomada com relação à altura do ano e à idade do bezerro. Em anos de seca, é recomendado o desmame precoce. Os bezerros não devem ser desmamados antes dos três meses para terem o melhor início de vida possível e obterem todos os benefícios do leite da mãe, altamente nutritivo.

Controlo de parasitas

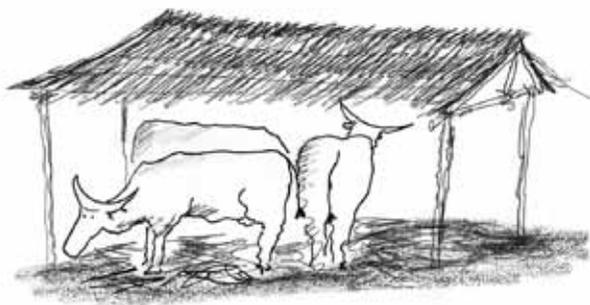
O gado submetido a stress nutricional e a outros tipos de stress é menos resistente a parasitas e doenças do que seria em condições normais. Os vermes podem ser um problema grave no gado mais jovem. Se parecer provável que venha a verificar-se uma seca, todo o gado com menos de 18 meses deve ser tratado contra os vermes com o medicamento apropriado. Os animais saudáveis sobrevivem por períodos mais longos quando a comida é escassa.

Evitar a água contaminada

As águas de superfície contaminadas podem ser perigosas para o gado debilitado pela seca. Poderão ser necessárias vedações para manter o gado afastado de cacimbas indesejáveis. A salinidade pode igualmente ser um problema em condições de seca: se o nível do lençol de água subterrâneo descer, a água pode tornar-se demasiado salgada para os animais a poderem beber com segurança. Em casos extremos, será necessário trazer provisões de água boa de carroça ou em autotanques.

Oferecer sombra

Tente encontrar pasto perto de árvores que possam oferecer sombra, ou construa um abrigo temporário com bambu e ervas onde o gado possa descansar nas horas mais quentes do dia.



Métodos de pastoreio

Um problema comum durante a seca é que o pasto seca e não há alimentação alternativa para os animais. Isto tende a acontecer quando os rebanhos são demasiado grandes. Talvez seja possível estabelecer um sistema de pastoreio mais organizado usando cercados.

A gestão de pastagens pode também envolver a plantação de novas ervas e a colheita de culturas forrageiras para poder alimentar o gado quando não há pasto natural disponível.

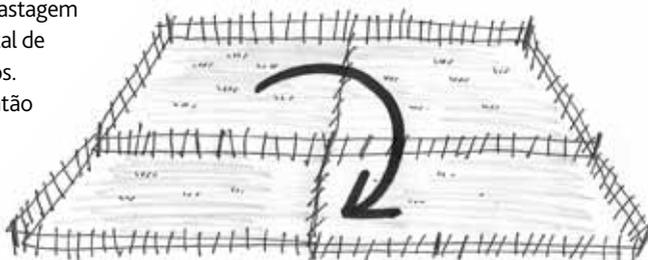
Pastagem em cercado

O método de pastagem em cercado (pequeno campo de pasto) é adequado quando a erva está a crescer bem e mais rapidamente do que o gado a pode comer. Qualquer excedente de erva pode ser cortado e transformado em palha (erva cortada e seca). A erva é cortada antes de florir, deixando 50 a 100 mm de restolho. A erva que contém flores não faz boa palha.

Pastagem diferida

Quando os terrenos de pastagem são de fraca qualidade, as vacas podem andar 3 km ou mais por dia, só para encontrar erva. Os campos de pastagem são grandes e podem precisar de longos períodos de descanso para recuperar de um período de pastoreio.

Para usar o método de pastagem diferida, divida a área total de pasto em quatro cercados. Todo o rebanho passa então quatro meses em cada cercado. Quando os quatro meses acabam, o rebanho passa para a próxima área e assim por diante. Desta forma, passam-se 12 meses até o primeiro cercado voltar a receber o gado, portanto, tem um ano inteiro para descansar e recuperar o crescimento.



Melhorar as pastagens

- Plante ou semeie ervas e leguminosas de valor nutritivo durante a estação das chuvas (veja a seguir os tipos de plantas sugeridos).
- Antes que os pastos envelheçam, corte-os ou traga o rebanho para pastar neles. Isto assegurará que os animais são alimentados com ervas mais novas, com mais valor nutritivo. Ao mesmo tempo, certifique-se de que as pastagens não têm uma utilização excessiva, visto que isto pode eliminar as ervas mais nutritivas.
- Deixe o gado num local o tempo suficiente para comer as ervas melhores e as que não são tão boas. Se movimentar o gado demasiado cedo, só serão comidos os melhores tipos de ervas e os mais fracos continuarão, resultando em que o restolho espinhoso poderá acabar por dominar todo o terreno.

Algumas ervas valiosas para forragem...



Pasapalum –
boa para pastagem



Digitaria –
boa para palha



Pennisetum –
10 a 15 toneladas de
silagem por hectare
ao fim de 3 meses



Centrosema em
folha – leguminosa
forrageira e cultura
para adubação verde
valiosa

ESTUDO BÍBLICO**A fome e um futuro rei** Rute 1-4**Contexto**

A história de Rute tem lugar no Antigo Testamento, no tempo dos juízes, antes de Israel ter um rei. Um homem chamado Elimeleque, a sua mulher Noemi e os seus dois filhos viviam em Belém, numa área agrícola fértil. Houve uma fome naquela altura, possivelmente



como resultado de seca, ou talvez porque os ataques das tribos vizinhas dificultassem o cultivo de alimentos. Elimeleque decidiu migrar com a sua família para a terra de Moabe – surpreendentemente, porque os moabitas (descendentes do sobrinho de Abraão, Lot) adoravam outros deuses e eram às vezes hostis para com os judeus.

Pouco depois, Elimeleque morreu. Os seus filhos, Malom e Quiliom, casaram com mulheres moabitas, Rute e Orfa, mas passados cerca de dez anos outra tragédia aconteceu e os dois homens morreram. Noemi ficou sem marido, sem filhos e sem netos. Quando ouviu dizer que havia de novo comida em Belém, decidiu voltar para a terra. Pediu às noras que ficassem em Moabe e voltassem a casar. Orfa concordou, mas Rute insistiu em voltar para Belém com Noemi, dizendo “Aonde quer que tu fores, irei eu; e onde quer que pousares, ali pousarei eu; o teu povo será o meu povo, o teu Deus será o meu Deus.” (Rute 1:16).

Os capítulos que se seguem revelam muito sobre a cultura e os costumes antigos de Israel. Noemi e Rute, como retornadas pobres, mantêm-se vivas graças aos sistemas de defesa usados pelos pobres e à intervenção de um familiar rico – “um parente-redentor” (Rute 2:20). A lealdade e o bom carácter de Rute são recompensados. Ela casa com Boaz e dá à luz Obede – o avô do maior rei de Israel, David (Rute 4:16-17).

Pontos-chave

- Os desastres, como a fome, podem causar migrações e a degradação da vida normal em sociedade. Podem perder-se familiares. No entanto, Deus é fiel ao seu povo e o seu amor não muda, nem mesmo em épocas de escuridão e desespero.
- Deus tem os seus próprios planos e finalidades maiores para o seu povo. A tragédia e as perdas humanas podem atrasar esses planos, mas Deus é capaz de usar essas adversidades para atingir os seus objectivos últimos.

- Todas as sociedades têm os seus mecanismos de defesa que permitem às pessoas sobreviver em épocas difíceis. Qualquer ajuda externa em situações de desastre tem de reconhecer e reforçar esses sistemas e não desvalorizá-los ou destruí-los.

Perguntas

- 1 *A fome em Belém levou Elimeleque e a sua família a migrar para Moabe. Porque pensa que ele escolheu uma terra onde eram adorados outros deuses e um povo que era às vezes hostil ao seu? Em épocas de dificuldade, como é que as pessoas decidem hoje para onde migrar?*
- 2 *Em Moabe, o marido de Noemi morre, seguido poucos anos depois pelos seus dois filhos. Ela decide voltar para a sua terra e a nora Rute está decidida a ir com ela. Como se sentia Noemi quando chegou a Belém (Rute 1:19-22)? Até que ponto é que nós deitamos as culpas a Deus quando enfrentamos tempos de crise nas nossas próprias vidas?*
- 3 *Noemi e Rute chegaram na época da colheita da cevada. (A cevada é um cereal semelhante ao trigo.) Que costume segue Rute que permitia aos pobres partilhar da colheita (Rute 2:2-3 e 5-7)? A sua cultura tem alguns sistemas semelhantes para ajudar as pessoas pobres?*
- 4 *Como é que Rute foi tratada pelo proprietário dos campos onde ela trabalhava (um homem chamado Boaz)? Porque é que ele foi assim bondoso para com ela (Rute 2:8-13)?*
- 5 *Noemi reconhece Boaz como parente do seu falecido marido. Como é que a atitude dela para com Deus começa a mudar (Rute 2:19-20)? Que provas encontra da bondade de Deus para com Rute e Noemi, apesar de Rute ser estrangeira? Como é que nós tratamos os estrangeiros em épocas de desastre?*
- 6 *Os israelitas tinham um sistema de "parentes-redentores" que eram, de uma maneira geral, relativamente abastados. O parente-redentor era responsável por olhar pelos membros mais necessitados da sua família alargada. Como é que Boaz cumpre o seu dever de parente-redentor para com Noemi (Rute 4:1-10)? Como é que ele lida com o facto de Noemi ter um parente mais chegado?*
- 7 *A história tem um final feliz: Boaz compra o terreno de Elimeleque a Noemi e casa com Rute (Rute 4:9-12). O casal tem um filho a quem dá o nome de Obede. Como é que Obede se enquadra nos planos mais vastos de Deus para a nação de Israel (Rute 4:16-22)? Como é que Deus age mais tarde como "parente-redentor", através de outro bebé nascido em Belém?*

Revisão deste capítulo

- *Quais são os principais impactos da seca e da insegurança alimentar na sua comunidade?*
- *Qual seria a melhor forma de usar os formulários de avaliação da segurança alimentar dos agregados familiares para os tornar apropriados e relevantes para a sua situação local?*
- *Que métodos tradicionais de lidar com a seca têm sido usados na sua comunidade?*
- *Porque é que as mulheres e as crianças sofrem frequentemente mais que os homens durante épocas de seca? Como é que a igreja poderia responder às necessidades específicas das mulheres e crianças durante a seca?*
- *Que novas medidas de mitigação poderia a sua comunidade adotar para reduzir o impacto da seca?*
- *Quais os métodos de armazenar alimentos mais frequentemente usados na sua comunidade? Como poderiam ser melhorados?*
- *Quais são os erros comuns cometidos na gestão de bancos de cereais e como podem ser evitados?*
- *Quais são algumas das melhores formas de gerir o gado em situações de seca para o ajudar a sobreviver?*
- *Quais são algumas maneiras de produzir alimentos em áreas urbanas, onde o terreno é escasso?*

8

Terramotos

Introdução	204
Preparação para terremotos	206
O que fazer durante um terremoto	208
O que fazer após um terremoto	209
A resposta da igreja a um terremoto	210
Mitigação de danos de terremotos	211
Construção de casas, construção da comunidade	215
Estudo de caso: Casas resistentes a sismos no Peru	216
Estudo bíblico: O carcereiro de Filipos	217
Revisão deste capítulo	219

1

2

3

4

5

6

7

8

Introdução



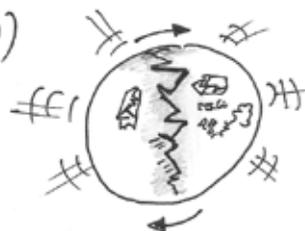
Um terramoto é um abalo súbito de uma secção da superfície rochosa exterior da Terra. Ao longo dos anos, as placas enormes que formam esta superfície deslocam-se lentamente por cima, por baixo e ao lado umas das outras. Uma vez, o movimento é gradual. Outras vezes, as placas bloqueiam entre si e não podem movimentar-se para libertar a pressão acumulada. Quando a pressão atinge uma força suficiente, as placas soltam-se, fazendo com que o solo trema lateralmente ou na vertical. A maioria dos sismos ocorre nas linhas de demarcação entre as placas. Quando o tremor pára, o terreno pode estar mais alto ou mais baixo que antes, pode haver fendas no solo e o nível do mar pode parecer mais alto ou mais baixo que anteriormente.



1. Movimento de aproximação de blocos da crosta terrestre.



2. As placas colidem e provocam um terramoto.



3. Depois de um terramoto, há às vezes tremores secundários.

Impacto de um terremoto e tremores secundários

Num deserto ou numa área montanhosa remota, um terremoto pode ser relativamente inofensivo. Quando acontece numa área povoada pode, no entanto, causar mortes e feridos e prejuízos materiais avultados. As infra-estruturas, como estradas, pontes e caminhos-de-ferro, são gravemente danificadas. Às vezes, serviços de urgência essenciais, como hospitais, são eles próprios destruídos. É provável que haja também impactos secundários: um terremoto pode desencadear deslizamentos de terras, avalanches, cheias repentinas, incêndios e tsunamis, que podem ter um impacto muito mais alargado, a muitos quilómetros do epicentro do sismo.

O movimento da crosta terrestre durante um terremoto raramente é a causa directa de mortes ou ferimentos. Noventa e oito por cento de todas as mortes provocadas por tremores de terra resultam do desmoronamento de edifícios e estruturas. Os edifícios com alicerces em terreno instável, ou com paredes que não estejam bem seguras aos alicerces e ao telhado, correm um risco elevado de falha estrutural e desmoronamento. Infelizmente, os regulamentos relativos à construção em áreas urbanas são frequentemente desrespeitados e os sistemas de implementação da lei são fracos. Há uma frase muito conhecida: "São os edifícios que matam as pessoas, não são os terremotos."

Os tremores secundários são abalos mais fracos que ocorrem depois do tremor principal e podem causar novos danos aos edifícios já debilitados. Os tremores secundários podem continuar durante vários meses após o terremoto. Às vezes, um sismo pode ser de facto um abalo prévio, o indício de um tremor mais forte que está para vir.

Para além dos danos estruturais, os serviços de gás, electricidade, água e telefone podem ser todos eles afectados. Há ferimentos ligeiros causados por estilhaços de vidro e queda de objectos. Grande parte dos danos e lesões provocadas por terremotos é previsível e pode ser evitada melhorando a concepção dos edifícios e seguindo as directrizes simples aqui apresentadas.



Preparação para terremotos

Segurança pessoal

Deve tomar as seguintes medidas para se proteger a si e aos outros:

- Certifique-se de que está a par dos procedimentos para evacuação em caso de incêndio e de quaisquer planos para terremotos referentes a todos os edifícios que usa regularmente, incluindo o edifício da igreja.
- Identifique locais seguros em cada uma das divisões da sua casa, local de trabalho ou escola. Um local seguro pode ser debaixo de uma peça de mobiliário robusta ou contra uma parede interior – afastado de janelas, estantes ou mobiliário alto que lhe possa cair em cima.
- Pratique o procedimento **"baixar, cobrir e agarrar"**, a seguir em tremores de terra, em cada um dos locais seguros. **"Baixar"** significa sentar-se no chão. **"Cobrir"** significa proteger a cabeça com uma pasta de escola ou almofada. **"Agarrar"** significa agarrar uma peça de mobiliário robusta. Se não tem mobília sólida, sente-se no chão junto a uma parede interior e tape a cabeça e o pescoço com as mãos.
- Certifique-se de que todos os membros da sua família estão a par do procedimento correcto a seguir, especialmente as crianças.
- Mantenha uma lanterna (ou velas e fósforos) e sapatos junto à cama de cada pessoa à noite, juntamente com uma garrafa de água para beber (mudada regularmente).
- Coloque todo o mobiliário dos lados da sala e guarde os objectos pesados, como máquinas de costura, no chão e não em prateleiras altas. Pense na possibilidade de prender à parede armários pesados e estantes, com ganchos e suportes.
- Certifique-se de que todos os armários ou móveis altos são fechados e, se possível, à chave à noite.

Baixar! Cobrir! Agarrar!



- Esteja atento a qualquer comportamento fora do normal por parte de muitas aves ou outros animais ao mesmo tempo. Isto tem acontecido antes de outros tremores de terra e pode ser sinal de tremores iminentes.
- Aprenda a fechar as válvulas do gás em sua casa (se aplicável) e mantenha uma chave de porcas à mão para o efeito. É boa ideia desligar o gás à noite, ou quando sai de casa. (Após um terremoto, muitos incêndios resultam de fugas de gás.)
- Guarde e mantenha em ordem um kit de provisões para emergências num local de acesso fácil. Este kit deve incluir lanterna, fósforos e velas, materiais para primeiros socorros, medicamentos básicos, água e alguns alimentos secos. Uma panela poderá também ser útil.



Preparação da igreja e da comunidade

As igrejas em áreas propensas a sismos podem fazer muito para se prepararem para um possível terremoto:

- Faça a sensibilização para os perigos colocados por terremotos e treine todos os membros da igreja, novos e velhos, nas medidas correctas a tomar na eventualidade de um sismo (consulte "Segurança pessoal", acima).
- Avalie os riscos existentes no edifício da igreja e procure minimizá-los (por exemplo, há artigos em prateleiras altas, ou móveis pesados que possam cair e causar ferimentos?).
- Faça um exercício de evacuação da igreja, para o caso de ocorrer um abalo durante um dos cultos.
- Elabore um plano de emergência, para que a igreja possa assistir os seus membros e a comunidade mais vasta após um sismo. Ligue este plano aos planos do governo local. Pense em como as necessidades imediatas de salvamento, assistência médica, comida, água, abrigo e apoio emocional serão satisfeitas e certifique-se de que todos estão a par do plano.
- Identifique pontos de reunião seguros para cada grupo de edifícios, para que seja possível identificar quem poderá estar preso nos escombros através de uma "chamada".
- Pense na possibilidade de dar formação a uma equipa de voluntários que lidere os esforços de salvamento imediatos (antes da chegada de ajuda externa) e ofereça primeiros socorros (consulte o capítulo 2, páginas 41 a 45 e 62 a 66).
- Considere a possibilidade de guardar algumas ferramentas básicas – pás, pés-de-cabra, serrotes, cordas, etc. – numa arrecadação, caixa ou armário fora do edifício da igreja. Este armário pode estar fechado, mas deve haver várias chaves guardadas por diversos líderes da igreja e da comunidade. Tem de haver acesso rápido e fácil a estas ferramentas numa emergência.

O que fazer durante um terremoto

Se estiver dentro de casa quando os tremores começarem, faça o seguinte:

- Baixe-se, cubra-se e agarre-se, conforme anteriormente praticado. Mexa-se o menos possível.
- Se estiver na cama, mantenha-se lá, enrole-se e espere. Proteja a cabeça com uma almofada.
- Mantenha-se afastado de janelas para evitar ferimentos causados por estilhaços.
- Mantenha-se dentro de casa até os tremores pararem e ter a certeza que pode sair em segurança. Se pensa que o edifício foi danificado, abandone-o depois de terminado o abalo, usando as escadas em vez do elevador, para se precaver contra tremores secundários, cortes de energia ou outros danos.

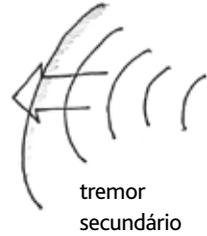


- Se estiver ao ar livre quando o tremor começar, procure uma área aberta (afastada de árvores, tapumes, sinais de trânsito, linhas de electricidade, edifícios, etc.) e deite-se ao chão. Mantenha-se assim até os tremores acabarem.
- Se estiver a conduzir, pare numa área aberta. Se possível, evite pontes, viadutos e linhas de electricidade. Mantenha-se dentro do veículo com o cinto de segurança apertado até os tremores acabarem. Conduza depois com cuidado, evitando fendas perigosas na estrada e pontes e rampas que possam ter sido danificadas. Esteja também atento a deslizamentos de terras que possam ter bloqueado ou destruído parte da estrada.
- Se cair uma linha de electricidade sobre o veículo, abandone-o com muito cuidado para não tocar nos cabos ou nas partes metálicas do carro.
- Se estiver numa área montanhosa ou perto de vertentes ou penhascos instáveis, mantenha-se atento à queda de pedras e outros destroços. Os terremotos desencadeiam frequentemente deslizamentos de terras.



O que fazer após um terremoto

Quando os tremores param, isso não significa que o perigo tenha passado.



Estas são algumas das coisas que deve fazer depois de um tremor de terra:

- Esteja atento à possibilidade de tremores secundários, deslizamentos de terras e incêndios, e prepare-se para eles.
- Se vive perto da costa, esteja atento à possibilidade de tsunami (uma onda muito grande) e vá rapidamente para terreno mais alto. Observe o comportamento dos animais: alguns poderão correr instintivamente para terras mais altas.
- Verifique rapidamente se há danos dentro e em volta da sua casa e faça sair toda a gente se a casa não está segura. Tente apagar pequenos incêndios e desligue as válvulas de gás.
- Veja se está ferido. Controle uma hemorragia forte antes de ajudar outros que estejam feridos ou presos. Se tem lesões mais graves, poderá precisar de procurar assistência médica e não estar em condições de ajudar outros.
- Certifique-se de que todos os membros da sua família estão em segurança. Marque a localização de qualquer familiar ou vizinho que saiba estar preso num edifício e procure ajuda. Tente passar água e pensos às pessoas presas ou feridas, através de aberturas.
- Sempre que sentir um tremor secundário, siga a regra para terremotos: baixar, cobrir e agarrar.
- Verifique os telefones em sua casa ou no local de trabalho para ver se funcionam. Faça telefonemas breves para as autoridades locais para participar situações de risco de vida.
- Ouça um rádio portátil, a pilhas ou de manivela, para informação de emergência actualizada e instruções.
- Abra as portas dos armários e móveis com cuidado, já que o conteúdo poderá ter-se deslocado.
- Ajude as pessoas que necessitem de assistência especial, como bebés, crianças e pessoas idosas ou portadoras de deficiência.
- Esteja atento a linhas de electricidade caídas ou roturas nos canos de gás e mantenha-se fora de edifícios danificados até as autoridades anunciarem que eles estão seguros. Se for essencial entrar num edifício (por exemplo, para salvar alguém), siga o procedimento descrito a seguir.



- Mantenha os animais sob controlo: após um terramoto, eles podem estar agitados ou agressivos.
- Tenha cuidado ao conduzir, já que as estradas poderão estar seriamente danificadas e perigosas nalguns sítios; deslizamentos de terras podem bloquear as estradas ou destruí-las.

Entrar em edifícios

Os pontos a seguir indicados são relevantes para toda a gente, mas especialmente para aqueles que vivem em áreas urbanas com abastecimento de gás, electricidade e água.

- Ao entrar em edifícios, tome todas as precauções. Os danos sofridos pelos edifícios podem afectar os pontos mais inesperados. Avance com o máximo cuidado.
- Examine as paredes, o piso, portas, escadas e janelas para se certificar de que o edifício não está em perigo de ruir.
- Verifique se existem fugas de gás. Se lhe cheirar a gás ou se ouvir um ruído como de sopro ou assobio, abra uma janela e abandone rapidamente o edifício. Desligue o gás se houver uma válvula acessível.
- Veja se o sistema eléctrico está danificado. Se vir faíscas ou fios partidos ou expostos, ou se sentir o cheiro do isolamento queimado, desligue a electricidade no interruptor principal ou disjuntor. Evite pisar água se a electricidade ainda estiver ligada.
- Numa cidade, veja se há roturas nos canos de água ou danos ao sistema de esgotos. A água pode ter sido contaminada por esgotos ou por lixo doméstico.



A resposta da igreja a um terramoto

A resposta da igreja a um terramoto dependerá em parte da quantidade de preparação efectuada antecipadamente. Se houver uma comissão de gestão de desastres (consulte o capítulo 2, página 39), uma equipa de voluntários com formação (capítulo 2, páginas 41 a 45), um plano de emergência claro ou ferramentas disponíveis e equipamento de primeiros socorros, a resposta será mais rápida e mais eficaz.

Na realidade, os terremotos são pouco frequentes e muito difíceis de prever, pelo que ocorrem muitas vezes em locais que não estão preparados. Foi este o caso com o terremoto de Janeiro de 2010 no Haiti, mas muitas igrejas urbanas de Port-au-Prince, mesmo assim, tomaram medidas para alojar e alimentar centenas de pessoas nos seus recintos.

Apresentamos a seguir mais algumas ideias:

- Os voluntários da igreja poderão ser capazes de ajudar na busca e salvamento. Os membros que possuam formação médica podem prestar os primeiros socorros de emergência aos feridos.
- Os sobreviventes podem ser acolhidos num recinto da igreja. Se o edifício ou o salão da igreja, ou a escola, continuam de pé e numa condição segura, podem ser usados como abrigo temporário.
- Pode ser oferecido apoio emocional e aconselhamento às pessoas enlutadas e emocionalmente perturbadas, bem como apoio através da oração.
- Serão certamente necessários funerais e enterros e estes deverão ser conduzidos de formas culturalmente apropriadas.
- Além da necessidade de abrigo, haverá provavelmente necessidade imediata de água, alimentos, sanitários e ajuda médica. A igreja poderá ser capaz de conseguir parte da ajuda necessária através de contactos com as autoridades locais ou com ONG, ou utilizando a mão-de-obra dos seus voluntários.
- A assistência às crianças e a protecção de órfãos vulneráveis devem constituir uma prioridade para a igreja. Os professores da escola dominical e os líderes da igreja devem receber formação para poderem identificar aqueles que se encontram mais em risco e tomar medidas para olharem por eles e os protegerem contra abuso e exploração. As igrejas devem criar um ambiente seguro e de confiança para as crianças e isso significa uma tolerância zero relativamente ao abuso e exploração de crianças. Para assistência, consulte o Resumo da política de protecção infantil da Tearfund:
<http://tilz.tearfund.org/Topics/Child+development/Child+Protection+Policy.htm>

Encontrará mais informação no capítulo 2: “Como podemos organizar-nos” (páginas 37 a 68) e no capítulo 4: “Pessoas deslocadas” (páginas 95 a 131).

Mitigação de danos de terremotos

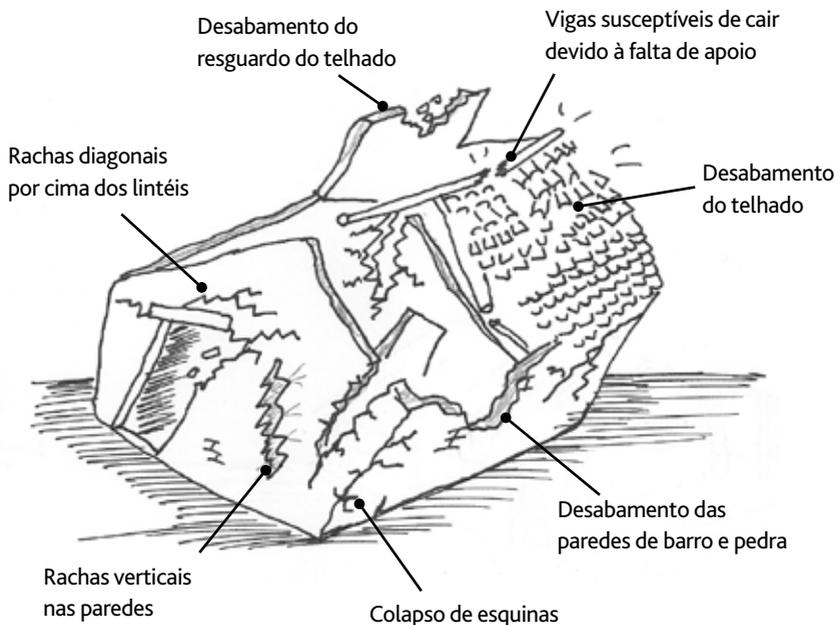
Os terremotos resultam de forças imensas que actuam no interior da terra que pisamos, mas, ainda assim, é possível limitar os prejuízos e reduzir o número de mortos e feridos.

Algumas possibilidades incluem:

- melhorar o design de novas casas e edifícios para os tornar mais resistentes a sismos e evitar ampliações fracas e pouco resistentes
- tornar as casas e os edifícios já existentes (incluindo as igrejas) mais resistentes a sismos, reforçando os componentes fundamentais da estrutura e os alicerces

- evitar áreas que possam estar em alto risco após um terramoto, por exemplo encostas vulneráveis a deslizamentos de terras e zonas costeiras planas em risco de tsunamis.

A imagem seguinte destaca os principais impactos que um terramoto pode ter num edifício. O estudo dos pontos de derrocada de um edifício pode ajudar-nos a construir estruturas que sejam mais resistentes a sismos.



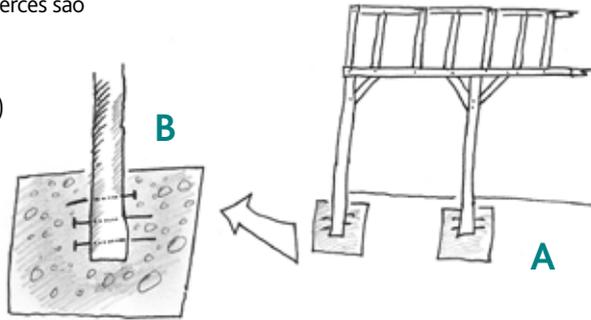
Construção económica de casas resistentes a terremotos

Apresentamos aqui algumas sugestões para a construção económica de casas resistentes a sismos. Aplicam-se à construção em adobe (tijolos secos ao sol). Também são úteis para a construção de novos edifícios para a igreja ou para o reforço de edifícios já existentes. Alguns dos pontos são um pouco técnicos, mas deverão ser entendidos por qualquer construtor ou empreiteiro. As características de resistência a sismos podem variar para outros tipos de construção.

- Tente construir apenas estruturas de um único andar. Dois ou mais andares têm probabilidades de cair.
- As casas em zonas com invernos frios têm frequentemente um telhado pesado construído com vigas e terra compactada. Estes telhados são muito perigosos – é muito melhor usar um telhado leve isolado em alternativa. As chapas metálicas leves têm menos probabilidades de ferir as pessoas em caso de terremoto, se bem que, numa situação de ciclone, com ventos fortes, as chapas metálicas possam ser arrancadas e provocar mais vítimas.

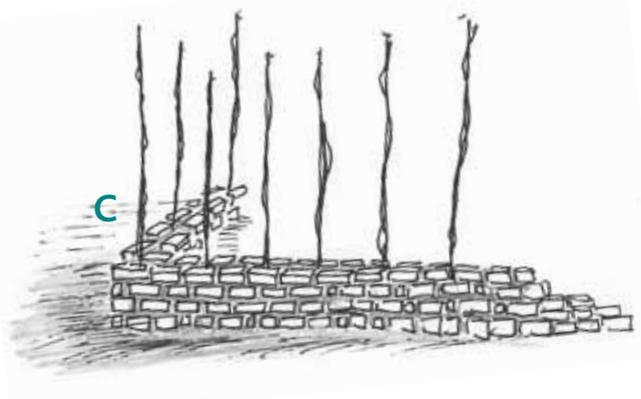
- Desenhe as paredes de forma a proporcionar apoio mútuo através de paredes transversais e intersecção de paredes a intervalos regulares em ambas as direcções, ou use contrafortes.
- Mantenha as aberturas na parede pequenas e bem espaçadas.
- Certifique-se de que os alicerces são em betão, para dar mais estabilidade.

- Use colunas de madeira (A) tratada com alcatrão ou pez para proteger contra a humidade, betonadas no chão e com pregos embutidos na madeira da base para proporcionar fixação adicional (B).



- Reforce as paredes com varas de bambu (C), para maior estabilidade.

- Reforce o telhado pregando o material do telhado às respectivas vigas e amarrando as vigas aos postes verticais com arames de telhado ou cintas metálicas, para proteger contra vento forte e movimento do solo.

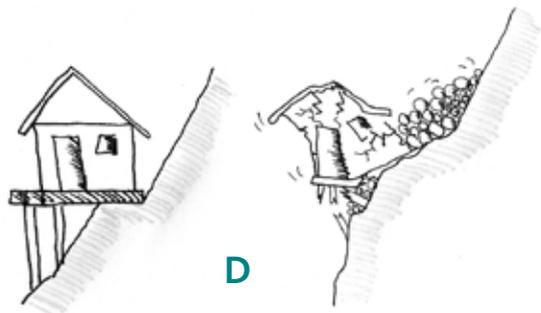


- Estabilize o adobe com uma pequena quantidade de cimento para o reforçar.

- Reforce as esquinas do edifício com tijolos extra ou contrafortes.

- Reforce os lintéis com rede metálica ou varões de aço.

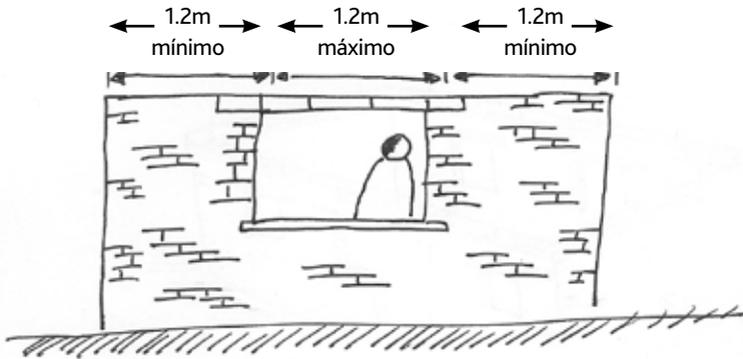
- Evite construir em vertentes íngremes. Os edifícios apoiados por pilares em vertentes têm probabilidades de cair (D).



Reforçar as paredes

As paredes são os principais elementos de suporte num edifício de adobe. A sua resistência a sismos pode ser reforçada como se segue:

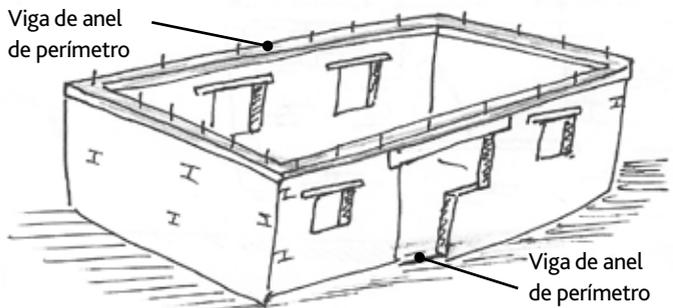
- A altura da parede não deve exceder oito vezes a espessura da respectiva base e a parede não deve ter mais de 3,5 metros de altura.
- O comprimento de parede sem apoio, entre as paredes transversais, não deve exceder dez vezes a espessura da parede, com um máximo de 7 m.
- As aberturas na parede não devem exceder um terço do comprimento total da parede.
- Nenhuma abertura deve ter mais de 1,2 m de largura.
- As secções de parede entre as aberturas devem ter uma largura de, pelo menos, 1,2 m.



Vigas de anel de perímetro

Uma viga de anel de perímetro (também chamada viga de coroa, colar, viga de ligação ou de consolidação ou cinta anti-sísmica) é uma banda contínua de madeira ou betão em volta de um edifício, que consolida as paredes numa estrutura semelhante a uma caixa. Há geralmente, pelo menos, duas, uma nos alicerces e a outra imediatamente acima das janelas e portas. São

um dos componentes mais essenciais de resistência anti-sísmica para alvenaria de suporte ou edifícios de adobe. A viga de anel de perímetro tem de ser robusta, contínua e bem fixa às paredes, bem como ao telhado,



apoiando-o. Uma viga de betão tem de ser reforçada com varões de aço. As esquinas do edifício devem ser também reforçadas com varões de aço verticais, fixos às vigas de anel de perímetro e também à estrutura de telhado.

A resistência anti-sísmica é um tópico técnico e a melhor solução é aconselhar-se com um engenheiro estrutural qualificado, especialmente se estiver a planear uma nova igreja ou escola.

NOTA: Às vezes, os edifícios são construídos usando projectos com resistência anti-sísmica, mas são-lhes depois acrescentadas ampliações que não têm essa resistência. O processo de construção pode ele próprio danificar as vigas de anel de perímetro ou outras características essenciais e todo o edifício fica debilitado. Se está a ampliar uma casa, certifique-se de que são respeitadas as regras relativas a sismos. É preferível acrescentar divisões ao lado, em vez de por cima, das divisões já existentes.

Construção de casas, construção da comunidade

Após um grande terramoto, existe a oportunidade de usar a fase de reconstrução para aprender novas competências e construir casas melhores, mais resistentes. Existe, ao mesmo tempo, uma oportunidade paralela para reforçar a cooperação entre os membros da comunidade.

As etapas que se seguem descrevem um processo típico que os grupos comunitários podem seguir, talvez sob a liderança de membros da igreja que possuam as competências apropriadas.

1. São feitas reuniões da comunidade para analisar os erros de design das casas anteriores e debater as razões pelas quais eram vulneráveis a danos causados por sismos.
2. Os membros da comunidade recebem formação de um arquitecto e um construtor experientes em como construir casas económicas e resistentes a sismos.
3. As famílias projectam as suas casas, usando as sugestões das sessões de formação em resistência anti-sísmica.
4. Os membros da comunidade começam então a construir, aplicando as suas novas competências, trabalhando em pequenos grupos para construir as casas uns dos outros.

NOTA: Em locais onde a construção é sempre feita por pedreiros e carpinteiros, estes artesãos devem receber formação em métodos de construção com resistência anti-sísmica.



Estudo de caso

Casas resistentes a sismos no Peru

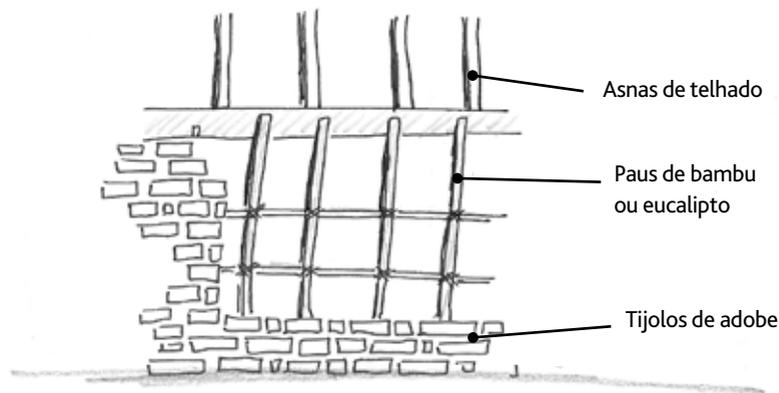
As casas de adobe tradicionais são construídas com tijolos secos ao sol. São usadas no Peru há séculos e são populares porque o adobe, que consiste em palha e barro, é facilmente acessível e barato. As casas podem ser construídas por trabalhadores não qualificados e são resistentes ao fogo. O adobe não oferece, porém, resistência contra sismos.

As casas de adobe servem aproximadamente 65 por cento da população rural e 35 por cento da população urbana no Peru. Durante o terramoto de 1970, morreram 50.000 pessoas e foram destruídas mais de 60.000 casas – um nível de destruição que pode ser atribuído em grande parte aos tipos de casas tradicionais. Quando há um terramoto, as paredes destas casas caem para o lado de fora e o telhado de lama seca, que chega a pesar dez toneladas, cai e esmaga os ocupantes.

Os novos métodos de construção incluem o reforço das paredes com paus de bambu ou de eucalipto pouco dispendiosos, ancorados nos alicerces, juntamente com canas horizontais amarradas aos paus a intervalos de quatro fileiras de tijolo. Os paus são fixos a vigas de madeira paralelas no cimo das paredes, que funcionam também como apoios do telhado.

Estas alterações estruturais permitem que as paredes e o telhado reajam às vibrações de um sismo como uma unidade estrutural e não como elementos separados. Os métodos melhorados foram submetidos a ensaios na Pontificia Universidad Católica del Perú, numa plataforma sísmica que simula terramotos. Os melhoramentos conseguiram tornar as construções de adobe resistentes à força dos terramotos mais fortes do Peru.

Fonte: Practical Action Peru



ESTUDO BÍBLICO**O carcereiro de Filipos**

Actos 16:22–30

Na Bíblia, os terremotos têm às vezes um significado e uma finalidade. Outras vezes, são simplesmente acontecimentos históricos.



1 REIS 19:11–12 Elias foge da rainha Jezabel e encontra-se com Deus no Monte Horebe. Há um vento forte e depois um terremoto e um incêndio – mas Deus escolhe revelar-se não por estes meios, mas por meio de “uma voz mansa e delicada”.

ISAÍAS 29:6 O profeta escreve: “Da parte do Senhor dos exércitos será ela visitada com trovões, e com terremotos, e grande ruído, como tufão, e tempestade, e labareda de fogo consumidor.” Ele ajudará o seu povo contra os seus inimigos.

AMÓS 1:1 E ZACARIAS 14:5 É usado um terremoto específico durante o reinado do Rei Uzias para marcar a data do ministério de Amós e é referido como um acontecimento histórico por Zacarias.

MATEUS 24:7 Jesus fala de terremotos (juntamente com fome e guerra) como acontecimentos futuros, que serão um sinal do seu regresso iminente.

MATEUS 27:54 E MATEUS 28:2 São registados terremotos como ocorrendo na natureza como sinais de acontecimentos espirituais importantes – a morte de Jesus e a sua ressurreição, poucos dias depois.

ACTOS 16:22–30 Um terremoto funciona como potencial meio de libertação da prisão! Paulo e Silas, na prisão em Filipos, são libertados por um violento terremoto.

REVELAÇÃO 16:18 É registado um terremoto tremendo como parte dos acontecimentos horríveis que têm lugar na Terra, segundo a visão do futuro de João.

Contexto

Paulo visitou Filipos durante a sua segunda grande viagem missionária, tendo sido guiado pelo Espírito Santo a atravessar da Ásia Menor (a moderna Turquia) para a Grécia (Actos 16:6–12). Filipos era uma cidade importante, uma colónia romana, onde os Romanos gozavam de muitos privilégios, incluindo isenção de espancamentos e prisão. Foi aí que Paulo conheceu Lídia, uma comerciante de tecidos em tons de púrpura, e ela e a sua família tornaram-se os primeiros crentes na cidade – o núcleo da primeira igreja europeia. A oposição não tardou, porém, a surgir (versículos 16–22). Os magistrados locais, que não sabiam da identidade de Paulo e Silas como cidadãos romanos, mandaram que fossem açoitados e presos (versículos 23–24).

Paulo e Silas, com os pés presos e a sofrer as dores dos seus ferimentos, passaram a noite em oração e louvor, com os outros prisioneiros a ouvir (versículo 25). Durante essa noite, houve um violento terramoto.

(Os terramotos eram bem conhecidos nos tempos do Novo Testamento e da igreja primitiva. Éfeso, outra grande cidade do século primeiro, situada do outro lado do mar em frente a Filipos, foi severamente danificada por terramotos nos anos 23, 262 e 614 d.C.)

Pontos-chave

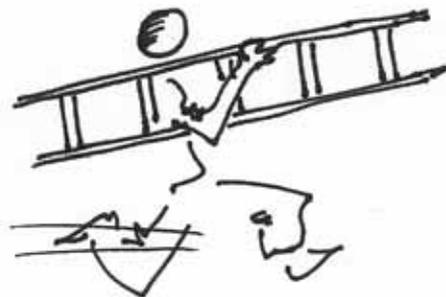
Deus usou o terramoto em Filipos para libertar Paulo e Silas, mas também para transmitir a mensagem cristã ao carcereiro e à sua família e provavelmente a outros prisioneiros. O comportamento de Paulo e Silas, primeiro pelo seu louvor e depois pela recusa em fugir, teve um grande impacto no carcereiro e nos outros prisioneiros. Um desastre causa muito sofrimento, mas ainda assim Deus é capaz de trazer algum bem, até mesmo através do pior desastre.

Perguntas

- 1 *Como acha que Paulo e Silas se sentiriam depois dos acontecimentos traumáticos do dia?*
- 2 *Qual foi o impacto imediato do terramoto no edifício da prisão, em Paulo e Silas, e nos outros prisioneiros (versículo 26)?*
- 3 *Qual foi a primeira reacção do carcereiro a estes acontecimentos (versículos 27-28)? (Os carcereiros naquele tempo seriam severamente punidos se perdessem os seus prisioneiros.) Como é que ele respondeu à afirmação de Paulo de que nenhum prisioneiro tinha fugido? Como é que a vida mudou para o carcereiro e para a sua família depois do terramoto?*
- 4 *Os primeiros crentes de Filipos tinham diversas origens. Lídia vinha de Tiatira, na Ásia Menor (agora a Turquia); outros crentes eram possivelmente gregos. A escrava anteriormente possuída por um espírito maligno (versículos 16-18) poderia ter vindo de qualquer um dos países mediterrânicos. O carcereiro e a sua família eram provavelmente romanos. Que tipo de igreja poderíamos esperar ver em Filipos? Como é que esta igreja ilustra Gálatas 3:26-28?*
- 5 *Que bem pode Deus trazer hoje através da terrível destruição e perda de vida geralmente associadas a terramotos? Como é que o comportamento dos socorristas pode ter um efeito positivo? Que benefícios poderão advir para a comunidade e para a igreja do subsequente programa de recuperação?*

Revisão deste capítulo

- *Quais são as principais causas de terremotos e quais os seus principais efeitos numa comunidade?*
- *O que podem as igrejas fazer para preparar os indivíduos e agregados familiares para um terremoto?*
- *O que podem as igrejas fazer na sequência de um terremoto?*
- *A que riscos necessita de estar atento ao entrar num edifício que tenha sido afectado por um terremoto?*
- *Que tarefas podem os voluntários realizar para ajudar as vítimas de um terremoto?*
- *Quais são algumas das coisas que pode fazer para construir casas baratas mais resistentes aos danos provocados por sismos?*
- *Porque é que é importante envolver toda a comunidade no planeamento e design de novas casas resistentes a sismos?*



Notas

Notas

Notas

Notas

Notas

